

HELOISA ANTONELLI AUN

**TRÁGICO AVESSE DO MUNDO: NARRATIVAS DE UMA PRÁTICA
PSICOLÓGICA NUMA INSTITUIÇÃO PARA ADOLESCENTES
INFRATORES**

SÃO PAULO
2005

Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca

e Documentação do Instituto de Psicologia da USP

Aun, H. A.

Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores / Heloisa Antonelli Aun – São Paulo: s.n., 2005. – 136p.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade.

Orientadora: Henriette Tognetti Penha Morato.

1. Narrativas 2. FEBEM-SP 3. Fenomenologia existencial 4. Aconselhamento psicoterapêutico 5. Aconselhamento de grupo I. Título.

HELOISA ANTONELLI AUN

**TRÁGICO AVESSO DO MUNDO: NARRATIVAS DE UMA PRÁTICA
PSICOLÓGICA NUMA INSTITUIÇÃO PARA ADOLESCENTES
INFRATORES**

Dissertação apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Prof^a Dr^a Henriette Tognetti Penha Morato

SÃO PAULO
2005

À *abuela* Ângela Quiroga Antonelli (*in memoriam*), que tanto valorava a narrativa e, através de muitos versos, fez-se a mais querida contadora de estórias que conheci.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo amor e dedicação transmitidos na sinfonia de mãos digitando... traduzindo... investigando... recortando... desenhando... revisando... ou simplesmente acompanhando, deixando-me tão próxima mesmo distante!

Aos meus queridos sobrinhos, Amanda e Arthur, pelo olhar maravilhado e curioso das primeiras descobertas, trazendo-nos de volta o quase esquecido encantamento do simples.

Ao João Pompéia, pelos instantes de “caminho do campo”.

Aos meus queridos amigos e companheiros do LEFE André, Nati, Tio Chico, Sasha e muitos outros co-autores desta narrativa, pelos laços de cuidado que ainda me sustentam em cada ida a outro mesmo desafio, e pelos momentos para *castelar*....

Aos meus amigos, por perdoarem minha ausência.

À Lucia Barbanti, pelo aconchego de um dizer afortunado por preciosos entrelaçamentos de versos.

À minha orientadora, supervisora e amiga, Henriette Morato, pelos *debates*, e principalmente pela autorização e confiança dadas... por vezes ao avesso, é verdade!... mas condutoras, quase às escuras, às psicologias que ia (me) descobrindo... inventando.

Aos adolescentes e funcionários das unidades de internação por onde passei, pela *surra nas idéias*!

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo amor e dedicação transmitidos na sinfonia de mãos digitando... traduzindo... investigando... recortando... desenhando... revisando... ou simplesmente acompanhando, deixando-me tão próxima mesmo distante!

Aos meus queridos sobrinhos, Amanda e Arthur, pelo olhar maravilhado e curioso das primeiras descobertas, trazendo-nos de volta o quase esquecido encantamento do simples.

Ao João Pompéia, pelos instantes de “caminho do campo”.

Aos meus queridos amigos e companheiros do LEFE André, Nati, Tio Chico, Sasha e muitos outros co-autores desta narrativa, pelos laços de cuidado que ainda me sustentam em cada ida a outro mesmo desafio, e pelos momentos para *castelar*....

Aos meus amigos, por perdoarem minha ausência.

À Lucia Barbanti, pelo aconchego de um dizer afortunado por preciosos entrelaçamentos de versos.

À minha orientadora, supervisora e amiga, Henriette Morato, pelos *debates*, e principalmente pela autorização e confiança dadas... por vezes ao avesso, é verdade!... mas condutoras, quase às escuras, às psicologias que ia (me) descobrindo... inventando.

Aos adolescentes e funcionários das unidades de internação por onde passei, pela *surra nas idéias!*

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
CAPÍTULO I Uma face entre muitas outras possíveis se olhada pelo avesso do mundo: questionamentos através de uma prática.....	01
1. Eu-plantonista: clínica transgredida em uma instituição para transgressores	03
2. Eu-supervisora: transitando entre olhares ameaçados e/ou ameaçadores..	11
CAPÍTULO II Caminho para uma reflexão da prática: primeiras impressões e diários como expressão do vivido.....	15
1. Diário de Bordo: registro e narrativa.....	18
2. Primeiras impressões.....	24
2.1 O Filme.....	25
2.2 O Conto.....	28
CAPÍTULO III O avesso do instituído: o vivido instituindo uma prática psicológica contextualizada.....	31
1. Cartografando.....	32
2. Plantão Psicológico	36
2.1 Modo de estar como rede de cuidado no grupo.....	39
2.2 Apresentação.....	42
2.3 Clínica ampliada.....	46
3. Supervisão de campo.....	53
CAPÍTULO IV Uma instituição para adolescentes infratores: a face instituída e o verso instituinte cartografados como engendramento de prática contextualizada.....	59
1. Espaço Compartilhado: um caminho para uma ação.	60
2. Em nome do crime: um contra-conto ou uma nota ao avesso?.....	66
3. O seguro: uma caricatura de sobreposições de exclusão.....	76
CAPÍTULO V- Plantão Psicológico aos protagonistas do pátio: escuta ao <i>interditado</i>	83
1. Limites da cena institucional: o desmesurado.....	86
1.1 Casa zerada.....	89

1.2 Casa dominada	95
2. Violência: a trágica desmesura humana do homem	100
CAPÍTULO VI Atenção Psicológica: <i>desafios à atitude clínica</i>	104
1. Rede de cuidado: entre o plantão e o apoio.....	105
1.1 Plantão Psicológico.....	105
1. 2. Apoio Psicológico.....	108
1.2.1 Do Agente de Educação.....	108
1.2.2 Do Técnico.....	109
1.2.3 Do Apoio Psicólogo propriamente dito.....	111
2. O retrato atual da FEBEM: reflexões pela atenção.....	114
3. Uma marca bem brasileira: o malandro.....	119
ANEXOS	
Anexo A Fanzine: Apresentação do Plantão Psicológico aos Adolescentes.	122
Anexo B Quadro Humano da Unidade de Internação α.....	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
GLOSSÁRIO	132

RESUMO

AUN, Heloisa Antonelli. Trágico Averso do Mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores. São Paulo, 2005. 136 p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Através de narrativas dos Diários de Bordos dos plantonistas, esta investigação fenomenológica, interpelada principalmente por autores da Psicossociologia Clínica, propõe a reconstituição do Plantão Psicológico a adolescentes e funcionários de quatro unidades de internação da Fundação do Bem Estar do Menor (FEBEM) do Estado de São Paulo, localizadas em dois complexos da capital. Realizada pelo Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia e Fenomenológica Existencial (LEFE) da Universidade de São Paulo (USP), esta prática psicológica acontecia como *cartografia clínica*. Descortinavam-se conflitos que dividiam a instituição como num campo de guerra: inimigos e/ou aliados; olhares ameaçados e/ou ameaçadores. Cada unidade de internação, na tensão de uma explosão sempre iminente, mostrava-se como uma caricatura das relações e conflitos humanos inserida em uma cultura instituída por *inter-ditos* e ampliada, ao avesso, por códigos de honra do trágico cenário, violento e rígido, do *mundo do crime*. Neste contexto, no pátio das unidades, acontecia o Plantão Psicológico, que revelava um outro modo de clinicar, resgatando a possibilidade da intimidade respeitada no e pelo espaço público.

Palavras-chave: 1. Narrativas 2. FEBEM-SP 3. Fenomenologia existencial 4. Aconselhamento psicoterapêutico 5. Aconselhamento de grupo

ABSTRACT

AUN, Heloisa Antonelli. The tragic hidden reality: narratives describing the practice of psychology in an institution for young offender. São Paulo, 2005. 136 p. Master's of Science Dissertation. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Based on attendants' On-Board Narratives, this phenomenological investigation, interposed especially by authors of Clinic Psycho-sociology, proposes the reconstitution of the "Psychological Stand-by Service" performed to teenagers and employees of four interns' unities of FEBEM, (juvenile detention center) of Sao Paulo, located in two buildings in the city of Sao Paulo. This psychological practice, presented by the Laboratory of Practice and Studies on Phenomenological Existential Psychology (LEFE) of the University of Sao Paulo (USP), used to occur as a *clinical cartography*. Conflicts were being revealed dividing the institution like a battle field: enemies and/or allies; threatening and/or threatened looks. On the edge an imminent explosion, each interns' unit presented itself as a human relationship and conflicts' sketch, inserted in a culture of *interdict* and amplified, in a reversed way, by codes of honor of the tragic, violent and rigid scenery of the criminal world. In this context, at the unit's patio, the "psychological stand-by service" were taking place, revealing a different way of performing the clinical treatment, recalling that intimacy can be respected in the public space and for it.

Key-words: 1. narratives 2. FEBEM-SP 3. phenomenological existential 4. psychological counseling 5. group counseling.

CAPÍTULO I

UMA FACE ENTRE MUITAS OUTRAS POSSÍVEIS SE OLHADA PELO AVESSE DO MUNDO: QUESTIONAMENTOS ATRAVÉS DE UMA PRÁTICA.

As mãos atirem por aí, que desvivam como viveram

Mario de Andrade

Tentarei deixar minhas mãos desviverem o que vivi. Escrever seria como deixar viver experiências, re-tecer pelo verso meu testemunho através da narrativa de estórias e ao mesmo tempo ouvi-las novamente na tentativa de enterrá-las em mim, deixando-as viver eternamente. Contar um conto aumentando vários pontos... pontos-cruz. Falo de situações intrincadas, ou cruzadas como fios de uma renda tecida e bordada, da qual não se sabe ao certo quando ou por que(m). Uma rede de relações humanas: de medo e revolta, crime e punição.

São estórias vividas, biografias que se cruzaram e se mesclaram em encontros. Foram cinco anos como viajante e se ainda posso contá-las com propriedade é porque, além de estar tatuada por cada experiência vivida, tenho também meu diário de bordo. Essa forma de registro transpassa um simples relatório descritivo: ela diz de nós com todo nosso envolvimento, percepções e sensações. Escrever

esses diários foram momentos de criação, momentos que apresentarei aqui, marcando cada trecho.

Cursava o quinto ano de Psicologia quando fui chamada pelo Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica e Existencial¹ (LEFE) para desenvolver prática psicológica, clínica e social, em unidades de internação da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor do Estado de São Paulo – a FEBEM. Era 1999, ano em que muitas rebeliões aconteceram e todos estávamos perplexos assistindo o horror de revoltas sangrentas trazidas pela mídia. Buscando conhecer e me aproximar um pouco mais da instituição, que parecia tão sombria e assustadora, procurei pela literatura. No singular de cada livro, encontrava relatos de desamparo e violência. Percebia uma crise institucional, uma eterna insuficiência e desamparo social. E antes mesmo de iniciar meu trabalho, fui tragada por uma situação de impotência diante da inexorabilidade deste outro mundo que começava a conhecer apenas através da memória escrita de alguns de seus protagonistas: o mundo do crime. Talvez minha primeira transgressão foi perceber que este outro mundo também fazia parte de mim.

Entre transgressões... procurando quebrar a ilusão da distância social, iniciei minhas andanças por várias unidades de internação da FEBEM, ora como plantonista, ora como supervisora, sempre clínica, debruçando-me atenta ao sofrimento do outro e ao meu encontro como psicóloga e também protagonista social.

Em meu trabalho na FEBEM e através de diários de estudantes-plantonistas, transitei por diversos olhares, em momentos e contextos diferentes. Desta forma, tudo o que me mobilizou a escrever esta dissertação apresenta-se como um

¹ Do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

mosaico de estórias, montado com pedaços de ladrilhos de diferentes cores, formas, texturas. Na tentativa de simplificar o olhar para este labirinto de peças, inicio com um texto composto por peças de meus próprios diários quando plantonista em uma unidade de internação.

1. Eu-plantonista²: clínica transgredida em uma instituição para transgressores

Tentarei fazer um recorte da experiência que tive como plantonista em uma unidade da FEBEM. Vinha de uma experiência de Plantão Psicológico na clínica-escola do Instituto de Psicologia da USP, que contava com um modelo estabelecido há anos e que nos resguardava, causando-me estranheza: esta prática do Serviço de Aconselhamento Psicológico parecia aproximar-se à triagem interventiva.³

Incomodada com tal experiência e ancorada na crença de que o plantão poderia acontecer simplesmente como plantão, aceitei o desafio de construí-lo em contexto outro. Pretendia me desamarrar, quebrar paradigmas, transgredir a prática já conhecida, realizando mudanças por uma ação criativa. Mas um trabalho em moldes tão distintos requeria mais: era como que uma revisão de tudo o que havia concebido como clínica psicológica, a desconstrução de um olhar, um jeito, um fazer.

² Uso como referência à tese de doutorado de Motaro, H.T.P. *Eu-supervisão: em cena uma ação buscando significado sentido*. 1989. 266 f. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo. 1989

³ O histórico do Plantão Psicológico e sua fundamentação teórica, que levaram o Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica e Existencial (LEFE) a colocá-lo como um novo desafio, foram temas aprofundados por Oliveira, R. G. (2005), em sua compreensão desta modalidade de prática psicológica em companhias da Polícia Militar.

A unidade de internação, a qual vou me referir nesta narrativa, era uma das ditas mais “problemáticas” do complexo. Abrigava internos com infrações graves e a maioria dos adolescentes já tinha alcançado a maioridade penal e, se não eram reincidentes na FEBEM, já tinham circulado por várias unidades e/ou complexos. Sua estrutura física parecia bonita; lembrava o pátio de colégio, espaços de educação talvez, mas um clima sombrio denunciava relações tortas, evidenciando proibições, ameaças, medo e descrença.

Ao entrar no complexo, tive a sensação de estar num conjunto de casas instituições nada padronizadas, cada um tinha um tipo de estrutura, cor etc. Parecia um depósito de casas, um condomínio, talvez, e ao mesmo tempo um grande labirinto.

Entramos no pátio. Este me lembrou um colégio ou um fundo de igreja. Rodeado por bancos de concreto. Havia, no espaço de cimento, um jardim com uma alta e antiga árvore; no teto, ainda resquício de bandeirinhas de festas juninas. Parte de canos ou barras de ferro de janelas e paredes pareciam ter sido arrancadas... provavelmente, usados como matéria prima para a confecção de arma. A quadra ficava logo à direita e separada apenas por um portão que permanecia aberto... os meninos podiam transitar à vontade. Esperava menos liberdade e algo mais padronizado para um complexo que tem a fama de abrigar os ditos “bandidões” da FEBEM e palco de tantas rebeliões. Apesar de mais liberdade, a revolta e a malandragem que senti por parte dos meninos eram mais marcantes... esperava o inverso.

Medo, surpresa, exclusão – assim fui tocada pela unidade que me fora designada para fazer Plantão Psicológico aos adolescentes. Durante as primeiras visitas, a proposta era conhecer espaços, rotinas, modos de se relacionar, regras... Entretanto, esta unidade parecia nos receber com um enorme abismo.

Chegamos lá alguns minutos mais cedo. A funcionária encarregada de nos encaminhar à apresentação ainda não havia chegado. Ficamos esperando no pátio. Lá, estavam cerca de meia dúzia de meninos... uns jogavam pingue-pongue, outros assistiam, outros lavavam seus pertences. Era uma manhã fria e, desta forma, nos sentamos na parte do pátio onde batia o sol. Ficamos lá alguns minutos e ninguém se aproximou... meninos ou funcionários. Algumas vezes devolvíamos a bolinha de pingue-pongue que desviava até nós... mas nenhum contato era feito... nenhum sorriso ou palavra de um formal agradecimento... nada. Senti-me invasora! Às 10:20, minha supervisora estava impaciente. Acredito que eu também, não pelo atraso da funcionária, mas pela situação de exclusão a que estávamos confinados.

Foi um início difícil. A unidade nos oferecera uma sala como se esta pudesse garantir o enquadre, preservando o sigilo do atendimento de olhos e ouvidos alheios. Mas estar entre quatro paredes dava a sensação de isolamento e insegurança; e o plantão, assim, foi acontecendo no pátio, local mais acessível e próximo dos adolescentes, facilitando a aproximação deles devido, principalmente, à maneira informal como nós nos apresentávamos.

Num espaço que abriga transgressores, leis e regras rígidas são criadas e mantidas pelos mesmos. Humildade, palavra cultivada entre os adolescentes, parece ser a virtude que norteia quase todas as regras. Para a manutenção desta “humildade”, por exemplo, todos devem falar da mesma maneira, em uma linguagem própria na qual há palavras e gestos proibidos.

Permanecer no pátio era também, para nós, uma forma de “estar” mais humildes, quebrando rótulos da Psicologia que aparecia, para eles, como um grande tabu: ora como algo místico, com o poder de adivinhação, ora como julgamento e avaliação, com o poder da caneta. Atentos a respeitar o trabalho de outros profissionais, explicávamos que também éramos psicólogos, mas estávamos em posição privilegiada já que nossa ação era desvinculada de relatório, juízes ou processos. Ao enfatizar a questão do sigilo profissional do plantão, realçávamos que este seria mantido tanto entre funcionários quanto entre os próprios adolescentes.

Por outro lado, este meio “aberto” possibilitava o olhar atento nas movimentações de adolescentes e funcionários, criando uma sensação de maior controle sobre o que estava acontecendo na unidade, já que podíamos, ao notar situações tensas, decidir permanecer ou não. Esta foi uma das primeiras situações ambíguas com que nos deparamos, uma vez que, paradoxalmente, nossa segurança parecia estar mais garantida em meio à instabilidade do pátio. *Na dúvida, não*

ultrapasse! Permanecer atentos aos sinais, quaisquer que fossem, nos consumia de tal forma que, por vezes, tínhamos a sensação de cansaço eterno, como uma descarga emocional grande demais.

A música não era “Sandy e Júnior”; era rap e num volume bem alto. Um menino estava dançando, subindo na parede e provocando a todos que passavam. Ficavam brincando de brigar... Brincadeiras bestas... Estavam se machucando... Batendo forte... Eu estava de olhos bem abertos ao meu redor. [...] estava atenta ao que estava acontecendo no pátio. Houve a formação e o coordenador de turno iniciou uma fala, ao mesmo tempo em que dava a bronca pela desordem, desabafava a falta de sentido de seu trabalho. Formados⁴, alguns meninos olhavam para a gente e de repente me deu a sensação de ‘o que estamos fazendo aqui?’ Ao mesmo tempo, queria ficar... mas pensava nas bolsas que estavam lá dentro e não daria tempo de pegá-las, caso tivéssemos que sair correndo. E se alguma coisa acontecesse? Pensei se estávamos lá por curiosidade mórbida [...] Fomos embora. Cheguei em casa e dormi toda a tarde!

A aproximação de adolescentes era difícil e constrangedora. Chegavam para experimentar, testar, avaliar e julgar, investigando quem éramos e o que fazíamos ali. Definir se éramos “boy” ou “mano” era uma questão crucial para eles, e, como éramos classificados na primeira categoria, tínhamos que nos defrontar com conseqüentes provocações, desprezo e até afastamento. Era nítido o sentimento de que, não compartilhando de muitos aspectos da realidade deles, não seríamos capazes de entendê-los e ajudá-los.

Estranhamento... Éramos constantemente mobilizados pelo confronto com o tão diferente. Quem éramos nós afinal? Quem eram eles? O que era ser infrator? O que era ser agressor e vítima? Que lugar ocupávamos nessa dicotomia? Tratava-se realmente de uma dicotomia?

Ao mesmo tempo em que os ajudávamos a revisitarem seus vários lugares e papéis sociais, eles também nos ensinavam a repensar nossos próprios paradigmas e

⁴ Sentados juntos, lado a lado.

fazerem. Diversas foram as vezes em que conversávamos sobre a nossa própria situação de ter sido assaltados ou sofrido qualquer tipo de violência; diversas foram as vezes em que eles nos contavam das situações em que amargaram a perda de alguém (um parceiro, um parente...) por causa da vida no crime⁵.

O confronto com a alteridade destacava as diferenças e semelhanças desses dois mundos que pareciam separados. Nessas relações, adolescentes e plantonistas iam descrystalizando as próprias concepções e tornando o outro e a si mesmo humanos. Assim, ser “boy” ou “mano” era ser gente, e, como tal, oscilar entre os papéis de agressor e vítima, bom e mau, rico e pobre... Mobilização essa causadora de inegáveis conflitos e angústias.

Foi quando a perua parou na frente da unidade e Tadeu, saiu chorando. Foi muito emocionante. Acho que desta cena eu nunca vou esquecer. Agora ele está no mundão! Será que encontrou Digo? Será que vão sair da correria⁶? Será que vão continuar vivos? Ou terão o mesmo destino de Pipoca⁷.... Talvez ou provavelmente eu nunca saiba! E eles? Será que sabem que a gente chora quando escreve um diário de bordo?

Configurado como um momento de parada e suspensão do já conhecido e cotidiano, o plantão facilitava aos adolescentes uma visão mais crítica de si e do mundo. Para transmitir essa percepção e transformá-la em pensamento, posteriormente, gostaria de terminar esta apresentação com uma experiência vivida em plantão com um menino que chamarei aqui de Anderson⁸.

Anderson tinha 19 anos, quando o conheci. Aproximou-se de mim apresentando as diversas etapas necessárias para a construção de uma casa miniatura feita com varetas de madeira. Após os primeiros contatos, aparentemente distantes de si, Anderson iniciou um longo caminho pelo plantão. Aproximava-se todos os dias,

⁵ Talvez possa ser feita uma reflexão entre “vida no crime” e “vida do crime”, até as considerações finais.

⁶ Vida no crime.

⁷ Adolescente assassinado três meses após a desinternação.

⁸ Preservando a identidade dos envolvidos nesta prática, todos os nomes, aqui utilizados, são fictícios.

ora para dizer um simples “oi”, ora para “castelar⁹”, ora para encontrar-se em sua própria estória.

Negro, alto, com um sorriso bonito, morava numa cidade do interior de São Paulo, nascido e crescido no crime. Toda sua família era envolvida em tráfico e roubo (tios, primos, irmãos...). Aprendeu a roubar aos oito anos com um tio e hoje *trabalha na boca de tráfico* do pai. Esta tradição familiar parecia diferenciar Anderson, conforme descrevi no meu diário:

É aquele cara que usa o crime para subir na vida, diferente dos outros. Ele tem bens que vieram do crime: uma casa, terrenos etc... não coisas que ganham num dia e perdem no outro. Não, ele é diferente. Não sabe quantas pessoas já matou! Eu conheci um bandido, e o pior é que me apeguei a ele, fiz dele uma pessoa especial para mim. É ambíguo pensar que ele pode morrer... é ambíguo, pois talvez ele mereça...

Amigado, com um filho de cinco anos, Anderson falava de sua “Preta” e seu “Pirralho” com muito orgulho. Certo dia, Anderson disse de sua preocupação em não envolver o filho no crime, assim como aconteceu com ele. Foi quando Anderson trouxe uma foto. Com ela nas mãos, apresentava cada personagem e a situação na qual tinha sido tirada: durante uma festa e todas as pessoas que estavam lá eram traficantes e/ou assaltantes. Anderson segurava o filho nos braços, com uma cerveja na mão e uma arma na cintura. Nada precisou ser dito. Com os olhos cheios, ele percebia o quanto já estava envolvendo seu filho naquele mundo. Foram várias as estórias que puderam ser ditas durante os diversos encontros. Anderson parecia ter sentimentos adoecidos e envelhecidos. Tinha tatuado nos dedos as letras do nome de seu irmão mais novo. Para a lei, seu próprio nome. Sim! Anderson usava identidade falsa e conseqüentemente idade falsa. Mas usar o nome do irmão era também uma forma de mantê-lo vivo em sua revolta.

⁹ Sonhar, pensar no mundo fora da FEBEM.

Começou a falar da idade e do nome dele. Como estava confuso! Ele dizia e se contradizia toda hora... parecia que nem ele sabia mais quem era. Falava do nome, da idade, do irmão morto etc... Não sabia direito quem tinha que idade quando o irmão foi assassinado! Disse que todos falavam que eles pareciam gêmeos.

- Você se lembra dele?

- É só me olhar no espelho!

Percebi-o comovido e tive medo de falar alguma coisa que parecesse interpretação barata; mas arrisquei e com muito cuidado, disse:

- Anderson, eu queria que você pensasse numa coisa. Não sei se tem resposta... nem sei se faz sentido... mas... É que ficou tudo tão confuso! Será que usar o nome, idade... até o se olhar no espelho! Como tudo isso parece fazer você manter seu irmão vivo!?

Anderson abaixou a cabeça:

- É verdade. (ele disse “é verdade” e não “é quente”, isso eu notei!¹⁰). Eu me lembro de ouvir os tiros...

Silêncio.

- Foi na sua casa?

- Não. Foi há quatro quarteirões de casa. Estava eu e meu irmão mais velho quando ouvimos os tiros. Saímos e ele estava no chão. Depois de quatro dias meu irmão matou o cara.... Mas sabe.... não adiantou de nada... não trouxe meu irmão de volta!

Anderson estava bem triste. Parou, pensou e disse:

- Eu fiquei nervoso

- Nervoso. Será que não era tristeza, também?

- Foi! Eu senti tristeza...

- É? E você um dia me disse que nunca tinha sentido isso...

- Eu sabia que a senhora ia dizer isso!

Neste momento, ele percebeu que precisava dar um tempo na conversa. Mas não quis sair. Pegou um jogo de damas que estava ao seu lado e me convidou para jogar.

Os encontros com Anderson no Plantão foram momentos para retomar sua revolta por estar preso e sem visitas, mas também esperança e desesperança em mudar de vida, ou ainda, a certeza em continuar ao menos no tráfico. Se o plantão como prática clínica apresenta-se como interlocutor e cuidador do que pode ser revelado na fala e no sofrimento daquele que busca escuta, Anderson pôde, em muitos momentos, ressignificar-se como protagonista em suas relações sociais, quebrando seus próprios paradigmas, conceitos e pré-conceitos. Jamais poderia dizer que Anderson deixou sua vida no crime; acredito até que não. Mas não caberia pensar

¹⁰ Uma linguagem própria e cheia de gírias era usada entre os adolescentes na FEBEM como que uma regra, uma lei. Quando conversavam conosco, geralmente os adolescentes soltavam mais as palavras, mesclando a linguagem do lugar e a “nossa”. Mas Anderson pareceria não ter outra forma de se expressar senão aquela, como se houvesse uma restrição até intelectual.

nisso como resultado do plantão; afinal, não é este seu objetivo. Anderson permitiu-se abrir e encontrar-se um pouco. Em Junho de 2001, em sua última passagem ao plantão, quando se aproximavam as festas juninas, a unidade estava toda enfeitada e Anderson se aproximou reclamando da criança de tudo aquilo.

Alguns meninos estavam vendo desenho animado na TV. Que cena! [...] “Os pedrinhas se divertem”, segundo Anderson.. Só eles? Anderson também estava lá. Quem são estes meninos afinal? [...] Começamos a falar de dobradura em papel. Quando eu cantei baixinho: “cai, cai balão”. Ele, olhou para mim e continuou a cantiga. Contou que quando estava na creche, ouvia muitas cantigas. Começamos a lembrar algumas.... Ninguém pode imaginar o que é um cara da malandragem e do crime, cantando: “o sapo não lava o pé. Não lava porque não quer. Ele mora lá na lagoa. Não lava o pé porque não quer”. [...] Anderson parecia uma criança e lembrava da mãe cantando para ele. Até que chegamos nas estórias infantis. [...] Começou a contar a estória da Chapeuzinho Vermelho [...]: “... aí o Lobo colou¹¹ na chapeuzinho.... o Lobo pegou uns atalho e chegou antes. Aí o Lobo Mau xepou¹² a vovozinha...” [...] e ele contou a dos três porquinhos [...]: “Os dois porquinhos na galinhagem¹³ e outro lá no maior trampo¹⁴, fazendo a casa de tijolo... etc....” [...] E pensamos como todos os acontecimentos daquela manhã - o desenho animado, o pátio que se parecia com a creche, as cantigas, as estórias... - eram coisas que a gente carrega com a gente na memória....

Aquele teria sido nosso último encontro, se não fosse um recado deixado por ele na USP em janeiro de 2002. Anderson havia ligado à minha procura, mas sem deixar um telefone para retorno. Até hoje me pergunto o porquê da procura. Posso dizer do sentido que ela teve para mim: Anderson me dizia que o encontro que vivemos, durante seu último ano de internação na FEBEM, também ficara marcado nele. Digo “também” porque, sem dúvida, este fora o menino que mais me tocou e é por isso que gostaria de expor aqui essa minha afetação enquanto estávamos em contato, através de meus diários:

Como posso ter como especial uma pessoa que já causou tanto mal? Acho que nunca vou me esquecer de Anderson!

¹¹ Aproximou-se.

¹² Comeu.

¹³ Brincando.

¹⁴ Trabalho.

Que barulho é esse? Tiros ou fogos de artifício?

...

Quanto mal ele causou!

Como ele pode ser tão especial? Será que serei perdoada por gostar de uma pessoa assim?!!!! Tudo muito confuso! Que mundo é esse?

Ele é um assassino e eu ou alguém próximo a mim poderia ter sido uma de suas vítimas. Como posso deixar me tocar por um assassino? O que estou fazendo? Em outro país ele poderia ter sido condenado à morte... acho que merecia! Mas não! Ele está vivo.... está aqui... bem próximo de mim!!!!!!

Minha escuta não é de cumplicidade!!!!!! Não sou cúmplice. Não quero ser cúmplice! Ou sou?

Que angústia! Não sei o que escrever... como se escrever pudesse liberar algo que está aqui dentro! Culpa?

Aquele coração duro tem medo de morrer! Sofreu quando ouviu os tiros que mataram seu irmão. Hoje, usa seu nome, idade e rosto! Que loucura!!!!!!

Juntos, jogamos Dama.

Anderson me ensinou muita coisa... Aprendiz... serei sempre aprendiz. Cada estória que ouço me ensina algo, me faz crescer. Tenho medo de envelhecer! Um dia vou envelhecer e não terei mais como crescer. Minha morte será minha última aprendizagem.

Como isso pode acontecer? Gostaria de ter meus entes queridos preservados do estado de vítima. Se algo acontecer a eles, serei obrigada a odiar e desejar a morte. Será que isso já não acontece?

O que está acontecendo? Segunda-feira o verei pela última vez. Para mim, ele será inesquecível, para os outros, mais um assassino que merece morrer. Ou será que para mim também?

Não sei... Não sei de nada! Será que isto indica o quanto minha última aprendizagem está longe? Ou esta minha angústia é por saber demais?

Não sei... não sei... sei que sentirei saudades...

Escrever e relembrar Anderson foi um olhar à distância, um olhar ao que foi e passou, mas hoje presentificado na busca de sentido. O ódio e o amor... o saber e o não saber... alegria e tristeza... tudo perpassado por um questionamento ético. Eu transitava entre o bem e o mal como se houvesse este maniqueísmo dos Contos de Fadas. Como dizer que a Bela Adormecida não sofria na solidão de seus sonhos? Como dizer que seu sono era tranqüilo e sem o pesadelo de nunca mais despertar?

Quando dizia em meu diário de meu crescimento e envelhecimento, acredito que me referia ao sentido de deixar este mundo infantil mergulhando com Alice através do espelho. Olhando o mundo por outros ângulos, através de prismas

espelhamos: perdendo a ilusão de que o funcionário era apenas um carrasco ou que um assassino era simplesmente frio; a ilusão da minha prática profissional como agente social ou agente de saúde para ser salvadoras de vidas que não me pertencem.

Mas não bastava perceber este outro mundo como o mesmo mundo. Ainda longe do que encontraria na prática, já experienciava a sensação de paralisia de toda e qualquer ação. Ao olhar a instituição de forma ampliada, percebia-a inserida num social e político quase inatingíveis. Será que eu tinha pernas para ser uma grande revolucionária social? Seria esta a minha intenção? Tal crise, desencadeada pela eterna insuficiência e desamparo, também é e está em cada sujeito, procurando expressar o modo de relações humanas e da condição do homem: **crítico**¹⁵ em sua angústia. E, se for recortado o olhar histórico-cultural, perde-se a própria insuficiência e desamparo do sujeito, ou seja, perde-se o sujeito como sujeito, como um projeto já condenado, colocando-o nesta situação de impotente a tudo e a todos.

Os olhares são múltiplos. Trançada em teias, despenquei de meu sono, com choro doído e ambíguo, percebendo em mim os avessos do outro, os avessos do mundo. Nada podia fazer para manter aqueles meninos vivos, na ambigüidade entre querê-los em liberdade mas também presos para minha própria segurança enquanto indivíduo social.

2. Eu-supervisora: transitando entre olhares ameaçados e/ou ameaçadores

Posso compreender, num primeiro relance, minha ação, durante estes cinco anos na FEBEM, acontecendo na interface entre funcionários, adolescentes e plantonistas. Meu fazer conduzia-se por entre olhos atentos e visão ampliada tanto à

¹⁵ Crítico refere-se a aquele que atravessa uma crise como sendo um ponto de transição entre o passado e o futuro: ver por outro ângulo aquilo que merece ser considerado por si mesmo.

prática de Plantão Psicológico que exercia, como à própria instituição, na qual as relações humanas revelavam-se, no mais das vezes, pelo avesso. Em minhas andanças como **supervisora de campo**, ou seja, como supervisora **de** plantão **no** plantão, oferecia-me como cuidadora para cuidar de cuidadores. Desse modo, meu trabalho demandava o trânsito pelo pátio da instituição, lugar onde meninos e funcionários se encaravam, disputando espaço e poder entre si, e, às vezes, se odiando, por entre plantonistas desalojados. A rivalidade não acontecia apenas entre meninos e funcionários... Na realidade, parecia ser uma instituição em que todos eram contra todos. E eu? Também deveria escolher uma posição? O clima era tenso... ouvia um lado e muitos outros. Percebia, na desilusão de procurar verdades (vítimas **ou** agressores), a cruel realidade da mixagem face e verso, o inverso ou reverso: há vítimas e agressores.

Muitas vezes, questionava a mim mesma: estaria eu sendo cúmplice da violência com a minha escuta? Como psicóloga clínica, eu oferecia um espaço para que cada um desses atores pudesse refletir sobre suas ações por si próprio; ou seja, oferecia-lhe a oportunidade de exercer o seu direito de ser sujeito de suas ações e pensamentos... Mas, ao mesmo tempo, me tornava testemunha de sua estória... Foram muitas estórias: abandono, pobreza, ambição, família, crime, tráfico, sobrevivência, mortes...

“Quando a água do mar bate no rochedo, quem sai mais machucado? A água do mar que se quebra ou o rochedo que se desgasta, também perdendo sua forma? Nem a água do mar, nem o rochedo... O caranguejo que está entre os dois é aquele que se machuca mais...”

Esta foi a forma encontrada por um agente de proteção para expressar o modo como ele se percebe dentro da instituição em que trabalhava... Ou melhor, este é o

quadro humano da FEBEM, pintado por ele, mas reiterado por todos que se dispõem a realizar trabalhos ou empreender seu ofício nessa instituição: “caranguejos” internos, “caranguejos” educando, supervisionando, officinando, dirigindo e disciplinando... Um mar de “caranguejos” perdidos, sem apoio, entre a água do mar e o rochedo!... Apresenta-se como uma caricatura do social, na qual cabem limites de sentimentos, por vezes, antagônicos: a saudade, o medo, a tristeza, a dor, o arrependimento, a vingança, a maldade...

E, em nome dessa aniquilação revelada através do medo e da ameaça constante, como que uma explosão iminente da não submissão a ela, ocorrem os momentos de maior tensão, desvendada em forma de contenção violenta, e/ou rebeliões: “adoecimento” sofrido pela ausência de sentido. Como num jogo de espelhos e sombras, os atores mostram-se para si e para o outro, surgindo, de acordo com o ângulo do qual se olha: ora “monstros”, ora “heróis”.

Deste lugar me lanço a inquietações da questão ou questões. Como perceber vítimas ou carrascos, quando se apresentam fundidos em posições tão opostas? Seria possível desvelar-se, a um olhar atento e cuidadoso; um movimento nesse bloco fundido, a ponto de revelarem-se vítimas e/ou carrascos? Uma tal perspectiva poderia conduzir a uma reflexão acerca do mal estar contemporâneo como sofrimento e desamparo expresso pelos atores desse contexto institucional? Como refletir a ambigüidade que se revela em situações-limite como essa, pelas quais o sujeito se paralisa pelo medo instituído? Como o sentido da ação desses sujeitos se inverteria revelando-se como o avesso da sujeição instituinte na instituição? Como agir por uma prática psicológica num tal olho de furacões? Qual o sentido desta prática? Quem é e o que demanda este sujeito social em situação limite de sobrevivência? A prática psicológica contemplaria tal situação?

Em suma, como a **prática psicológica** contemplaria a demanda de cuidado do

desamparo do sujeito social vivendo uma situação no **limite de sobrevivência** numa **instituição instituinte** de **ambigüidade entre carrascos e/ou vítimas**: cuidaria do avesso se atentasse para o avesso do avesso?

“Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto”, tão desencontrada e infiltrada eu me encontrava em meio a labirintos dos desencontros da Febem. Mostrava-se-me como uma grande incógnita nas *“duras poesias concretas de suas esquinas”*, pelas quais buscava encontrar um único rosto desvelado através de muitos outros: um rosto *desfigurado* por conflitos fundamentalmente humanos, contendo traços traçados de todos nós, *“porque és o avesso do avesso do avesso do avesso”*.

Sem respostas, sou mais um caranguejo ou, ainda, o rio poetizado de Brecht: *“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem”*. Através da escuta de diferentes faces, em situações diversas, embora pertencentes a um mesmo cenário, revelavam-se de forma crua o desamparo e o sofrimento através do grito da exclusão ao som de violência.

Vejo-me arrastada em meio a diversos recortes como que dentro do olho de um enorme *furacão insano*: emergem verdades que divergem entre si. Buscarei conduzir-me por entre elas, tentando explorar, ainda mais uma vez, o transitar de uma supervisora de campo: debruço-me sobre relatos de supervisionandos, para vislumbrar alguma possibilidade de compreensão a meus questionamentos. Novamente persigo o avesso do avesso do avesso do avesso...

CAPÍTULO II

CAMINHO PARA UMA REFLEXÃO DA PRÁTICA: PRIMEIRAS IMPRESSÕES E DIÁRIOS

COMO EXPRESSÃO DO VIVIDO

No enredo desta prática psicológica, contextualizada em unidades de internação da FEBEM, a perplexidade, o mistério e a curiosidade tornam-se fundamentais para se ir pelos vestígios deixados por atores institucionais. Tratam-se de vestígios que nos apontaram o passo a ser dado a seguir, revelando uma prática em constante *destinar-se*.

Buscar seu desenredo permitiu-me perceber uma possível articulação entre três modos de leitura: *social*, *psicologia* e *clínica*. Num relance inicial, *social* poderia ser compreendido como o meio que se interpõe entre *psicologia* e *clínica*, constituindo um enredamento que possibilitaria uma prática real, contemplando toda a pluralidade e singularidade de ser *humano*, já que implicaria *conviver* entre homens. Atento, o *clínico* considera o *social* ao mesmo tempo plural, como o fundo de um quadro, e singular, na figura que se mostra. Desta forma, olhar o humano como *co-existente*, é poder também *configurá-lo*. Uma ação *social* e *clínica* revelar-se-ia como *clínica* pelo modo de convivência, atuando em situação, junto ao ator social e à instituição na qual se insere, pelo modo de se compreender ser a prática psicológica como uma ação em ação.

Por essa perspectiva, encontro a Psicossociologia¹⁶, que nasceu, principalmente, de sociólogos afetados pela incômoda forma de compreender os atores sociais aos quais se referem. Para Sévigny (2001), a abordagem experimental é de grande acréscimo para a ciência; entretanto, pouco colabora com os sujeitos de quem fala. Desta forma, a abordagem clínica, pelo modo de estar *junto ao leito*, além de fazer suas teorias a partir de uma ação situada, contribui para mudança social, na medida em que suas reflexões são compartilhadas e debatidas com atores sociais que vivem as relações pensadas pelos protagonistas da ciência.

Neste sentido, fazendo uma distinção entre as abordagens experimental e clínica das ciências humanas, Robert Sévigny (2001) refere-se ao termo *clínica*, expresso em chinês por dois caracteres: “perto de” ou “em face de” e “leito”. Contudo, para além de próximo ao leito, “o clínico em ciências humanas se coloca também ‘**junto** ao leito’: ele trabalha principalmente **no campo**.” (p. 17. grifo nosso.) Seu olhar dirige-se não apenas à compreensão de problemas demandados, mas também à sua compreensão pelos seus interlocutores. Desta forma, **junto e “no campo”**, o clínico constrói e comunica seus conhecimentos.

Na singularidade do campo, Sevigny (2001) compreende a clínica não como decorrente de uma teoria particular, mas sim de uma abordagem particular. Nesta perspectiva, as teorias são uma via de conhecimento e ação, na qual o fio condutor é a própria situação de intervenção. O conhecimento é construído a partir da ação com o outro. Para Lévy (2001), destacando a não dominação de saber do clínico, na abordagem clínica em ciências humanas, este outro apresenta-se como sujeito em posição e pela autenticidade de palavra. Por esta ótica, distancia-se do triplico na medicina clássica: diagnóstico, prognóstico e prescrição, pois, intransferível e

¹⁶ Em 2001, no VII Colóquio Internacional de Sociologia Clínica e Psicossociologia, realizado em Belo Horizonte, aproximamo-nos de alguns pensadores, principalmente franceses, também debruçados ao entrelaçamento entre clínica e social.

difícilmente comunicado (FIGUEIREDO, 1993), o fazer do ofício do psicólogo é seu próprio conhecimento, no qual as teorias estão impregnando e impregnadas misturadamente em nossa ação.

Tal direção, perseguida por algumas ciências humanas, inspiradas na perspectiva fenomenológica, contribuiu para “re-inserir o sujeito e a relação intersubjetiva no ato do conhecimento, quer dizer, no movimento que permite a um sujeito apreender, ou ‘compreender’ uma totalidade significativa, na qual ele mesmo está incluído” (LEVY, 2001, p. 12). Solicita ao clínico não apenas um deslocamento de um turista, mas um caminhar de um viajante-marinheiro, entrelaçando-se nas narrativas dos nativos. Assim, para Levy, a abordagem clínica:

supõe uma *démarche*, da parte do terapeuta, interventor ou pesquisador, caminhando às cegas, nesse “espaço” que lê conhece pouco ou nada, e esforçando-se para escutar aqueles que tenta compreender, especialmente em seus esforços para dar sentido a suas condutas e aos acontecimentos que tecem sua história. O lugar do trabalho clínico corresponde a uma situação concreta e um tempo vividos – e não uma atopia, como desejariam as ciências positivas. (p.20)

O termo *démarche* manteve-se em francês na versão brasileira dos textos desse autor. O substantivo *démarche*, em português, seria *andar, modo de andar, passo*. Já o verbo *démarcher* trás as especificidades deste andar: *dar os primeiros passos (a criança)*¹⁷. Como compreender “*démarche* clínica”? Para além de elaborações teóricas, ao pesquisador/terapeuta:

[...] é-lhe necessário facilitar e tomar parte da construção do sentido dado pelos sujeitos a sua própria história, e, para isso, ser capaz de admitir o mais inverossímil, o mais inesperado, o mais incompreensível, resistir pois a qualquer tentativa de reduzi-lo ao já conhecido, ou ao já visto, ou rejeitá-lo como sem interesse. Para isso, ele deve saber que ele é mesmo, enquanto sujeito, com sua complexidade e suas zonas de sombra e questionamentos próprios, o agente desse trabalho. (LEVY, 2001. p. 21)

¹⁷ BURTIN-VINHOLES, *Dicionário: francês-português; português-francês*. 13. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1953

O sentido/significado de *démarche* clínica como *primeiros passos de uma criança* parece comunicar um dispor-se para uma clínica que solicita o espantar-se, resgatando a atenção curiosa de uma criança a cada novo espaço que se dá a conhecer. Fala, também, da perplexidade de uma aprendizagem, feita através da experiência e do gozo de cada conquista: passo a passo! Neste contexto, a *démarche* clínica seria a ação conduzida pela atitude do clínico, tanto em relação a seus interlocutores, quanto a seu saber e sua elaboração.

Orientando-me por tal reflexão, compreendo que cada protagonista de uma prática psicológica em instituição faz-se marcar, a cada passo, por seu espanto e curiosidade de criança, um viajante a terras desconhecidas. Assim, recorrer aos diários de viagens para re-constituir a experiência vivida dessa prática abriria brechas para se mostrarem, em entrelaçares espelhados, também os lugares por onde protagonista/viajantes, deste e de outros tempos, passaram e as aventuras que viveram.

1. Diário de Bordo: registro e narrativa

Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.

Clarice Lispector

Diários são marcas em forma de escrita - depoimentos rememorados. Escrever é comunicar, é narrar. Um Diário de Bordo é feito por um protagonista, a próprio punho, disposto a compartilhar uma experiência. Comunicando algo vivido e sentido, um diário é como um tecer de muitas estórias interligadas. Estórias estas também tecidas por entre outras narrativas. Mas narrar é também deixar sangrar, recordando palavras que se deixaram marcar como estilhaços de vidro ainda cortantes.

Nas palavras de Clarice: “*Não, não é fácil*”, porém faz-se necessário lançar “*faíscas e lascas como aços espelhados*”: narrar é preciso. A narrativa é necessária; é estória, e estória para ser estória precisa ser contada, compartilhada. E o compartilhar, o dizer, é a própria condição do existir do ser homem. *Não, não é fácil*. Não é fácil porque não são quaisquer faíscas e lascas que voam pela recordação; são faíscas e lascas como aços espelhados. Aços que, pela característica de espelhados, contemplam o refletir, o mostrar, o anunciar, o denunciar: o mundo em torno, os outros, nós mesmos.

Assim, Diários de Bordo não são apenas possibilidade de restituição da historicidade de uma pesquisa; são, também, o narrar a biografia da experiência de um profissional, na perspectiva de quem comunica como ocorreu o revelar-se do outro a esse profissional/pesquisador. Embora única, sua biografia contempla as diversas outras que a ela se entrelaçaram. É desse modo que tal forma de registro transpassa um simples relatório descritivo; diz da experiência vivida de cada um, sem que nela tudo se exiba pelo “mesmo estatuto, os ‘agoras’ cercam-se dos ‘já não’ que assinalam o que há de trânsito e pode haver de perda e de imprevisto” (FIGUEIREDO, 1997, p. 10), desvelando o modo de ser humano numa temporalidade outra, não cronológica. Escrever diários são momentos de criação de sentido, testemunhando-se como registro plural e único.

A psicologia clínica remete à narrativa de sujeitos sociais como registro dessa experiência, plural, única, extemporânea a posteriori. “Tendo como fonte o vivido ou a experiência direta”, a narrativa “torna todos, e cada um, autoridade, no sentido de que cada um, e todos, enquanto portadores do vivido, estão autorizados a falar: faz circular a palavra, concebendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e protagonizar o vivido e sua reflexão sobre ele” (MORATO e SCHMIDT, 1999. p.

127). Contudo, para Figueiredo (1998), a questão crucial posta por Benjamin diz da precariedade da experiência como narratividade, tanto como sabedoria transmissível quanto como vivência íntima afetiva. Mas, ainda que considerando tal problematização da presentificação da realidade na experiência do “contar”, seria possível tomar um Diário de Bordo como a autenticação de cada autor, marcada a próprio punho em sua narrativa, do plural e único vivido e sentido.

Privilegiando a experiência humana como criação de sentido para o sujeito, e considerando sua constituição em situações, uma forma de contemplá-la é por diários de bordo como depoimentos colhidos através da sua escrita. Para isso, recorre-se à narrativa como forma de expressão afinada com a pluralidade de conteúdos da situação e da temporalidade outra, apresentando-a como possibilidade para elaborar e comunicar (SCHMIDT, 1990) o sentido da experiência vivida, a partir de evocação ambígua de si em si mesmo, entre as brechas de ausências presentes (Figueiredo, 1998).

Um diário é narratividade, o modo próprio de se dizer do homem, lançando-se de seu repouso em direção ao sentido de si mesmo, como ação de dizer. Diferente da narrativa oral, o diário de bordo imprime marca dos vestígios do vivido pelo escrever. Para Amaral (2000), uma escritura torna-se independente de seu autor e, ao mesmo tempo em que marca essa ausência, funda um outro tipo de presença: a possibilidade de se dar a ver como sentido originário. Desta forma, o texto pode ser compreendido como trânsito: nem passado nem presente; é possibilidade, aguardando trilhas outras a serem abertas, futuras interpretações, como outras marcas possíveis a serem deixadas.

É precisamente pelas aberturas deixadas por cada diário lido que se fez um convite para basear o método desta investigação: *in* (por dentro) + *vestigium* (vestígios). Já, do grego *Méthodos*, método refere-se ao caminho trilhado para encontrar algo. Desta forma, pretendo percorrer os traços de diários de bordo, *percorrer* os riscos: correr risco.

Durante um curso ministrado no Instituto de Psicologia da UERJ, René Lourau (1993) expôs algumas considerações sobre sua investigação acerca do Diário da Pesquisa. Segundo o autor, o reconhecimento e validação da instituição acadêmico-

científico de um pesquisador tornam inseparáveis a pesquisa de sua redação. Entretanto, esta escritura marginal - o diário -, que restitui “não o *como fazer* das **normas**, mas o *como foi feito* da **prática**” (p. 77. grifo do autor.) é excluída da produção de um texto que precisa ser legitimado institucionalmente. Isso acontece porque o diário seria aquele que denuncia a intimidade do autor e, portanto, deve ser recusado pela ciência. Desta forma, “a escrita quase obscena, violadora de neutralidade” (p. 71) foi nomeada, por Lourau, como *fora do texto*, uma redação marginal, uma escrita colocada *fora de cena* da oficial escritura.

Em suas investigações, Lourau (1993), ao ler os diários secretos de Wittgenstein, publicados clandestinamente, notou que trechos de suas obras publicadas foram derivados ou são passagens inteiras destas anotações. Ao se referir ao Diário de Ferenczi, publicado meio século depois de sua escrita, comenta como continha relatos impressionantes que surpreenderam a própria Psicanálise, instituição baseada em *não-ditos* ou *inter-ditos*. “Em seu diário, Ferenczi diz coisas que não deve dizer.” (p. 73) Escrito em seu último ano de vida, o diário anunciava um distanciamento de Freud e desvelava seus sentimentos e dúvidas em sua experiência com a análise mútua.

Lourau (1993) ainda adverte que:

A vivência mais íntima do pesquisador se encontrar em contradição com seu texto institucional, ou com as suas posições políticas, é algo muito incômodo. Então é preciso salvar a imagem não contraditória do pesquisador e, conseqüentemente, da pesquisa. É preciso negar a contradição existente nele, em nós e em todos. É preciso, ainda, recorrer à lógica identitária, numa óbvia recusa a quaisquer análises desnaturalizadoras (institucionais). (p. 73)

Tal lógica identitária é resultado da tradição científica ocidental, na qual criaram-se as diversas crenças daquilo que seria o ser, confinando o mundo numa

única interpretação, estreitando sentidos, limitando possibilidades do pensar, do indagar, indicando uma verdade única e absoluta (HEIDDEGER, 1927). Para Nancy Unger (1991), o Ocidente, na história do conhecimento, opera uma ruptura que aprisiona o sentido no significado, o múltiplo no uno, instalando uma dicotomia entre homem (sujeito) e mundo (objeto). Tal *decisão* histórica exclui a ambigüidade tensional inevitável entre razão e mistério, ciência e poesia, negando, por anulação, a incerteza como também possibilidade verdadeira.

A perspectiva fenomenológica encontra, pela tensão, um modo de recuperar o olhar da perplexidade: a irrupção do oculto, do mistério insondável, enigmaticamente provocando o descentramento desse olhar. Olhar de espanto encontrando híbridos, mesclados e mestiços fora e dentro de si mesmo. Segundo Figueiredo (1995), desvela o olhar plural, que toca e é tocado, simultaneamente vê e é visto por todos iguais/diferentes: reflexividade plural-única, expondo toda singularidade como sujeito e captando-se pela diversidade da alteridade.

Ao recorrer a Diários de Bordo como vestígios pelos quais se percorre uma investigação, recuperam-se modos constituintes de subjetivação singularizada. Como num jogo de espelhos, busca-se uma reflexão compreensiva do sentido operante nos autores/atores participantes do espetáculo, partindo do próprio encontrar-se (experienciação e elaboração da experiência) para comunicar o vivido como um acontecimento. Recupera-se o sentido da experiência através da narrativa, também como forma de comunicação social e transmissão de saberes coletivos, através da qual, a palavra circula sem o aprisionamento da fala especializada (BENJAMIN, 1985).

O diário é um exercício cotidiano de escrever sobre o cotidiano. É o momento de escritura aberto para o singular, para a criação – construção e desconstrução. É um jogo reflexivo de espelhos. No romance de Lewis Carroll, o espelho mágico de Alice,

permite o andar no sentido inverso, o se perder na própria identidade ou na busca de uma re-direção. Mas qual o inverso de um jogo de espelhos? Ao mirar espelhos, não será somente contemplada nossa imagem, “vemos refletidos nós e outros, ou melhor, em nós os outros e nos outros nós mesmos.” Uma mistura que aponta para a comunicação e diz de um “entrelaçamento entre observador e imagem, nós e os outros, e da disposição estética das mútuas mudanças, resultantes” (MORATO *et all*, 1999. p. 232).

E é neste jogo de imagens que surgem as lascas de aços espelhados, referidas por Clarice para a ação de escrever... Entretanto, devo acrescentar que muitas lascas retornaram a voar no momento de revisitar:

O que são diários? São uma ou duas, às vezes nove, dez páginas escritas. São muitos... são densos. Alguns escritos a mão, outros impressos em folhas de rascunho: rascunhos... rascunhos de medos... desabafos... encontros... rascunhos de um grito.

Tenho aqui esparramadas centenas de folhas... milhares de palavras! Como podem dizer tanto? Entre linhas tenho ora um nó na garganta, ora um sorriso nostálgico.

Coragem a nossa! Como pudemos propor ao outro (tantos outros) a entrada neste labirinto!

*Começo com as primeiras impressões. Tilha sonora: “Pulp Fiction”
Agora, a trilha sonora de “Blue” trás o som do grito embotado daqueles que passaram pela unidade invasora de todos os territórios. Sentimento: culpa!¹⁸*

Denunciador de angústias e momentos de desamparo na e da prática, o diário relata sentimentos e dúvidas provocados pela arriscada experiência do encontro.

Compreendo esta dissertação como um grande diário de bordo de nossa prática nas diversas unidades de internação da FEBEM nas quais atuamos. Desta forma, como leitora/ouvinte de diários de minha autoria e de muitos outros, retorno à minha condição de autora/narradora.

¹⁸ Trecho de um diário de minha autoria, feito após o reencontro com diários meus e de outros personagens desta prática.

2. Primeiras Impressões

... no grupo [...] temos referido muito mais a nós mesmos na entrada em um trabalho tão peculiar. Assistimos ao filme "Instinto" e lemos a parte do livro "Filosofia Mestiça" de Serres. Pudemos discutir basicamente da possibilidade de abertura para experiências desconhecidas. Toda a discussão a respeito de abertura para a experiência me assustava. Não apenas a mim, sentia a aflição também em alguns de meus colegas. Talvez um medo de sentir-se nu ou ingênuo e ser atacado por isso.

Estava clara a disponibilidade em "mergulhar" naquele mundo, que de certa forma, é o meu (nosso) mundo.

Era um misto de sensações boas e ruins, de animação e de medo do desconhecido.

Tinha um "modelo" de como seria o ambiente: um lugar sombrio, pouco acolhedor, terrificante.

No decorrer desta escrita/narração, utilizo como utensílios poemas, contos, longas-metragens e outros; tudo como forma de comunicar, clarear ou aproximar o leitor/ouvinte a minha compreensão. Desta forma, aproximo minha narrativa da prática realizada, já que, alcançar o que parecia ser incomunicável, seja em supervisões ou nos próprios diários utilizávamos este modo de expressão. Assim também introduzimos cada estagiário/plantonista no campo: um conto, um filme. Ao longo deste capítulo, será por este caminho que pretendo introduzir o leitor para a prática aqui referida. O conto é *Laicidade* de Michel Serres e o filme, *Instinto*.

Desta forma, oscilando nos papéis de leitor/ouvinte ao revisar diários/narrativas e de autor/narrador na construção de novas escrituras, feitas através de um mosaico de diários escritos por diferentes narradores/autores em diferentes tempos, apresentarei impressões mescladas e marcadas, mas que compartilham o impacto inicial do primeiro contato com a FEBEM. Minha intenção é fazer um novo diário contemplando diferentes experiências, vividas por cada sujeito, seja pela característica da época em que entrou ou da unidade diferenciada, seja pelo próprio modo de ver e perceber a entrada.

Visando contemplar a singularidade da experiência de contato com o estranho, ele mesmo e em nós, sua apresentação se fará por uma polifonia de vozes que dizem o singular do que foi visto e vivido. Desse modo, cada voz única estará marcada pelo dizer específico de diferentes fontes de letras, numa tentativa de compor um mosaico para conduzir ao sentido deste trabalho na FEBEM, partindo de olhares laicos desse contexto institucional.

2.1 O Filme

No caminho, passamos por um portão de grades e vimos os meninos em fila. Ouvimos um burburinho... Cobri meus ombros.

Instinto (EUA, 1999) conta a história de dois cientistas: um antropólogo e um psiquiatra. Depois de estar desaparecido em matas africanas, onde realizava estudos com primatas, o antropólogo Dr. Ethan Powell, preso por ter assassinado três homens e acusado de comportar-se com violência *desumana*, aguarda julgamento em um manicômio judiciário, imerso num silêncio altista. Instigado com a repercussão que o caso requer e vislumbrando na história do antropólogo uma possibilidade para alavancar sua carreira, o psiquiatra Dr. Theo Calder se oferece ao desafio. Inicia-se, assim, pela relação estabelecida entre ambos, a compreensão de uma outra articulação: cientista e conhecimento.

Este filme foi re-visitado por nós em vários momentos do trabalho. Entretanto, deixo aqui as primeiras marcas deixadas por ele: a forma como acontecia a relação “médico-paciente” pareada a *flashbacks* do relato de Dr Powell aproximando-se dos gorilas. Para tal, destaco a narrativa cientista-antropólogo:

Lá estava ele: o gorila africano, o líder! Há meses observava este grupo... mas nunca assim de perto... tão perto!.. Foi magnífico! Assustador e magnífico!!! Pensei que minha presença os deixasse nervosos... Mas não era isso... A câmera fotográfica os perturbava... Parei de usá-la... E... foi então... que os vi pela

*primeira vez... Será que sentiam a minha falta à noite?... este homem que os observava fora do grupo?... Eles pensariam em mim?... Eu pensava neles e sentia a falta deles... Eu gostava deles!... Até precisava deles! A cada dia... pareciam permitir que me aproximasse mais... Fiquei feliz com a minha lenta jornada ao encontro deles... Senti-me privilegiado... **Senti-me como se estivesse voltando para algo que eu perdera há muito tempo e que só agora me lembrava...** De repente... aconteceu: eu não estava mais fora do grupo!... Pela primeira vez... eu estava entre eles!... [...] Não “um deles”!... **não um gorila...** Você não vê?? Aceitaram um homem!... [...] Aceitaram um ser humano entre eles!...*

Esta narrativa conta a recuperação do olhar com os próprios olhos, curioso e instigado, que o aproxima do que se dá a conhecer, e o olhar mediado por lentes de máquina fotográfica que parece guardar uma distância protetora na medida em que assusta o outro. A curiosidade conduz o cientista a resgatar seu modo próprio de ser no mundo “a olho nu”, “*como se estivesse voltando para algo que eu perdera há muito tempo e que só agora me lembrava*”. Algo que a ele demanda que suspendesse a intermediação, seu instrumento de trabalho, entre si mesmo e o que se propunha a conhecer, para trazer de volta algo perdido no homem: seu *Instinto* para conhecer, conhecimento tácito?

Primeira ida à Febem... Na verdade eu já havia visitado a Unidade uma porção de vezes: na minha imaginação; mas a consumação da ida não negava a verdade, era a primeira vez.

Queria pintar um quadro, só que eu já tinha o “modelo” antes de começar [...] era todo cinza, feroz, caprichoso, de uma severidade tirânica e implacável: parecia um supereu arcaico.

Logo quando chegamos. A parada no portão: tivemos que parar o carro, mostrar às bolsãs - mostrar RG, abrir o porta-malas do carro (que eu não havia nunca imaginado) - e depois no outro portão - detector de metais e nada mais - não me surpreenderam muito, era a segurança do local.

Continuei a pintar, mas as cores que eu tinha separado, já não as queria; em minhas visitas imaginárias a Febem era cinza, cor de cimento e não azul e amarela. Pintei sim, mas com cores que para mim faziam sentido... Cores mais alegres, mais vivas... talvez cores iguais as que eu usaria se não estivesse a imitar.

O espaço físico me surpreendeu. O prédio tinha pintura recente com cores diferentes do cinza que eu imaginava (variando do bege ao azul), paredes limpas, nenhuma marca impressiva, nenhum cadeado gigante, nenhum tipo de

barras... interessante ver como o estereótipo de uma cadeia é forte em meu imaginário e, de repente, quando me vejo dentro de uma que se parece uma escola, acredito de imediato que os internos são bem tratados e levam uma vida tranqüila. Estranho pensamento? Visão deturpada? Acho apenas ignorância. No sentido de nunca ter imaginado outra FEBEM além daquela que vemos toda semana no *Jornal Nacional*.

Na ausência de “cadeados gigantes”, a primeira ida a uma unidade de internação foi marcada, quase que antes mesmo da entrada, por um choque de “cores”, causada pela tensão entre o que imaginávamos e o que encontramos. “Estranho pensamento? Visão deturpada?” Qual o limite para encontrar nosso olhar limitado? Num primeiro momento, as possibilidades foram o confronto entre as “cores”, previamente atribuídas pelo imaginário, e a estranheza e incômodo provocados pelo colorido real. Estariam tais estereótipos indicando a tensão própria do significado de uma instituição para jovens infratores: “cadeia ou escola”? Descobrir as lentes, usadas inicialmente, e por essa descoberta poder suspendê-las, possibilitou encontrar o “azul” e o “amarelo” de uma escola, embora pudesse não ser evitada a visão das “cores sem vida” do cenário.

Hoje em dia eu penso na FEBEM ainda cinza e cor de cimento... Por isso... é muito estranho lembrar de todas essa cores... Acho que tem a ver mais com a sensação geral do lugar... as ‘vibes’ do lugar... sabe?... vibrações... do que o prédio em si.

Tiradas as lentes, é possível ver o real, não só depois de um tempo. A primeira vez, a primeira visita, sempre será uma primeira tatuagem embora não pintada por cores.

...pelo caminho notei que estava olhando, mas não via. Depois de uma parada triunfal, comecei a perceber que mesmo sabendo o que era uma FEBEM, aquela que eu queria “imitar”, em nada me serviria caso acontecesse alguma coisa. Foi aí que eu me relaxei e comecei a ver o que estava acontecendo à minha volta: um monte de meninos curiosos em saber quem eu sou, como sou (fisicamente) e por que estou ali.

Como compreender essa “experiência do antropólogo” e dos estagiários? De que se trata abolir lentes para ver melhor aquilo que se mostra e que nos provoca a contatar para conhecer? A entrada em unidades de internação na FEBEM aconteceu com este cuidado: atenção à máquina fotográfica existente em cada um, para colocá-la *fora da ação*. Compreender e explicitar o olhar, encontrando em si expectativas, experiências passada, preconceitos... os lugares por onde andou. Conhecer através do olhar do outro e do próprio olhar com toda carga valorativa. Ser estrangeiro em seu próprio país... Ser um estrangeiro em si.

Holzer (1998) aponta para a tragédia de nossa história e geografia terem sido pautadas pela visão do estrangeiro frente à voz emudecida dos nativos. A narrativa de Dr Powell aponta a possibilidade de nos aproximarmos do outro/diferente também como outro/diferente, com todo o envolvimento, energia e lembranças, que a prática absorve de nós. Dar voz aos nativos, cuidando para não fazer do outro, estrangeiro em seu próprio país.

2.2 O conto

Para Morato (1999), “o cartógrafo marca sua pele através dos encontros que fez em sua peregrinação” (p. 63). Pele tatuada... assim como um casaco Arlequim. Personagem da estória de Serres (1991), Arlequim é um imperador que, ao voltar de uma inspeção a terras lunares, comunica a seu povo que em cada lugar visitado, tudo é como o globo terráqueo. Mas as roupas e o corpo do imperador anunciam o inverso:

Estupor! Tatuado, o Imperador da Lua exhibe uma pele multicolor, muito mais cor do que pele. Todo o corpo parece uma impressão digital. Como um quadro sobre a tapeçaria, a tatuagem – estriada, matizada, recamada, tigrada, adamascada, mourisca - é um obstáculo para o olhar, tanto quanto os trajes ou os casacos que jazem no chão. Quando cai o último véu, o segredo se liberta, tão complicado como o conjunto de barreiras que o protegiam. Até mesmo a pele de Arlequim desmente a unidade pretendida por suas palavras. Também ela é um casaco de arlequim. (p. 3)

O clássico Arlequim é também aquele que carrega as marcas, os traços. Personagem da *Comedia Dell'Arte*, antiga comédia italiana do séc. XVI, "*Arlecchino*" tem rosto mascarado e traje multicolor feito de retalhos. É um malandro apaixonado, um inconveniente engraçado, um brigão brincalhão; é o próprio conflito que não consegue desvincular a confusão de seus desejos, projetos e possibilidades. Cada cartógrafo que pretendemos ser este Arlequim confuso e marcado.

“Emprestando seu corpo ao mundo é que o pintor transforma o mundo em pintura” (MERLEAU-PONTY, 1963, p.278). Cada narrador, autor destes diários, impactado, diz desse outro que o invade ao mesmo tempo em que se oferece também como denúncia da afetabilidade dos instituídos da instituição. Parece uma tarefa infinita desentranhar sentido de toda a narrativa destes diários. Um mosaico que, como registro de interpretações do vivido, solicita realização de sentido, aberturas de trilhas e clareiras. Interpretar este casaco de arlequim seria trazer à luz o olhar oculto – seria como que percorrer um labirinto de sombras espelhadas ou espelhos sombreados.

Segundo Benjamim (1985), a narrativa constitui-se pela articulação entre situação, linguagem e afeto, como um gesto que diz ao outro sem intenção explicativa. O narrar não comporta, assim, um ponto de chegada; apresenta-se como uma rede que se abre e se constrói – uma rede de sentidos; é abertura para possibilidades de interpretação e, desta forma, um utensílio a ser revisitado pelo ouvinte. Desta forma, o autor, compreendendo a narrativa em seu entrelaçamento entre a fala e a escuta, encontra no mercador/maninheiro, o viajante que se abre a outras possibilidades e aventuras a serem narradas ao camponês sedentário. Mas como usam a língua para se contarem pela linguagem? Assim, como viajantes, mestiçados pelo encontro de outras culturas, diários se dizem por fala híbrida, que solicitam uma tradução para serem acompanhados na busca de sentido: um glossário da linguagem

que o narrador precisou aprender para seu ofício, a ser apresentado no final desta dissertação.

CAPÍTULO III

O AVESSE DO INSTITUÍDO: O VIVIDO INSTITUINDO UMA PRÁTICA PSICOLÓGICA CONTEXTUALIZADA

Quando uma unidade de internação da FEBEM nos procurou, no final de 1999, para desenvolvermos um trabalho com os agentes de proteção, a fim de proporcionar um melhor atendimento aos adolescentes internos. Iniciamos elaborando um “mega-projeto” de políticas públicas, envolvendo parcerias com outra universidade e institutos da USP. O projeto, feito no papel por estar, naquele momento, distante da realidade institucional, englobava diversas modalidades de prática psicológica para áreas pedagógicas, técnicas, grupos com famílias de adolescentes e a educação através do esporte, modalidade já desenvolvida pelo LEFE em outro projeto. Embora reconhecendo que tal proposta de projeto estava distante do real, e que os primeiros meses seriam, por isso mesmo, dedicados a conhecer a instituição e seus atores, a ansiedade de iniciar um novo trabalho fez com que nos perdêssemos de nossa própria intenção. Assim, na Festa Junina da unidade em 2000, apresentamos aos funcionários, adolescentes e famílias como pretendíamos desenvolver o trabalho, antes mesmo de ser aprovado por agências de fomento.

Quando por elas foi recusado, por ser mais intervenção e não de investigação, fomos buscar parcerias em ONGs que já trabalham com educação pelo esporte. Mais uma recusa, porém, desta vez, devida à preocupação para com imagem negativa da FEBEM caso associada ao nome dessa organização.

Deste modo, o projeto não vingou, apesar do compromisso já assumido com a instituição, através de seus atores. Caso fosse iniciado, poderia ser apoiado por algumas Bolsas Trabalho, oferecidas pela USP, para alunos de graduação, participantes do projeto.

Contudo, e mesmo com um grupo reduzido, resolvemos iniciá-lo. Desta vez sem projeto pré-preparado, mas dispostos e disponíveis a nos debruçar para ouvir algo que ali também se mostrava.

Resgatávamos aquelas primeiras impressões do entrelaçamento, quando do primeiro contato com o avesso do instituído pelo impacto produzido pelo filme e visitas iniciais à instituição. Um lamento surdo se fazia ouvir por entre instrumentos de pagode, demandando inclinar-se para por ele se deixar impregnar e acontecer uma cartografia.

1. Cartografando

Um portão muito alto separava os dois lados do mundo e havia uma campainha que avisava a nossa chegada. Assim que o portão se abriu... minha respiração ficou suspensa por uns instantes... olhares e um silêncio mortal nos seguiam... só o meu olhar que não achava referência!

Dois lados do mundo... a FEBEM era quase que um outro mundo que precisaria ser desvendado por nós. Um outro mundo instigante e ameaçador. Levávamos conosco a cautela de uma norma de trânsito: “*Na dúvida, não ultrapasse!*” Na busca de algo para nos sustentar e proteger, tínhamos como objetivo primeiro encontrar a referência de nosso olhar em nós mesmos, permanecendo atentos

a cada uma de nossas sensações. E assim poder olhar para fora, caminhar, estranhar, surpreender-nos, percorrer cada vestígio, *in-vestigar*...

Senti que um frio na barriga ameaçou sair. Fomos à quadra. Entramos na sala de um professor de educação física. A sala era um banheiro desativado, um vestiário talvez. Havia um chuveiro. Uma estante, que parecia familiar (vi uma daquelas no Lugar de Vida na USP), continha tênis dos meninos. O professor foi logo justificando o cheiro de suor: “Coloco, toda semana, os tênis no Sol mas... eles são adolescentes... não tem muito jeito... cheira mesmo!” (Aquele cheiro, com menor intensidade, me remeteu ao cheiro do vestiário dos meninos ricos da equipe de hóquei de um clube em que estagiei.) No armário, havia bolas, jogos, dois discos (daquelas de praia - o professor disse que os meninos adoravam) e alguns tripés para jogo de taco... taco?... não seria uma arma?!... [...] A quadra em si era como muitas que já havia passado, com degraus de cimento em torno, formando uma arquibancada com 3 ou 4 andares. Poliesportiva.

A FEBEM, na encruzilhada educação/contenção, encontrava-se na incerteza do momento em que um *jogo* pode se transformar em *arma* ou o inverso. Na quadra poliesportiva, encontramos dois times e um único uniforme: a *roupa da xepa*¹⁹.

Grandes, cabelos raspados (negra?), olhos baixos, imersos em monotonia. Não tive medo, mas um incômodo que não conseguia me fazer olhar nos olhos de nenhum deles.

A “cartografia se faz ao mesmo tempo que o território” (ROLNIK, 1989, p. 6). Diferente do mapa, que contorna territórios já estabelecidos, a cartografia atravessa o tempo, nasce dos movimentos geográficos da terra, acompanha e se faz nas transformações da paisagem, criando história. Desta forma, o cartógrafo não pretende estabelecer verdade, “tem a pele marcada por todos os encontros que faz em seu nomadismo” (p. 10), vive buscando alimentos para compor cartografias, descobrir afetos e criar linguagem e sentido em redes de expressões mescladas, que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender.

¹⁹ *Roupa da xepa* é como se referem os adolescentes quando são obrigados a vestirem com as roupas dadas pela FEBEM.

De acordo como Morato (1999, p 63), “O cartógrafo quer participar, constituir realidade. Seu movimento é de entrega para descobrir e inventar. Seu corpo é deixado vibrar nas várias frequências possíveis para encontrar sons, canais de passagem, carona para viver a existência.” No trançar de corpos, cartografar é dar voz, aquela que parte da reflexividade de nosso olhar com muitos outros. E num tear constante, a FEBEM ia sendo desvelada em cada gesto, em cada palavra, em cada sensação de incômodo ou constrangimento.

Por alguns momentos, eu estava até gostando dali, achando o lugar bonito. Seguimos num acesso lateral, até que, pela primeira vez, deparei-me com a visão do pátio, com os internos do lado de dentro da grade... muito próximos! Foi uma quebra!... Toda aquela tranquilidade inicial deu lugar a uma incômoda sensação de constrangimento. Evitei olhar para dentro... Era um misto de medo e respeito!... Tive a nítida impressão de estar passeando num zoológico! Foi então que comecei a perceber melhor o significado da palavra liberdade!!

Estávamos num quadrado de grades... como animais dentro de uma jaula sendo observadas por todos os que estavam no pátio. Comecei a distrair meu olhar... apontava teias e suas aranhas no teto... Só não queria ficar olhando... mas ao mesmo tempo, não olhar seria como se eu não ligasse ou reconhecesse que eles estavam ali.

Entre o medo de olhar e ser visto, num emaranhado de sensações, de que se fez cada diário, a cartografia se anunciava. Para Rolnik (1987, p.6), “o diário de expedição registra e, ao mesmo tempo, inventa as cartografias que vai descobrindo”. Permanecíamos atentos, registrando o tão complexo encontro com o outro e, assim, inventando nossa cartografia. E na medida em que íamos nos emaranhando pelas grades da unidade, mais éramos convocados a responder por nossos sentidos.

Fomos apresentados e nos apresentamos. Estávamos todos sentados na arquibancada... pouco à vontade... parecendo nos esforçamos para passar uma boa impressão! Quando me apresentei, estava nervosa e muito cautelosa... pensava muito para falar. Acho que tinha medo de, logo no início, cometer uma “gafe”, falando coisas que não poderia cumprir ou até usando palavras ou expressões que eles consideram ofensivas ou atribuem um outro/duplo sentido. Aproximamo-nos. Alguns se sentaram no chão e outros, no primeiro degrau da arquibancada. Formávamos uma roda. Quando me sentei no chão, alguém comentou: “Olha só! Ela é

igual à gente! Senta no chão!”. [...] Estava um papo gostoso. Estava mais à vontade para conversar, sem tanto medo de dizer algo errado. Eles queriam nos conhecer... assim como nós a eles! Em certo momento, reparei que estávamos sozinhos na quadra com eles... Foi esquisito pois percebi que eles poderiam fazer o que quisessem com a gente... No entanto... só queriam conversar, falar, escutar, serem ouvido. A conversa foi sobre tudo... estavam curiosos para saber de nós. Falaram também da maneira que cada um de nós nos apresentamos... Estávamos sendo mesmo analisados.

Entramos no pátio... Houve um silêncio perturbador. Um silêncio que para mim dizia duas coisas: um aviso ou uma curiosidade, uma surpresa... um aviso de que iria acontecer algo de ruim... uma curiosidade porque não nos conheciam e ainda por cima, éramos um bando de mulheres.

Estava exposta... muitos vinham falar com a gente... tantos!... e ao mesmo tempo!!! Procurava rostos familiares, mas não conseguia mais lembrar do rosto de nenhum. Então olhava para baixo e encontrava os pés enfaixados de um menino que conheci na quadra... poderia ser meu apoio?!

Os garotos se aproximaram, formaram uma roda à minha volta, e me bombardearam de perguntas: “De onde o senhor é?”; “O senhor é da USP?”; “O que vocês vão fazer?”; “O que o psicólogo faz?”. É interessante o jogo de corpo deles: a princípio diminuem significativamente a distância entre nós ao falar; depois de algum tempo, assumem se distanciarem um pouco. Não me senti ameaçado.

O que me incomodou foi a posição em que nós estávamos... no centro... acuadas! Parecia que eles estavam era querendo “criar o terror”, fazer a gente se sentir fora de lugar, ou, talvez, mostrar que nós estávamos no espaço que eles dominam. Mas, ao mesmo tempo, era uma coisa do grupo, e não de cada um. [...] Impressionante era o fato de eles ficarem abraçados uns aos outros... hierarquia?... Não era um abraço companheiro!... uns se apoiavam nos outros!!

Falava com eles e respondia a eles naturalmente... A conversa fluía... Não pensei, em momento algum, que os conhecia através do “quadro modelo”... Até que me deparei cercada e intimada a dizer quem sou eu. Naquele momento, houve uma conversa forçada, planejada, não fui transparente.

Cartografar foi um exercício doído para deixar-se marcar, “acuado” e “bombardeado” por impressões e sensações. Percebíamos em nós as constantes mudanças de espaços institucionais: na quadra, formávamos um grupo de jovens; já, no pátio, éramos psicólogos sendo testados por adolescentes em conflito com a lei.

Aprendemos com o “*jogo de corpo*” do outro o momento para nos afastar e/ou aproximar. E, desta maneira, foram as primeiras, segundas e demais entradas nas unidades nos diversos tempos.

Para mim ficou clara a necessidade daqueles jovens de serem tratados “de-pessoa-para-pessoa” e não serem tratados como “coisas perigosas”. [...] Planejamos uma visita rápida, de no máximo uma hora... No fim, chegamos na unidade às 10:30h e saímos às 15:40h. Confesso que ficaria por mais tempo. Valeu!

Quando fui me despedir... um deles me perguntou qual era o motivo da minha ida, já que não era obrigada a ir... Isso ficou me “martelando” por um bom tempo.

Ainda na saída ouvíamos eles gritarem fazendo gracinhas e olhares por entre as frestas da grade do primeiro quarto. [...] Voltamos praticamente em silêncio; falamos uma coisa ou outra, mas foi só. Quando, enfim, sentamos pra conversar, já na USP, consegui sentir um alívio ao saber que a situação por que nós passamos não havia sido confortável para ninguém, especialmente para as que conheciam a Unidade.

Depois que saí dali, passei o dia inteiro modificado... alterado... pensando o tempo todo em questões como controle, sociedade, liberdade, livre-arbitrio, adolescência, limites, relações de poder, justiça. A riqueza da experiência havia me atingido e as marcas permaneceram.

Esses ladrilhos de fontes de letras constituem um mosaico de experiências, algumas mais confortáveis outras menos, mas todas de certa forma indicando uma transformação, que insiste em permanecer “*martelando*”, e que nos cala. O “*silêncio*” que fica denuncia corpos transformados pelas “*marcas*” que “*permaneceram*”.

2. Plantão Psicológico

“Eu nunca falei com ninguém sobre isso, achei melhor esperar a pessoa certa, uma pessoa que nem a senhora que trabalha com as idéias, pra desenvolver a mente... Porque a senhora é vivida, já passou pelos problemas que eu estou passando de ter dezessete anos... e deu certo!” - disse o adolescente a mim.

O Plantão Psicológico na FEBEM foi constituído através da atitude de um cartógrafo e atenção de um clínico. Éramos *cartógrafos clínicos* num contexto em

constante transformação. Somente uma prática psicológica socialmente inserida poderia acompanhar a instabilidade institucional, propondo uma ação clínica flexível a novas invenções. Desta forma, o Plantão Psicológico acontecia como intervenção clínica contextualizada e engendrada a partir do encontro intersubjetivo criado por nossos olhares cartográficos na instituição.

O contexto institucional apresentou-se como uma organização social. Dessa forma, nossa prática clínica acompanhou esse modo de se apresentar, infiltrando-se entre relações para oferecer atenção e cuidado àquele que adoece pela e/ou na rede social. O sujeito social ou ator social, parte constituinte e constituída pela organização social, instaurada na instituição, aquele que adoece pela organização, nos solicitava uma ação clínica, inserida no contexto silenciosamente, ou seja, para intervir e transformar sem ferir a rotina instituída.

A prática de plantão psicológico foi desenvolvida em várias unidades de internação da FEBEM. Para descrever e compreender nossa prática, utilizarei diferentes cores para diferentes experiências. Como fio condutor, escolhi a unidade α , que deixarei em preto no decorrer da escrita. A solicitação para atenção psicológica nesta unidade partiu de sua diretoria, tornando nosso fazer clínico livre para novas invenções. A unidade α era recém inaugurada e abrigava adolescentes primários mas com infração grave entre 16 e 18 anos.

Nas unidades β , γ e δ , estávamos limitados na interlocução de parcerias com ONGs e o Plantão Psicológico foi construído no entrelaçar de três instituições: nós, a unidade e a ONG.

Em vermelho, estará a unidade β , que nos fez adoecer por seu funcionamento ainda mais invasor. As situações de humilhação, desrespeito e medo, recorrentes nessa unidade, provocaram em nós constantes questionamentos de nossa prática, embora possibilitassem a compreensão das formas como atuava o Plantão Psicológico

nas outras unidades. A unidade β abrigava adolescentes com idades variando de 14 a 17 anos com infrações médias.

Esta unidade sempre pareceu estranha. Quando fui visitá-la pela primeira vez, percebi que nela, mais do que em qualquer outra, a singularidade e a privacidade de cada um de seus atores sofriam violência ainda maior. Eram cerca de 100 adolescentes, divididos em dois quartos... sim!!!... em apenas dois quartos!!! Eram fileiras de beliches, colchões no chão... como que um grande orfanato superlotado! Em nenhuma outra unidade, os funcionários me apresentaram o quarto, o banheiro, algo tão íntimo e privativo, com tanta naturalidade. Lembro-me que um deles contou que, durante a noite, dificilmente poderiam intervir se alguma agressão estivesse acontecendo na extremidade do quarto mais distante da porta... para lá chegar, seria necessário passar por cima de vários colchões espalhados pelo chão.

Em azul, estará a unidade γ , referenciada no capítulo primeiro, na qual atuei como plantonista. O Plantão Psicológico acontecia apenas aos jovens. Esta unidade tinha como marca a população de internos acima de 18 anos, com infrações graves e muitos boletins de ocorrência assinados por permanências reiteradas pela FEBEM. A experiência de agressões e rebeliões, vividas em outras unidades e/ou complexos pelos jovens, tornava γ uma unidade de horror para muitos funcionários.

Olhava para aquela escada que dava para os quartos e pensava: "O que será que está acontecendo lá dentro?" Poucos meninos no pátio, poucos meninos na escola... na certa eles estavam nos quartos... e lá poderia estar acontecendo qualquer coisa que não veríamos... É tudo muito obscuro. A falta de coragem é tamanha... que nem dá curiosidade para subir... só a escada já me punha medo. Esta unidade guarda um monte de mistérios... nunca podemos ver todos os rostos... sempre existem os que estão escondidos por lá... personagens ocultos!!!

Em verde, estará a unidade δ , que abrigava os excluídos da FEBEM. Era uma *unidade-seguro*, ou seja, composta apenas por adolescentes que foram ameaçados por outros em outras unidades e transferidos, por *segurança*, para δ . Por abrigar apenas

adolescentes transferidos, a unidade era mestiça quanto a idades e gravidade das infrações dos jovens.

Tudo parecia meio escuro e abandonado. Eu achei um clima meio hostil, mas acho que não tinha como ser diferente... todos têm que manter o mínimo de respeito lá... pois nem no mundo do crime, de certa forma, eles são aceitos! São maiores do que eu imaginava... [...] e todos têm a cara envelhecida de certa forma!

2.1 Modo de estar como rede de cuidado no grupo

A construção era nova e toda pintada em azul e branco. Por um momento, me passou que até que não era tão mau ficar ali... Foi quando ergui minha cabeça para o céu e lembrei que estava numa "jaula". O pátio é o lugar onde tudo acontece... rebeliões, climas e brigas. Estava em estado de alerta... Tudo era estranho... Dois meninos mexiam na grama.... alguns falavam baixo.... as ações pareciam ameaçadoras. [...] O pátio me pareceu pequeno... Senti que estava exposta. E todos nós estávamos trancaçados lá dentro...

Semanalmente, ficávamos (psicólogos, meninos e funcionários) “presos” todos juntos durante algumas horas, aprendendo um outro jeito de ser psicólogo nesta situação inusitada. Nossa prática clínica acontecia no pátio da instituição, onde adolescentes e funcionários dividem o espaço ocioso da noite, após o encerramento das atividades educativas e pedagógicas. No pátio, acontece a maior tensão da unidade, que emana como um braço de ferro, revelada pela pressão de mãos segurando grades ou fechando cadeados: uma constante ameaça. Assim, o pátio mantinha a atenção²⁰ de um campo de guerra fria, apontando constantemente a iminência de um fogo cruzado.

Como transitar neste espaço onde a sobrevivência, a morte, a violência é real e concreta? Tal modo de clinicar, inserido no cotidiano da unidade, revelava, também, nossos próprios medos. Em contínua atitude cartográfica, com olhares atentos a todos e à nossa afetabilidade, aprendemos a nos mantermos seguros (protegidos) no espaço

²⁰ Atenção, aqui, refere-se à cautela.

institucional. Encontrávamos no medo um aliado companheiro. Era ele quem nos impunha a incerteza e o estranhamento e, assim, o limite.

Estava me sentindo exposta... e era ali que o medo se alojava.

De fato, o medo se alojava na exposição. Numa instituição em que o temor deixava de ser fantasia e assumia sua concretude, permanecíamos atentos até para nossa postura “concreta” de ir a campo: nosso modo, pelas roupas largas, cabelos presos, sentar-se desta ou daquela maneira.

Conversamos com o coordenador de turno... e ele ficou colocando um pouco de medo dizendo que era pra nós tomarmos cuidado porque os meninos atacavam mesmo. Contou uma história de um menino que foi pego “encoxando a professora e pegando nos peitos dela”... dizia que a gente tinha que ficar longe deles, não deixar chegar muito perto, não ir até os quartos.

Foram diversas as recomendações tanto de funcionários como dos próprios meninos, mostrando, por um lado, um cuidado, e por outro, uma forma de reprimir e assustar. Parecia ser o mesmo alerta, recebido pelos meninos por parte de funcionários e dos mais antigos de “casa”, quando chegavam pela primeira vez à FEBEM. Agora, como que num outro ritual de iniciação, era feito por eles, ao chegarem em bando para testar nossa resistência, certificando-se se tínhamos noção de onde estávamos²¹ e se poderíamos suportar aquelas horas naquele espaço, vivendo aquela situação. Os meninos “sabem” mesmo das coisas: nem todos de nossa equipe permaneceram, mesmo com todo o cuidado que tínhamos com o grupo; alguns desistiram e não voltaram mais. Afinal, impossível não se sentir “estrangeiro”, ocupando um espaço **de** e **numa** outra cultura: cartografar passa, também, por aprender valores e normas do contexto a ser cartografado.

²¹ Parece que, na cultura do local, não se pode perder a referência de onde está. Segundo os adolescentes, há palavras do vocabulário da FEBEM que apontam este modo de lembrar e relembrar a situação na qual se encontram. É o exemplo de *xepar* (comer), *pagar uma ducha* (tomar banho)...

Eu estava com medo, muito medo. Sentia que estava muito sozinha e com muito medo. Sabia que outras duas plantonistas estavam lá também... mas não podia nem ajudá-las, nem conseguia pedir ajuda a elas. (...) estava sozinha, apesar de estar próxima de uma delas. Lá é cada um por si...

Com esses mesmos atores institucionais, foi possível, ainda, aprender a olharmos um aos outros para nos cuidarmos: um trabalhar em grupo, em equipe, como o equilíbrio de uma cadeia, de um castelo feito com as cartas finas de baralho...

... sem que eu percebesse, vários meninos ficaram meio em volta de mim, e eu me senti sufocada!... Era como se eu não pudesse me mexer, fosse refém, ficasse presa. Olhei para outro plantonista... ele estava conversando com um menino... parecia estar a quilômetro de distância!!! Estava desprotegida!... mas, ao mesmo tempo, era como se eu não tivesse autorizada a sair de lá.

Cuidar de colega de trabalho é também cuidar de si mesmo.

Esta frase dita, no singular, por um plantonista, parece plural na autoria de todos: plantonistas, funcionários ou adolescentes. E, desta forma, aprendemos a atuar: um cuidando do outro. Cada um e todos formando uma rede de apoio e cuidado. E quando uma peça neste jogo se paralisa, toda a rede pode se romper, tornando a FEBEM mais ameaçadora, tornando a angústia de estar lá ainda maior.

A maioria dos meninos tem uma postura agressiva... chegam falando alto, tentando intimidar, fazendo brincadeiras de mau gosto... Mas não era só isso que me deixava assustada. Demorei um pouco para perceber como estava me sentindo aí. Em meio a tentativas de conversa com alguns meninos me esforcei em perceber a localização dos outros plantonistas.

Atentos à localização de cada um de nossa equipe de trabalho, permanecíamos todos à vista de todos, como uma rede de segurança.

Assim que entramos no pátio. Eu e duas plantonistas fomos nos sentar no banco. Ficamos ali conversando alguns minutos, e logo meninos se aproximaram delas duas... como estava sentado no meio... achei melhor me levantar. Fui dar uma volta. Vi uma outra plantonista, com vários meninos sentados no chão, fazendo um cisne de papel...

Fui sentar junto a ela...

Este modo de “se fazer estar seguro”, embora não fosse toda a garantia de se estar tão seguro assim, mas, em realidade, apenas “meio seguro”, dizia respeito à própria maneira de como todos na FEBEM se sentiam e viviam: aprendendo pelo ouvir dizer e pelo fazer. Foi construído na nossa experiência, através da comunicação constante de olhares, fazendo-se possível na medida em que estávamos todos clinicando ao mesmo tempo no mesmo espaço: atenção e cuidado a todos os envolvidos naquela situação, fossem funcionários, adolescentes ou outros colegas plantonistas.

2.2 Apresentação

Antes mesmo de dizer quem éramos, visitávamos a unidade, em períodos diversos, para conhecer e iniciar as primeiras aproximações e interações entre nós e adolescentes e funcionários. A apresentação da equipe e do Plantão Psicológico era feita no primeiro dia de trabalho, quando estávamos já no horário e local designados ao plantão. Geralmente, a apresentação para adolescentes e funcionários da unidade acontecia no refeitório, momento em que todos estavam reunidos:

Somos uma equipe de psicólogos da USP e viemos por um chamado da diretoria da unidade para desenvolver um trabalho com adolescentes e funcionários. Estaremos aqui, no pátio, para fazer Plantão Psicológico, todas as terças-feiras das 18:00 às 21:00. O Plantão Psicológico é para quem quiser e sobre o que quiser conversar. Quem virá ou não conversar e o que será conversado não constarão em relatórios. Manteremos o sigilo da conversa, também, para outros funcionários e adolescentes. Esses serão os plantonistas que estarão disponíveis aos funcionários e esses, aos adolescentes. Eu sou a supervisora de campo²² dos plantonistas e estarei por aqui, prioritariamente, a eles²³.

²² Tais definições de quem seriam os plantonistas disponíveis a quem e a figura do supervisor de campo serão discutidas ao longo deste capítulo.

²³ Em geral, estas eram as informações passadas, embora as palavras não fossem exatamente estas. Fazíamos questão de não utilizar a linguagem dita na FEBEM, mas, de certa forma, para melhor compreensão, as informações eram transmitidas numa fala aproximada ao mundo por eles conhecido.

Desta maneira, a apresentação ajudava a evitar mal-entendidos de informações passadas boca a boca. Entretanto, o Plantão Psicológico só pôde ir sendo melhor compreendido no decorrer do próprio trabalho, através de nossa ação clínica, presença e constância na unidade. Nas primeiras vezes, éramos constantemente convocados a nos apresentarmos novamente e nos reapresentarmos. A maneira dos adolescentes se aproximarem em bando, nos cercando e bombardeando de perguntas, facilitou nosso modo de nos dar a conhecer.

Eles nos cercaram e começaram a perguntar sobre o nosso trabalho. ...“ Vocês são da USP? O que vocês vão fazer aqui? O que é universidade? Como é a USP? O que a senhora faz? O que é psicologia?” Antes de responder, disse-lhes que eu me sentiria melhor e, também, poderia ouvi-los melhor se fizéssemos uma roda e sentássemos.

A exceção aconteceu na unidade γ . Não havia um momento do plantão com todos da unidade. Isso porque, nesta unidade, os adolescentes não respeitavam o horário imposto pela instituição. Para nossa segurança, permanecíamos no pátio somente durante o dia, e o plantão acontecia das 10:00 às 14:00. Nesta unidade, adolescentes que não nos conheciam não se aproximavam. O clima hostil da unidade, também, nos impedia de circular no pátio. Desta forma, a apresentação foi sendo construída e inventada por nós a cada dia:

Primeiro dia...

Alguns meninos foram chamados e nos seguiram sem disfarçar a pouca disposição. Propuseram que fôssemos para perto de uma escada, onde o Sol batia. Uns quatro meninos se sentaram na mureta... um outro sem parar de fazer um trabalho artesanal, sentou-se de lado, atrás dos outros. Iniciamos a apresentação. Alguns chegavam, outros saíam. Quase sempre se mantinha uma média de cinco a seis meninos participando. Um deles cuspiu do alto da mureta, fechava os olhos e deitava-se... estava dopado. Um dos outros explicou que ele tomava “Gardenal” (motivo pelo qual assim era chamado) e passava o dia vomitando... mas que não

seria o caso de ter "pena"!... pois ele era malandro!... já tinha tido várias passagens na FEBEM... mesmo que não parecesse, por estar naquele estado!

Segundo dia...

Entramos no pátio e pensamos no refeitório como um lugar para a apresentação. Colamos os cartazes informando quando aconteceria o plantão. Aos poucos, alguns meninos iam se aproximando e sentando-se ao nosso redor... bem mais dispostos desta vez! Apresentamos nosso trabalho mais uma vez e... foi acontecendo uma conversa! Pareceu bem melhor do que no último dia... mas ainda me senti pouco à vontade. Os assuntos eram diversos: falaram do psicólogo como aquele que avalia, que faz perguntas e não tem as respostas; das "correrias" como uma maneira de ganhar dinheiro fácil; da adrenalina de correr de moto... Lembro-me de um adolescente que parecia se vangloriar (típico??!) contando, com detalhes, de um dia em que fugia de policiais com sua moto. Um outro, na mesma postura, contava de sua participação na tentativa de fuga do dia anterior.

Terceiro dia...

Perguntei a Anderson [adolescente] dos trabalhos artesanais que faziam na FEBEM. Anderson me explicava passo a passo. Até que fomos dar uma volta, pelo pátio, para que eu pudesse aprender como se fazia. [...] Foi muito legal! Praticamente todos que estavam no pátio faziam barcos, casas ou porta-retratos... cada um num estágio diferente do processo... um na cartolina (o molde), o outro na colagem das varetas e assim ia... Nesta volta, pudemos conhecer alguns outros meninos... Mas não me lembro dos nomes!!... são muitos rostos e nomes para lembrar!!!! A cada menino novo que conhecíamos falávamos quem éramos e nossa proposta de trabalho na unidade. Achei a aproximação bem legal... uma apresentação informal!!!... Mais um passo?? É um trabalho se construindo... leva tempo... Mas... vamos aí!

Quarto dia...

Chegamos e, como sempre passamos e demos os nossos *bons dias* (ressalto aqui a minha ironia) Parece algo automático e falso. Fomos ao pátio e mais vez ficamos sentados... eu e o Júlio

(plantonista)... Reparamos na ausência dos cartazes de aviso do Plantão virou barquinha... Com muito humor, ficamos conversando a respeito de nossa divulgação... como poderíamos fazê-la de modo que todos a vissem?... Pensamos em pendurar placas em nossos pescoços ou ainda no pescoço de todos exceto nos nossos... e na placa estaria escrito "Quer bolar uma idéia???" Procure as pessoas sem a placa!!!" – piadinhas, é claro! Ficamos um bocadinho no pátio a olhar as moscas. Que trabalho difícil! Estávamos fazendo brincadeiras e eu não conseguia conter o meu riso... Júlio pedia para que eu me controlasse... (escrevendo agora estou rindo da situação)... não que eu estivesse rindo alto ou algo assim... mas estava na FEBEM... com um baita sorriso no rosto!!

Quinto dia...

Entramos no pátio e nada!!!!... nada acontecia! Ninguém vinha... ninguém se aproximava... sequer olhavam para nós!! Comentei com os dois (plantonistas) que se fosse o contrário, a equipe técnica no pátio e os meninos na casa as reações seriam as mesmas... o "Bom Dia" no vácuo era de ambas as partes!!

Sexto dia...

O clima da casa estava bem diferente!!! Uma funcionária nos atendeu com um sorridente "Bom Dia" (à la propaganda de margarina)... tudo parecia estar perfeito demais!... Engano!!! Deixamos nossas bolsas na sala e na volta um menino se aproximou... Estava com o braço enfaixado... Deu bom dia com um ar diferente... estranho! Aproximou-se de mim além da conta... a ponto de me incomodar! Perguntou quem eu era, o que eu estava fazendo lá e a que horas eu iria embora. Eu respondia no plural... Estava me sentindo intimidada! Só via aqueles olhos grandes e azuis olhando para mim fixamente. Sentamos no pátio... não conseguia tirar aquele menino da minha cabeça!!... Ele realmente me assustou!!... Não estava me sentindo bem. Júlio comentou que pensava em jogar pingue-pongue. Ele ficava com reflexões teóricas na dúvida de seu papel lá dentro e se cabia a ele ou não jogar pingue-pongue. Foi até engraçado!!... Júlio parecia estar em crise com a teoria.... então eu disse a ele: "Aqui joga-se a teoria no chão e pisa-se em cima! Vá jogar pingue-pongue!!"... eu estava revoltada!!... Teoria nenhuma pode dar conta do olhar daquele menino... Não me saía da cabeça!! Estava com medo!!!!

Três dias depois...

Ficamos sozinhos por uma hora. Ninguém se aproximava. Anderson passou... deu um oi de longe. Preparamos os diálogos para o fanzine de apresentação do plantão... Esta apresentação urge mais do que nunca!

Como uma história em quadrinhos, feita com imagens e linguagem próximas aos adolescentes, os diálogos do fanzine²⁴ respondiam dúvidas ao mesmo tempo em que apresentavam nosso trabalho. Distribuir os fanzines facilitaria nossa circulação pelo pátio. Desta forma, nesta unidade, além de informativo, o fanzine revelou-se a distância necessária para nossa aproximação.

Como construção feita a cada instante, o plantão mostrava-se pura invenção num espaço que nos fazia perder as referências, quando “*teoria nenhuma pode dar conta do olhar daquele menino*”. Sem sustentação de outras práticas, criávamos a partir de nossa própria experiência. Desta forma, encontrando formas para clinicar, criando *fanzines* para circular, nós cartógrafos, atentos às mudanças territoriais, íamos inventando um novo jeito de ser psicólogo. Criávamos, no espaço público institucional, um jeito de falar do privado, do particular. Íamos descobrindo uma prática clínica sem o resguardo de uma sala e ampliada pelo real e concreto do social.

2.3 Clínica ampliada

Estava perdida em meio a vários sentimentos... Com muita dificuldade consegui nemear de "medo"... mas tinha muito mais que isso!! Sabia que os meninos estavam esperando e isso me deixava angustiada. Ao mesmo tempo, não achava justo ir sem disposição para ouvir. Simultaneamente veio o questionamento do trabalho que estou fazendo junto à equipe. Saber que um menino, que tinha saído em liberdade há duas semanas hoje estava morto, provavelmente assassinado, deixou um desânimo sem tamanho. A morte do funcionário, também assassinado, um dos que melhor se relacionava com os meninos foi assustadora. Independente de que realmente aconteceu nos dois casos essas notícias nos puseram, repentinamente, diante de uma realidade dura e

²⁴ ANEXO A

difícil de enfrentar. Não que antes disse me sentisse capaz de mudar o mundo, mas de qualquer forma me abalou a ponte de questionar o que faço lá. O saldo da crise pré-plantão foi perceber que, apesar de tudo o que sinto, penso e sonho, e justamente por tudo isso que se passa dentro de mim, toda terça-feira estou a embarcar, mais uma vez, rumo à unidade...

Em um lugar de vigilância e controle, propusemos um espaço em que adolescentes e funcionários pudessem refletir sobre suas experiências sem a ameaça de relatórios, denúncias, críticas ou juízos de valor. Nosso sigilo e constância construíram a confiança necessária para a aproximação de adolescentes e funcionários, para que coisas pudessem ser ditas, regras pudessem ser contestadas. Era o momento em que ator instituído podia dar espaço ao sujeito que pensa, sonha, ama, odeia...

Ele falava das brincadeiras que faziam uns com os outros... algumas muito agressivas!... outras que ele não entende e até fica sem jeito para contar! Estava se referindo às brincadeiras de toques... Nesses toques, eles chegam a acariciar o corpo do outro, mas sempre fazendo comentários engraçados e eliminando qualquer possibilidade de um desejo. Diz ele que não participa dessas brincadeiras... mas, também, nem comenta nada com ninguém. Frisou que se sente diferente dos demais. Acrescentou que até pode fazer as mesmas coisas que eles fazem "porque se eu não for igual... o mínimo deslize... sou mandado para o seguro!". Enfatizou o quão difícil é ter que deixar de fazer as coisas de que gosta para não criar problemas. Isso vai de uma simples roupa vestida... até o diálogo com os funcionários. Tudo é vigiado com os mínimos detalhes. Parecia se referir a essa situação de uma forma bem triste... angustiada... Chamou minha atenção quando disse: "Eu não posso ser do jeito que eu sou... eu me obrigo a esquecer um monte de coisas para sobreviver!"

[...] E ele disse que, enquanto está conversando com alguma de nós, aproveita o momento para "esvaziar", para ouvir coisas diferentes, sentir-se ele mesmo... acha fundamental ter esse espaço (o plantão) e apoderar-se dele para que não perca o sentido das coisas... sentido do mundo lá fora... do mundão!

O plantão se tornava um tempo para lembrar num espaço que obrigava a todos "esquecer um monte de coisas para sobreviver". A FEBEM escancarava a não privacidade e o aprisionamento do sujeito em nome da sobrevivência de um ator institucional. Clinicar em tal contexto era também cuidar do privado no espaço

público.

Uma coisa me chamou muito a atenção: a mudança dele quando está perto de outros meninos... Ele me pareceu ficar mau! Quando estávamos sozinhos me falava como seria difícil não voltar para o crime... que ele sempre dizia que não voltaria porque era isso que as pessoas queriam ouvir... Mas falando a verdade ele não sabia e que iria acontecer. Quando os outros meninos se aproximavam... ele mudava e tom da voz!... e falava "é vou arrumar uma pistola e vou partir pra reclusões maiores..." As coisas mudavam!!!... e ele já tinha a certeza da permanência no crime!

Parecer outro quando em grupo é um fato comum, ainda mais quando se trata de adolescentes. Mas clinicar inserido no cotidiano da unidade era a real possibilidade de comunicar nossa visão a respeito do fato, para que o sujeito possa compreender a forma como responde às mais variadas situações.

... Já estive em LA [Liberdade Assistida] e foi quando conversava com uma psicóloga. Disse que quando conversava com ela, ele não era ele mesmo... tinha que fazer um tipo de "menino santo" para ela não escrever nada para o juiz. Perguntei a ele, com um tom irônico, se ele tinha voltado para a FEBEM por causa da psicóloga. Ele riu e disse:

- Não!... Foi por outro BO [Boletim de Ocorrência]!!!

Então, começou a falar das diversas condutas que ele tinha que seguir quando está na frente de uma ou de outra pessoa, do juiz, da psicóloga, da namorada, da mãe etc... Nunca é ele mesmo.

- Será que esta não é uma atitude normal? Sabe, existe um animal que quando um agressor se aproxima ele...

- O camaleão, senhora?

- Sim, ele mesmo! Ele muda de cor... quando está numa árvore, fica da cor dela se acha que alguém vai atacá-lo!

Ele então começou a fazer as associações, dizendo que sabia o que determinada pessoa deveria e queria ouvir... e fala, de um jeito que também respeita o modo de ser da outra pessoa (Ex: Não falar com gíria para a mãe).

- E isto não é se tornar da mesma cor? Aqui na FEBEM mesmo. Quando vocês entram vocês tem que aprender a falar a linguagem daqui de dentro... e isso não seria se tornar da mesma cor?

- É verdade, senhora! Como o camaleão!!! Mas... e a minha cor?

- É... de que cor de fato a gente é, né!?... Será que é possível saber?...

Quando chegavam a nós com “cores” semelhantes, ou seja, em grupo, ampliávamos o atendimento a todos, com o cuidado para não expor ninguém. Conduzíamos para a discussão de algum tema levantado pelos adolescentes. Assim, rodeávamos assuntos diversos e clinicar era ampliar olhares de um grupo.

- De uma maneira ou de outra todos tão aqui pois estão devendo para a justiça! _disse um dos meninos.

- Justiça? Vocês devem para a Justiça? Mas quem é esta tal desta Justiça?

- O juiz!!!... é para ele que a gente deve!! - respondeu um outro.

- Pra ele? Mas o juiz é só a profissão do cara, ele tá lá fazendo o papel dele.

- É senhora, a gente deve para a Sociedade, não para a Justiça _pensou o primeiro.

- Pra sociedade... então eu me libero!! Eu também sou sociedade!_ respondeu bem rápido um outro menino. E assim foi iniciada uma longa conversa sobre sociedade e liberdade... foi bem legal!

Como qualquer atendimento clínico, o plantão também acompanhava os acontecimentos da época. E se dia 11 de setembro de 2001 foi uma terça-feira, o assunto não poderia ser outro:

Ficou um grupo comigo e eles estavam conversando sobre o atentado terrorista nos EUA; alguns ficaram perguntando o que significa a palavra *terrorista*, outros quais as conseqüências desse atentado já que os EUA têm as melhores armas. Confesso que fiquei surpresa com a pergunta, mas aí eles me disseram que quase todas as armas que eles têm são fabricadas por eles. Falaram sobre isso por um bom tempo, pareciam muito entusiasmados com isso, principalmente com a retaliação dos EUA. Um menino, que há pouco tempo foi para o seguro, disse que queria ser libertado para brigar contra os terroristas, queria fazer parte do exército dos EUA. Aí, o outro adolescente disse para ele: “é melhor você se cuidar primeiro”.

Em espaço público, os atendimentos também eram enriquecidos por fatos que aconteciam ao redor.

Um adolescente se aproximou. Está com o pé engessado e começou a falar da dificuldade que teve para ser levado para o pronto-socorro. Segundo ele, demoraram três dias para o levarem. Acharam que ele iria fugir... ele ficou muito irritado com a desconfiança deles. Ficou criticando os funcionários, dizendo que eles são todos iguais, são maus e que não querem o bem-estar do menor. [...] Até que apareceu um funcionário que levou um copo de água e um remédio para que o adolescente tomasse. O discurso dele e a ação do funcionário foram muito contraditórios... a cena foi tão engraçada, que quando os nossos olhares se cruzaram não pudemos deixar de dar risada da situação.

Os funcionários trabalhavam em turnos e os adolescentes poderiam ser transferidos ou libertados. Nem sempre encontraríamos os mesmos personagens do dia anterior. Diante dessa não possibilidade de um outro encontro, fazia dos encontros no plantão momentos únicos para clinicar, encerrados naquele mesmo dia. Desta forma, cada novo/outro encontro revelava uma clínica ampliada, criando outras formas de compromisso entre o sujeito e os outros ou entre ele e ele mesmo e, desmistificando a questão do vínculo da clínica tradicional.

Esta terça aconteceu algo no plantão que me fez pensar que ainda há muito para descobrir sobre esta prática dependendo do contexto em que ocorre.

Eu estava no pátio, circulando entre adolescentes e funcionários, atenta aos plantonistas e ao movimento físico e de relações entre todos nós.

Éis que um adolescente se aproxima de mim, não era nenhum daqueles que costumava se aproximar quando eu entrava no pátio.

Franzino, pequeno, mas rápido, não perdeu um segundo para dizer:

– Senhora! Aquela "japonesinha" não veio hoje!?

– Não, né!? Você está vendo ela por aqui?

– É que eu costumo falar com ela... quando quero conversar...

– Bem... Ela não veio... Você queria conversar com ela hoje?

– Queria... Mas como ela não está aqui... e... eu quero falar... vou falar com a Senhora mesmo... mas... eu vou falar de onde eu parei de falar com ela... porque quero ir adiante... Não vou começar de antes... Se a Senhora quer saber o que eu falei antes com ela... a Senhora pergunta pra ela... Hoje eu vou daqui pra frente.

E eu, surpresa, sem ao menos saber o nome dele, passei a ouvir o que ele tinha para contar...

E, depois de ouvi-lo, quando ele se afastou, eu mesma precisei sair do pátio, tão perturbada que estava pelo acontecido, apesar dos anos de prática e de transmissão do sentido do plantão.

Mas, mais uma vez, fui surpreendida pela perplexidade desta prática... Como era possível aquele adolescente ter feito uso do plantão de uma forma que eu mesma afirmo ser possível de acontecer, mas, ao mesmo tempo, não ter tanta confiança de que se mostraria ao vivo e a cores?

É que quero dizer é que a questão, que os alunos sempre fazem sobre como poder terminar um atendimento e não levar em conta o "vínculo", tinha se apresentado a mim

cristalina e sem nebulosidade. Aquele adolescente, sem nome, mas querendo falar de si, havia mostrado como o plantão pode ser o lugar de apropriação para aquele que a ele recorre, para encaminhar adiante em sua experiência e compreensão do seu vivido.

Naturalmente, a pessoa com quem ele já tinha conversado era importante, mas para fazê-lo continuar contando de si.

Se ela não estava presente, ele "soube" encontrar um modo de realizar o que precisava: era fundamental falar, mas não somente com alguém determinado.

Foi como se ele compreendesse o sentido de plantão: uma árvore para repouso e de que é possível encontrar árvore em seu caminho para descansar e depois seguir adiante. Não importa um tipo ou espécie de árvore em especial. Importa saber encontrar árvore quando for preciso. Plantão Psicológico e não um psicólogo específico.

Seria isso uma expressão do contexto de vida que ele vive? Sua forma de ser entre as pessoas no mundo que conhece, fora e dentro da FEBEM, apresenta-se sempre como estar em trânsito? Uma questão a se pensar...

E... até hoje... tenho dificuldade de lembrá-lo pelo seu nome... mas não pela situação que vivemos juntos...

A confiança e constância de nosso trabalho tornavam toda a equipe como referência de cuidado, na qual o vínculo poderia existir. E o plantão mostrava como a possibilidade do privado (intimidade) podia ser respeitado no próprio espaço público.

De uns tempos para cá, ele se acostumou a me procurar, quando entro no pátio, para conversar. Antes, ele ficava "ciscando" as meninas, tirando uma "delas", mas sem "bolar idéia".

Comigo tem sido diferente. Primeiro chegando junto com outros, todos querendo "debater" comigo a vida do crime no "mundão" e na FEBEM. Mas, aos poucos, quando ele se aproxima, os outros começaram a se afastar de mim. Sobrando apenas nós dois, ele contava de sua vida e de suas aflições. Sua mãe, que havia morrido de desgosto por causa dele e de outros irmãos, que era uma culpa que não o deixava dormir em paz. Depois falava do pai de quem tinha muita saudade, mas por causa da mãe, não queria mais vê-lo. Contou também de uma namorada que o havia traído depois de preso e que tinha deixado ele muito "encucado" quando soube que ela estava grávida e mandou dizer que o filho era dele. Esse era um motivo que o deixava atormentado por estar preso, queria estar lá fora para esclarecer tudo isso.

Um dia, ao chegar na "gaiola", um funcionário se aproximou de mim e disse: "O Tabuada quer falar com a senhora. Acho que ele precisa hoje... ele recebeu a notícia da morte do pai."

Não me surpreendeu esta aproximação do funcionário, pois já havia percebido que Tabuada era um líder na "casa", gozando de estima por parte dos funcionários, pelo seu poder de negociação para apaziguar tensões entre adolescentes e "funças". De certa forma, fazia sentido, sendo ele o líder, escolher a mim, a "chefona" dos plantonistas, para conversar durante o plantão, falando de sua vida.

Assim que cruzei a grade da gaiola para o pátio, vi Tabuada encostado num canto, sozinho, mas com um roda de meninos um pouco afastado perto dele. Ao me ver, Tabuada se aproximou e pediu para falar comigo. Não sei bem de onde, se por adolescente ou funcionário, uma cadeira apareceu para eu sentar, colocada no centro do pátio. Sentei-me enquanto Tabuada se agachou próximo aos meus pés. De cabeça baixa, com voz cortada, disse que seu pai havia morrido. Foram as únicas palavras que ele pronunciou pela próxima hora e meia. Sempre de cabeça baixa, fazendo rabisco com

o dedo na terra do pátio, começou a chorar... chorar... chorar... E eu, sentada naquela cadeira, no centro do pátio de uma unidade da FEBEM, com adolescentes e funcionários todos ao redor, me mantive junto a ele em seu choro. Foi e continua sendo de uma intensidade muito grande a recordação desta situação. Em um contexto tão público, de tamanha exposição, repleto de gentes, o atendimento mais íntimo e privado que me aconteceu.

Foi tão grande o envolvimento e a sensação de intimidade a dois, que quando chegou a hora de término do plantão e Tabuada se levantou, com os olhos vermelhos e bastantes molhados, me agradeceu e se despediu, que me dei conta de que como estavam ali e eu nem havia percebido. Foi tamanho o respeito de adolescentes e funcionários pela dor de Tabuada e sua necessidade de ficar junto a alguém, que não houve nenhum cruzamento de pessoas durante a hora e meia em que ficamos juntos. O pátio parou de circular para dar a privacidade que Tabuada precisava.

Outra surpresa de plantão: o privado podendo acontecer no público numa hora de dor profunda e sofrimento num setting absolutamente descabido para uma clínica tradicional. Mas, sem dúvida, uma atitude clínica do coletivo ao qual o sujeito pertencia. Uma lição para psicólogos...

O tempo formador de confiança do plantão era a própria constância, construída através de uma forma de clinicar coexistindo. É como se o plantão, para acontecer, precisasse também estar instituído no tempo e espaço da instituição. Os laços de uma tal co-existência eram construídos pela estória dos “psicólogos da USP” com a FEBEM, pela estória do plantão no tempo na instituição; tempo para que a palavra circulasse e, através dela, a confiança nascesse.

3. Supervisão de campo

Mas, finalmente, entramos no pátio. Quer dizer, abriram a porta, eu pus a cara ali e vi um pátio escuro, cheio de ladrão (desculpa, foi essa minha impressão, por causa da estrutura do lugar, que lembrou cadeia). Uma apreensão que tomou conta do meu estômago, mas passou na hora que a supervisora de campo falou: “Cola em mim”. Fui andando ao lado dela, cumprimentei os meninos e comecei a me sentir mais à vontade...

Mas num tal jogo de imagens, que se cruzam e intracruzam, que se perdem e se intercalam, tornou-se fundamental um cuidar ainda mais atento ao cuidador: alguém com mais experiência na instituição e não apenas na prática de Plantão, para que pudesse também estar inserido na situação clínica do pátio, mas prioritariamente debruçado aos plantonistas. Deste modo, constituiu-se o **supervisor de campo**. Transitando entre funcionários, adolescentes e plantonistas, ele articula seu fazer

pelos olhos atentos numa visão ampliada por lente grande angular, oferecendo-se como cuidador para cuidar de cuidadores.

Estavam todos ao meu redor... e já não conseguia ver os outros plantonistas no pátio. Faziam uma porção de perguntas, falavam uma série de coisas... não conseguia ouvi-los! [...] Minha atenção estava completamente voltada em mim!!!... Não sei como, mas de repente apareceu a supervisora de campo!! E dizia para os meninos que eu não conseguiria ouvi-los desta forma e pediu para que fôssemos ao banco, nos sentássemos em roda e aí sim, eu poderia dar atenção a todos... Confesso que ainda estava com medo e não queria ficar só... quando vi, a supervisora nos levava para sentarmos junto com outra plantonista, que estava sozinha no banco ao lado do refeitório. Começamos então a conversar com os meninos... eu e ela.

Coexistir neste espaço público ampliava, também, nosso *setting*. Estar no pátio era, também para nós, solidão, medo, desilusão, rivalidade, perda. E a supervisão de campo se portava como um refúgio, um porto seguro, funcionando como um vértice na rede de cuidado instaurada por nós.

A importância da presença do supervisor de campo torna-se evidente quando se vive a experiência de estar em campo sem ele [...]. A sensação é de que a responsabilidade como integrante do grupo, aumenta pois como a figura de "quem cuida" não está presente todos cuidam de todos. A questão de cuidado, do outro, não só do cliente, mas também da equipe com quem se trabalha está tocando em mim de uma forma muito especial ultimamente. De fato, a experiência que tive no pátio dessa unidade me colocou frente a uma questão de fundamental importância para o trabalho que realizamos. O supervisor de campo, como já disse, acaba ocupando o lugar de "quem cuida": além de dar plantão e cuidar de adolescentes e funcionários cuida também da gente... Isto lhe dá um lugar diferenciado e sua ausência deixa um vazio que é sentido pela equipe...

A parte das supervisões e da formação do nosso próprio grupo foi importantíssima pra mim. Sentir que as sensações que eu sentia não eram uma coisa para ser invalidada, sentir que o "formato formal" de terapia não era prioridade e que, por isso, eu não tinha que fingir ser super resolvida e entender e analisar tudo com a cabeça mais neutra do mundo. Tenho certeza que se o 'approach' fosse esse, eu não teria durado!!... Juro por Deus!!!!

Assim como o plantão surgia como invenção, ser supervisor no campo criava formas de cuidado e atenção aos plantonistas. Era na situação de campo que ações de cuidado eram solicitadas: clinicar junto, entrar em rodas que cercavam,

principalmente as plantonistas mulheres, para ajudá-las a saírem da situação de falação e pressão dos adolescentes. O supervisor de campo está em plantão pelo tempo e no espaço do plantão. Circulando pelo pátio, seus olhos desdobravam-se entre olhos dos plantonistas e as ocorrências da instituição. Ao notar algum sinal de um possível pedido de ajuda por parte dos plantonistas, aproximava-se, silenciosamente, dispendo-se como sua dupla, para poderem se experimentar plantonistas em meio a situações contendo valores e ações.

Logo chegou um menino, que estava revoltado porque tinha caído um BO para ele por causa do dia anterior. Disse que a assistente falou um monte para ele... que ele tinha dois lados: às vezes parecia que melhorara, mas que parecia sempre ser o mandante de tudo de ruim que acontecia. A supervisora de campo chegou e fez umas intervenções muito boas com ele. Começaram a falar de dinheiro. Ele disse que ao sair ia roubar para conseguir dinheiro. Ela foi desconstruindo o discurso... mostrando o quanto era vazio esse plano. Ela fez isso fazendo perguntas como: pra que você vai usar o dinheiro? quanto acha que vai ser suficiente? O que é uma pessoa rica? O que você vai construir? Em que vai investir?

Estar no campo, com a equipe do plantão, não resguarda o supervisor de solicitações de adolescentes e funcionários. Nestes momentos, seu clinicar acontecia mas esclarecendo que estar ali era como prioridade aos plantonistas, desta forma, podendo interromper a conversa a qualquer momento. Muitas vezes, clinicava andando pelo pátio, dependendo da situação, para encaminhar essa pessoa aos plantonistas. Aproximavam-se do supervisor, também, alguns meninos com dificuldades para se dirigirem ao plantão, solicitando ajuda para se aproximarem.

Eu estava conversando com um funcionário junto com Paulo [plantonista]... A unidade estava tranqüila... assim como o plantão. Mas, resolvi deixar Paulo com ele e começar a circular... como de costume. Quando passava por cada uma das meninas, Jorge [adolescente] se aproximou. Enquanto andava comigo, ele

falava do quanto tinha ficado mal desde o último dia de visita. É que Jorge descobrira que sua mãe na verdade é sua irmã... e dizia estar com raiva... mas muita raiva com isso. Conversei um pouco com ele... mas iam surgindo mais e mais coisas na cabeça dele que, eu, andando no pátio, não conseguiria cuidar!!! Então disse algo assim:

- Jorge, eu estou vendo que você tem um monte de coisas para conversar... Já tentou falar com algumas das meninas? Acho que elas poderão dar maior atenção a você do que eu! Você não acha?

- É, senhora... eu tentei falar com a D. Fernanda [plantonista]... mas ela estava conversando com o mano lá.

- Veja, a D. Fernanda realmente está lá conversando com alguém... mas a D. Marina [plantonista] não!... Você prefere esperar a D. Fernanda?

- Não, não, senhora... Não tinha visto a D. Mariana aí! Vou colar lá! Obrigada, senhora!

Próximo ao plantonista, o supervisor de campo era o olhar externo para as relações internas do pátio, da unidade. Tal visão ampliada auxiliava o respeito e cuidado com a rotina da unidade, permanecendo atenta aos impasses e intracruzamentos do plantão na instituição, como, por exemplo, fazer cumprir normas que se renovavam na inconstância institucional. As constantes mudanças da unidade solicitavam um olhar atento à rotina que se transformava a cada semana.

A unidade, nestes últimos dias, estava bem complicada!!! Era como se nossos limites estivessem sempre sendo testados!! Irritante!!! Agora a casa já estava completamente diferente, mas... tinha constrangimento no ar... e já não sabia como agir!!!

Ficamos esperando, na "gaiola", a supervisora de campo conversar ou, talvez, negociar com os coordenadores de turno o melhor modo de acontecer o plantão. Achei até que naquelas condições não ia dar... Como os meninos poderiam chegar até nós se mal podiam circular no pátio??!!!!

Antes de entrarmos, a supervisora de campo disse de algumas normas que teríamos que cumprir: permanecer sentadas e todas apenas em um lado do pátio. Disse ainda: "Quanto às regras impostas aos adolescentes... eles mesmos sabem bem delas! Não se preocupem!!".

Estávamos meio constrangidas... sei lá... mais quadradas talvez... regradas!... Mas o plantão foi acontecendo!!! Os meninos chegavam até nós circulando no pouco espaço que tinham... mas chegavam... às vezes era até uma situação cômica... trágica... mas cômica!

Sem perder o foco de que estávamos em um ambiente hostil, permanecer atenta ao campo, significava, também, notar movimentos estranhos que indicassem que o clima estava denso e decidir pela retirada (ou não) dos plantonistas do pátio.

A supervisora nos chamou para que saíssemos do pátio. Ficamos um tempo sentadas de lado de fora sem entender o que estava realmente acontecendo!... Se tinham nos dito que um menino estava desde às 5 horas dentro do 'banheiro das necessidades', pois estava achando que iria ser levado de bonda e não para o pronto-socorro como os monitores estavam dizendo. Estar ali de lado de fora, se curvando as costas foi angustiante: não sabíamos o que estava acontecendo e ficávamos imaginando as possibilidades... rebelião?... apenas uma forma de chamar atenção?...

Durante o primeiro ano desta prática, havia dois grupos de plantão, atuando no mesmo tempo e espaço: um destinado a funcionários e outro a adolescentes. Repartir a equipe de plantão foi uma decisão tomada por dois motivos principais: - a rivalidade entre adolescentes e funcionários, indicando a inviabilidade de apenas um mesmo grupo aos dois; - sendo a FEBEM destinada ao atendimento sócio-educativo aos adolescentes, com histórico de ONGs somente propondo trabalhos aos adolescentes, ou para funcionários, visando seu melhor atendimento aos adolescentes, não havia cultura para ser oferecido um espaço para e por funcionários.

Entretanto, se por um lado, esta forma de trabalhar viabilizava o acontecimento do plantão, por outro, continuava reproduzindo a dinâmica cindida da unidade. Desta forma, a figura do supervisor de campo funcionava como uma quebra ao modo de ser institucional, já que ele circulava entre os plantões. Nesta situação, aparentemente ambígua, de estar em um ambiente de rivalidade e não escolher nenhum lado para estar somente junto a ele, foi compreendido por todos na unidade, na medida em que tanto funcionários como adolescentes procuravam o supervisor de campo também para conversar.

Desta forma, o Plantão Psicológico, ampliando-se a todos os atores institucionais, recebia novas demandas abrindo outras possibilidades para ação clínica. A prática psicológica, que também se revelava em forma de Supervisão de Apoio Psicológico, oferecido para agentes de educação, técnicos e coordenadores de turno, tornou-se um espaço para acolhimento de questões e sofrimento, tanto pessoais quanto profissionais e situacionais, por parte de todos os atores institucionais. Compreendendo que tal supervisão propunha-se a apresentar um olhar possível para as diferentes posições, garantindo o sigilo de cada um, empenharam-se em abrir-se ao diálogo entre si, possibilitando uma maior compreensão entre a maioria dos atores/personagens desta instituição.

Foram momentos de possível aproximação, principalmente entre técnicos (psicólogos e assistentes sociais) e agentes de educação (psicólogos e pedagogos), antes com procedimentos e atitudes bastante divergentes entre si, levando-os a se abrirem à escuta entre todos aqueles que tinham maior contato com os adolescentes, agentes de educação e de proteção, antes representantes exemplares, dentro da instituição, do próprio maniqueísmo da sociedade para com esses atores de ato infracional.

Não pretendo me estender nem tampouco desenvolver como ocorreram essas novas ações. Entretanto, gostaria de apontar o quanto acrescentaram à minha formação de supervisor de campo, já que, ao me deparar em outros lugares de trânsito, até mesmo fora do pátio, minha compreensão tornava-se mais próxima ao real das relações institucionais.

A situação da supervisora, lá dentro é complicada... Ela pipoca por todos... os meninos do Seguro, os Sangue Bons, os "Funça", e dessa vez teve até mãe!!... É muito interessante!... Todos a viam conversando com um e outro e... mesmo assim... todos se aproximaram dela!! Situação atípica num meio

naturalmente persecutório... principalmente com a tensão aumentada... quando a desconfiança aumenta ainda mais!! Só que, como ela mesma fala, aí a “cadeia pesa” para ela...

Transitando pela rede social instaurada na instituição, quando a “cadeia pesa”, perpasso por situações desalojadoras. Mas, são momentos como estes que nos re-voltam e nos movimentam à busca de significação do sentido de nosso fazer clínico: nossa prática. Porque para nós, humanos, o sentido está adiante da vida. E é em nome dele, do sentido, que o nosso tempo de humanos é percebido como um tempo sempre designado a algo: tempo do existir como acontecimentos a suportar, isto é, a acolher, a escolher, para cuidar, para ser *psicólogo clínico como, onde e quando puder...*

CAPÍTULO IV

UMA INSTITUIÇÃO PARA ADOLESCENTES INFRATORES: A FACE INSTITUÍDA E O VERSO INSTITUINTE CARTOGRAFADOS COMO ENGENDRAMENTO DE PRÁTICA CONTEXTUALIZADA

Havia bandeirinhas, música, pipoca... mas não era uma festa.

Nos anos 90, algumas instituições e organizações começaram a procurar o Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), do IPUSP, com pedidos variados, mas que, de certa forma, perpassavam por uma demanda: um espaço de escuta. Essas experiências abriram possibilidades para o exercício, pelo LEFE/IPUSP, das

modalidades de prática, referidas no capítulo anterior, em uma instituição que, desde sua criação, instiga propostas de política pública a adolescentes infratores: Fundação do Bem Estar do Menor – FEBEM.

Nessa empreitada, alguns questionamentos foram provocados pela forma cartográfica de “entrada na casa do outro”. Embora convidados a participar de uma festa, e também principalmente por isso, foi possível perceber uma rotina “da casa” pela convivência em situações que juntos pudemos partilhar. Da experiência de visitas iniciais e conversas com os dirigentes, que pediram a colaboração do LEFE para realizar uma intervenção na FEBEM, já percorrida por relatos em momentos anteriores, brotaram algumas reflexões. Ela permitiu esboçar-se uma compreensão da face instituída dessa instituição, ao mesmo tempo em que apontava para a necessidade de também compreendê-la pelo verso instituinte dessa face, nem sempre desvelado por propostas ou planos estratégicos para ação pública. Nesse percurso, alguns interlocutores teóricos foram convocados a colaborar, juntamente com fragmentos de diários de estagiários. Afinal, fazia-se necessário conhecer o contexto onde uma prática se realizava.

1. Espaço Compartilhado: um caminho para uma ação

O espaço público constitui-se como espaço de encontro, competitivo e heróico, de desempenho e de exibição das qualidades do cidadão, em que os indivíduos buscam reconhecimento e aplausos (ARENDDT, 1954). A cidade, como espaço público, é campo de encontros da diferença, da diversidade, no qual o outro pode ser visto como antagônico ou inimigo, mas também apenas como outro, diferente e diverso (SILVA, 2004).

Ele queria saber da imagem que as pessoas do “mundão” tinham sobre a FEBEM - falei que a maioria pensava a instituição como local de violência, crime e rebelião, ou seja, exatamente aquilo que a mídia mostrava. Então, ele se pôs a pensar sobre como seria a recepção que teria no “mundão”: ele imaginava que ia ser muito discriminado, que as pessoas talvez olhassem pra ele como um psicopata, que talvez sentissem medo dele.

Augras (1981) compreende espaço a partir do mundo, sítio dos homens, por eles criado e orientado. Assim, espaços público e privado podem ser ocupados de modo a possibilitar situações para ora comunicar-se ora isolar-se. Nesse contexto, é possível fazer-se uma leitura do mal-estar do homem contemporâneo, vivendo em meio urbano superpovoado, no qual é constante a ameaça da transgressão de espaços. A claustrofobia poderia revelar, numa perspectiva patológica, a angústia frente à ameaça de transgressão de fronteiras, ou seja, o espaço próprio ameaçado por invasão externa. Em tal cenário de espaços inter-visados, os homens da cidade estariam condenados à superposição, ao amontoamento, à solidão, conduzindo à violência urbana, compreendida como o terror da violação de espaços público ou privado.

É por essa perspectiva que Guará (2000) recorre a Wally²⁵, personagem da literatura infanto-juvenil, como metáfora ao jovem infrator: menino de gorro listrado em vermelho e branco, que vive escondido em cenários cheios, confusos e multipovoados, como os espaços labirínticos das grandes cidades. Wally precisa ser sagaz, esperto e criativo para esconder-se em detalhes microscópicos. “O nosso Wally porém, foi encontrado, punido e transferido para uma nova cena institucional que teima em perdê-lo novamente” (GUARA, 2000, p. 2).

Deste modo, instituição, do modo referido por Guará, pode ser compreendida como essa *cena institucional*, instituída por redes e relações humanas, nas quais sujeitos instituídos e institucionalizados constituem e são constituídos por relações

²⁵ Personagem de Martin Handford, protagonista da série lançada nos anos 90 “Onde Está Wally?”.

sociais, padecem limites e regimes. Nesse sentido, falar de instituição seria perder-se no anonimato, caso se pretendesse fazer uma análise crítica da instituição FEBEM, assim como a ela referir-se como uma instituição *doente*, se for considerada apenas pela aparência do que se mostra pelo instituído de seus atores, adolescentes e funcionários, por rebeliões e agressões constantes exploradas por manchetes da mídia nacional.

Contudo, ainda assim valeria compreendê-la por uma leitura e reflexão de situações vividas por esses sujeitos sociais, conduzindo-os a um adoecimento através do trabalho que realizam ou de suas relações interditas no cotidiano institucional. É a isto que se dedica este capítulo: como seria vista a FEBEM pela ótica da experiência refletida daqueles que foram convidados a acolher seu pedido?

Disse que ele estava preso por causa das grades da FEBEM, mas que tinha gente no mundo que era muito mais preso que ele, preso nas idéias, sua cabeça estava livre para pensar e muita gente era presa na rotina.

Como que tapando buracos da solidão humana e de sua falta de sentido, toda instituição apresenta-se pela sedução provocada pela sensação de pertencimento nela implicada, revelando-se, por isso, como uma forma de refúgio social (ENRIQUEZ, 2001b). Nessa mesma direção, Goffman (1961) utiliza de situações institucionais em manicômios, presídios e conventos para compreender o mundo social das relações instituídas em espaços por ele definidos como *instituições totais*. Em toda instituição encontrar-se-iam tendências a fechar-se em si, para conquistar o tempo e interesse de seus personagens. Entretanto, em uma *instituição total*,

[...] seu “fechamento” ou caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições de saída que, muitas vezes, estão incluídas no esquema físico – por exemplo,

portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. (p.16)

Criada pelo Estado, a FEBEM seria um espaço para cuidar e educar meninos e meninas que se mostraram incapazes de cuidar de si, tornando-se ameaçadores para a si e para o outro. Desta forma, ao utilizar a interdição, através da violação de liberdade, uma unidade de internação da FEBEM pode ser compreendida como *instituição total*: um espaço “público”, restrito e marcado pelo isolamento social, violador de territórios do “eu”, do sujeito do verbo, que fala e deseja. Em contexto de tal transgressão territorial, onde “a fronteira que o indivíduo estabelece entre seu ser e o ambiente é invadida e as encarnações do eu são profanas” (GOFFMAN, 1961, p.31), considera-se que seus personagens, funcionários ou adolescentes internos, violados em sua subjetividade, perdem a própria história pessoal, passando a tomar, por imposição, uma identidade institucional. Através do medo e da ameaça, violação e aniquilação, revelam-se por meio de contenção violenta, manifestada por rebeliões e adoecimentos. Neste contexto, os personagens da FEBEM alternam-se entre violados e violadores, vítimas e algozes.

“Como vai ser quando eu sair... acho que se eu chegar pra uma mulher e chamar de ‘senhora’ ela vai estranhar...”
Todos diziam que ele ia sair pior do que entrara... sua família reparou que fazia pra não falar as gírias típicas da FEBEM... repararam também nas tatuagens que ele fizera no corpo todo e disseram que com aquilo as pessoas saberiam da sua passagem pela FEBEM! Perguntei por que ele se tatuara, e ele respondeu: “Sei lá... Ah, se todo mundo fazia aquilo...”

A violência nesta *cena institucional* refere-se a um conjunto de regulamentos e procedimentos ocultos, encarnados no impessoal e anonimato (LEVY, 2001). Na relação entre sujeito e *cena institucional*, notam-se, por todos os lados, quadros de transgressões e solidão, na forma de angústia. Dado que a morte se mostra

inevitavelmente iminente, constituindo-se como a real ameaça à luta pela sobrevivência, configuram-se *situações-limite*, em que as ações apontam a dirigir-se por caminhos inversos.

Segundo Enriquez (2001b), trata-se da constituição de uma cultura de organização, que defende valores e normas: a instituição define quando e quem tem direito à palavra e à sanção. Tal impedimento da ação e da palavra é compreendida, por Gonçalves Filho (1998), como um sofrimento político, da *polis*, da cidade. Desta forma, a humilhação social é vivida na interdição, como impedimento para a própria humanidade em si mesmo, mostrando-se uma violência geradora de desigualdade no direito de agir e falar: nem todos falarão e os que falarão, falarão de acordo com quem ordena.

O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível para algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despedido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu (GOFFMAN, 1961. p24).

Ele voltou a me falar do medo que estava sentindo e do quanto estava se sentindo deslocado. Ele disse que não conseguia entender muitas das gírias faladas pelos meninos e que não conhecia todas as regras da casa, o que o colocava em situação de risco constante. Alguns dias antes, por exemplo, ele tinha dito aos meninos que estavam no seu "barraco" que ia se deitar, mas que ia ficar de olho aberto (ou seja, de cú aberto, expressão geralmente intolerável ali). Sua sorte foi contar com a tolerância destinada aos novatos.

Outra coisa que o deixava muito assustado eram as "galinhagens" de que estava sendo vítima e que precisava retribuir pra manter a imagem e se livrar do estigma nascente de Gardenal. Ele me contou que estava todo dolorido por conta das porradas que levava e que também estava mal porque fora beijado à força por dois meninos.

Entretanto, uma unidade de internação não é percebida para jovens infratores completamente isolados do mundo externo. Sem o controle dos funcionários, percebe-

se que a cultura do crime está presente na unidade, mantendo-se pelo modo como ocorrem as relações sociais dentro desse espaço “de contenção”, não diferindo, assim, da ordem exigida pelo mundo do crime. Neste contexto, o novato não necessariamente precisaria ser tão despido de suas próprias *disposições sociais*, dado que o mundo do crime constitui-se por um vínculo grupal.

Falava da existência de “pastores” na unidade: “aqueles manos que se garantem lá fora, mas quando vêm pra FEBEM, se escondem atrás de uma bíblia, não conseguem se garantir aqui dentro.”

Nessa direção, Enriquez (2001c) compreende que um grupo se constitui a partir de um sistema de valores apoiados em uma representação coletiva. Pela representação ou imaginário social, “trata-se de sentir coletivamente, de experimentar a mesma necessidade de transformar um sonho ou uma fantasia em realidade cotidiana e de se munir dos meios adequados para conseguir isso” (p. 62). Sem uma mediação reflexiva, a vinculação aos grupos sociais provoca a redução ainda maior de espaços para a singularidade, promovendo ao indivíduo possibilidades de ser e agir em meio à idealização e ao aprisionamento do grupo social ao qual pertence. Desse modo, nota-se, por um lado, a violência contra o sujeito pela violação de modos de subjetivação, e, por outro, contra aqueles que não pertencem ao grupo, como se toda alteridade se apresentasse ameaçadora ao aniquilamento grupal (NOBRE e MORATO, 2004).

Num cenário social de desamparo e sofrimento, os indivíduos encontram em espaços públicos, como grupos, instituições ou organizações, a possibilidade de expressão para um projeto comum. Ancorado em idealização, ilusão e crença, tal projeto visaria a ruptura de um sistema vigente, confrontando, através da transgressão,

suas instituições mais representativas: família, escola ou a própria FEBEM (ENRIQUEZ, 2001a; 2001c).

Desta forma, o vínculo grupal, formado entre excluídos e transgressores das leis da *polis*, neste caso, a comunidade formada pelo *poder paralelo* do mundo do crime, oferece aos jovens a sensação de pertencimento, de ser e estar, de encontrar-se, apesar da possibilidade de retaliações, como perder-se em instituições corretivas. Segundo Guará (2000), os jovens, ao burlar normas sociais que os distanciam de suas carências e desejos, “escolheram transformar a vulnerabilidade em força, a aceitação em desprezo, a realidade sonhada em conquista, mesmo pagando o preço de ver amputada sua liberdade” (p. 224).

A FEBEM, para muitos adolescentes, é apenas uma extensão do mundo vivido fora. Goffman (1961) afirma que “para o internado, o sentido completo de estar ‘dentro’ não existe independente do sentido específico que para ele tem ‘sair’ ou ‘ir para fora’” (p23). No relato de adolescentes “de dentro”, é incontestável a busca pela liberdade “de estar fora”, embora reconhecendo que “estar fora da FEBEM” mas “dentro do crime” implica uma possibilidade real e próxima de “estar dentro novamente”.

Disse que provavelmente ia retornar ao crime, pois, segundo ele, depois que se entrava naquela vida... “ai já era”. Perguntei se não havia volta, se não havia alguma outra alternativa, mas ele disse que as únicas alternativas possíveis eram a cadeia ou a morte!

A cadeia, aliás, na sua opinião, era bem melhor que a FEBEM, já que lá não havia tanta patifaria. Perguntei o que ele queria dizer com aquilo, e ele disse que na cadeia os caras não ficavam ameaçando os outros, eles iam lá e os matavam logo. Fiquei estarecida.

Ou, compreendido por um modo mais direto de expressão, seria como a Fita de Moebius,



desenho de Escher²⁶ (1961), para comunicar a questão da ambiguidade entre "dentro e fora", no real da condição humana no mundo entre homens.

Neste contexto, leis internas e externas, criadas pela perspectiva do “estar dentro ou fora” não apenas de um espaço físico concreto, mas de um modo de se estar institucionalizado pelo pertencimento, se aproximariam em rigidez e repreensão. A punição, aplicada pelos próprios adolescentes institucionalizados entre si mesmos, pode ser percebida como exclusão e ameaça de agressão. Denominados de *seguro*, marcam aqueles adolescentes que precisam ser *acobertados* ou *segurados* por funcionários para não sofrerem violência dos demais. Em geral, são eles os alvos de agressões em muitas rebeliões.

Falava dos homicídios que cometeu. Ele me mostrava como estava certo na execução destes “pilantras”. O primeiro era Jack (estuprador)... era uma pessoa que andava com ele, mas foi acusado e identificado por duas meninas. O segundo foi uma pessoa que lhe roubou algumas pedras de crack. Eu disse a ele que parecia achar tudo muito correto... todas estas mortes... como se ele estivesse que fazer justiça em nome de alguma coisa! Ele retomou que não tocara mais na Bíblia desde ??... que foi quando ele cometeu o crime pois “a justiça de Deus demora demais”.

²⁶ <http://www.mcescher.com>, acessado em maio/2003

Já os infratores das regras do mundo no crime “de fora” recebem penas muito mais severas, geralmente implicando em morte e exposição do corpo mutilado, como “mensagem de aviso”, dirigida a outros possíveis infratores.

2. Em nome do crime: um contra-conto ou uma nota ao avesso?

Nós não vemos esse filme, esse filme nos vê. Com essa epopéia da guerra dos miseráveis que nasceram no livro de Paulo Lins, sentimo-nos desamparados na platéia. Nossa vida de espectadores, com roupas e comidas, com namorada ao lado, com pizza depois, ficou ridícula. Cidade de Deus faz balançar nossa sensação de “normalidade”. [...] Cidade de Deus fura as leis do espetáculo normal, trai a indústria cultural e joga em nossa cara não uma ‘mensagem’, mas uma sentença. Estamos condenados a viver com essa tragédia [...]

(JABOR, 2003)

Ficção e documentário misturadamente: um acontecimento que desnuda a crueldade da história social do país. Recorde de público, *Cidade de Deus* (2002), deixou as salas de cinema repletas de espanto, revolta e desamparo. Foi uma provocação para intensos debates sobre miséria, exclusão e violência no Brasil, no mundo (LINS, 2003²⁷). Apresento o *mundo do crime* através deste longa-metragem, pois baseado em fatos reais, mas com licença poética para a criação artística, revelou-se um contra-conto, deste mundo criado às avessas.

Reconstituindo a história do crime, a trama resgata estórias, muitas delas narradas por *Benés*, *Buscapés*, *Zés Pequenos*, *Manés Galinhas* ou por crianças da *caixa baixa* encontradas por nós na FEBEM.

Cidade de Deus aponta para a institucionalização de um espaço na *polis* para ser e estar à margem. Localizada na Baixada Fluminense, *muito longe do cartão postal do Rio de Janeiro*, Cidade de Deus começou sua estória como conjunto

²⁷ Publicada no <http://www.cinemaemcena.com.br>, uma carta de Paulo Lins (janeiro, 2003), ex-morador e autor do livro “Cidade de Deus”, em resposta à manifestação do *rapper* MV Bill, morador de Cidade de Deus, que participou da trilha sonora do filme, condenando o longa-metragem por ter prejudicado a imagem dos moradores.

habitacional popular: casas padronizadas, sem luz, asfalto ou transporte. Sua comunidade composta por moradores de favelas expulsos por enchentes ou incêndios criminosos, formava a cidade dos dejetos de todos os lugares do Rio de Janeiro.

Escrito por Santo Agostinho em 413, *Cidade de Deus* era um mundo formado por uma comunidade ideal e cristã, em oposição a tudo que era profano, laico e pecador. Era a comunidade dos eleitos em oposição à outra, a da Baixada, à comunidade dos excluídos do Rio de Janeiro. (FIGUEIREDO, 2004).

Cidade de Deus é apenas uma de muitas outras “cidades” criadas e planejadas pelo Estado, ou simplesmente construídas de forma desorganizada pela população que chegava aos grandes centros improvisando espaços para estar, para morar. O destino dessas cidades planejadas (ou não) para a comunidade dos eleitos, a ser e estar à margem de qualquer cartão postal, parece ter sido a torção, a subversão física, as mutações social e ética: degradação e destruição.

[...] os espaços e os roteiros da “cidade” vão se tornando tortuosos, estreitos, sujos, degradados. As ruas retilíneas transformam-se em becos e vielas recurvos. (...) O que se impõe em todas as escalas é a imagem do labirinto, este lugar sem saída (embora cheio de portas e vias), abafado (mesmo que tenha janelas) em que nos perdemos e onde a cada canto encontramos as marcas da passagem do monstro que a qualquer hora nos surgirá à frente, o Minotauro, "o que a cidade recusa". (FIGUEIREDO, 2004 p 6)

O labirinto, criado ao avesso em *Cidade de Deus*, mostra-se como o abrigo de muitos minotauros. No emaranhamento de caminhos, confusos e tortuosos, entre “becos e vielas”, o mais assustador e temido deles é gerado na figura de Zé Pequeno, tudo “o que a cidade recusa”. E a cidade, construída por piedade para uma miséria dócil, agora era produtora de terror, a expressão da violência como diferença, exclusão e poder, como linguagem.

Perguntou se eu tinha pai e mãe... e disse que eu era privilegiada!! Não agüentei!... Na hora, respondi que às vezes eles me deixavam com a sensação de que a gente tem culpa por ter nascido numa família com pai e mãe... que, assim como ele, quando eu nascera a família já estava lá... e ainda disse que, muitas vezes, achava que eles tinham este pensamento em relação aos boys. Ele respondeu, então, que há anos é assim, desde a época que o dinossauro ainda estava no ovo. Naquela época, já havia briga entre os dinossauros grandes e os pequenos, os grandes deram origem aos boys e os pequenos a eles.

“O que você está dizendo?” – disse, pasma! – “É assim que você se sente em relação aos boys?”

Antes mesmo de ser transformado em Zé Pequeno no beco de Exu, Dadinho era marcado por um jogo de excluído e excludente. Sua primeira aparição no filme, ainda criança, Dadinho tentava se impor através do terror diante dos outros da

mesma idade: “Ai, ô menor, passa a bola pra cá, porque eu quero jogar.”

Excluído do jogo, sem ao menos ser o dono da bola, Dadinho já não encontrava formas para aproximar-se dos outros sem que fosse agressiva, através da exclusiva autoridade nascida do e pelo medo. Excluía-se pela imposição da inclusão.

Dadinho já se dizia *bicho solto* e parecia soltar-se até mesmo da roda dos *bichos soltos* do início da trama. Não pôde manter-se no local designado pelo grupo no assalto no motel. Deveria ser a escolta, atento para a chegada de alguém. Entretanto, permanecendo do lado de fora, não participar ativamente do crime era estar isolado e humilhanamente excluído da ação que ele mesmo planejava. Transgredindo as leis da transgressão, Dadinho aparece para a matança, fazendo o assalto no motel entrar “*para a história como o mais sangrento da época... depois desse dia, cada bandido teve seu destino*”.

Argumentam a favor da vida de crime... Falam de dinheiro, das baladas, da adrenalina, do governo, do salário mínimo ser muito baixo, de carros de mulheres, da família de drogas etc. Um adolescente fala então, que não conseguiria passar um mês com um salário de 151,00 reais, fala que se o salário mínimo fosse de pelo menos 600,00 reais até daria pra pensar! Digo a ele que infelizmente o salário mínimo não é esse dinheiro todo... mas tem gente sem que, à diferença dele, faz malabarismos para passar o mês com essa quantia.

Cabeleira, Marreco e Alicate formavam o trio transgressor dos anos 60 da Cidade de Deus. O nome: *Trio Ternura*. Trapalhadas, molecagem e juventude apaixonada constituíam o lado terno desse trio. “*Um bando de pé-de-chinelos*” que violavam as leis com assaltos sem mortes, roubos com um toque de *Robin Hood*, como que em uma distribuição de renda aos moradores. O trio fazia da transgressão uma grande brincadeira, como retratada em sua última ação: o assalto no motel com samba e humor. Entretanto, o poder de aniquilação do *Grande Minotauro* e sua ação neste mesmo assalto colocaram um fim ao *Trio Ternura* e à paz na Cidade de Deus.

Antes de ser aprisionado no significado de *violação de leis ou ordem*, do latim *transgredere*, transgressão tem o sentido originário de *passar além, para outro lado, atravessar*. Desta forma, o mundo da transgressão fora criado como um mundo para ir além do mundo, atravessar fronteiras. Assim como os heróis, que transgridem espaços delimitados, o indivíduo se constrói na liberdade do seu espaço existencial (AUGRAS, 1981). Entre movimentos e tribos, com o assombro heróico para ultrapassar fronteiras, a transgressão surge como forma para conhecer limites e possibilidades de si mesmo, do outro, do mundo; cria-se, pelo avesso da transgressão, novos modos desafiantes como possibilidades para pertencer, para ser e estar social.

Um herói criado pelo avesso, Dadinho era, segundo o *Trio Ternura*, o “*charuto preto*” que “*saiu da macumba*”. Como aponta Figueiredo (2004, p.8), é “uma sobreposição de exclusões: é o menor [...], o mais preto [...]; é o mais feio e, certamente, o mais desamparado e “desfamiliarizado”: dele não se conhece pai, mãe, irmão, parente, tal como [...] filhos da terra, habitantes dos labirintos cavernosos.”. Mas, como anuncia o narrador Busca-Pé: “*Entre um tiro e outro, Dadinho cresceu*”. E mesmo com todo o poder recebido de Oxum, Dadinho não poderia ser grande: é fundamentalmente *Zé Pequeno*²⁸.

Agora na década de 70, Cidade de Deus já apontava um outro cenário para a transgressão: o tráfico. Também *entre um tiro e outro*, nascia e crescia este mundo paralelo, criado entre becos e viela. Nestes espaços labirínticos e fronteiraços, o tráfico organizava-se com leis e valores compondo um senso comum do bem-estar individual e social, constituindo uma ética do crime como cuidado de si, do outro, do grupo, da imagem e, principalmente, da honra. Como seria a ética deste mundo constituído ao avesso, para e pelos eleitos às sobreposições de exclusões?

²⁸ Numa discussão a respeito do filme feita entre alguns adolescentes da FEBEM, a maldade escancarada e exclusora de Dadinho marcam a fantasia da trama: Dadinho nunca se tornaria um líder! Segundo os adolescentes, em uma unidade de internação, seria jurado e condenado pelos outros por sua arrogância de querer ser dono da Cidade de Deus, pelas mortes sem razão de ser, pelo estupro, enfim pela ruindade: era “sangue ruim”

Um adolescente começou então a me contar como tinha cometido seu primeiro homicídio. Ele disse que matou um traficante da sua região porque queria ser mais que todo mundo. Numa certa ocasião, por exemplo, o traficante tinha “tirado” da sua cara ao mandá-lo sair do bilhar onde estava - “aqui, quem manda sou eu”. Também foi intolerável quando o traficante disse, na frente da sua mãe, que ia matá-lo e pendurar sua cabeça num poste!

Por conta daquilo tudo, ele resolveu que a única coisa a fazer era matar o cara - “era ele ou eu, senhora!”. Pra isso, chamou um parceiro, foi até o bar onde ele estava, chegou perto dele por trás, deu-lhe um tapinha nas costas e atirou na sua cabeça quando ele virou.

[...]

Depois de contar tudo aquilo, ele, muito sério, se virou pra mim e perguntou: “mas a senhora acha que eu não fiquei com um peso na consciência? Tá mentindo quem fala que não sente isso, que não sente medo na hora...”

Nem adulto, nem criança - o jovem é visto em sua ausência. Como que em contra-fluxo, buscando identificação e amparo, encontram no grupo afinidade e *convivência*, verdadeiras tribos de proteção para poder ser pelo pertencer. É a exclusão promovendo a inclusão ou o inverso, já que a inclusão num grupo implica em excluir-se de muitos outros (CUPOLILLO et all, 2004).

Na época em que trabalhava, via seus amigos com carro, moto, roupas... e ele não. Foi logo para o roubo de carros importados para vender no desmanche, ganha 3 mil reais por carro! Assim conseguiu ter um carro... um Chevette que ele adorava e uma moto. O carro ele perdera para a polícia... mas ainda tinha a moto.

Falou que não ia ser fácil ganhar 200 ou 300 reais por mês e abrir mão dos 5 mil que às vezes conseguia num dia e que eram bons, entre outras coisas, pelo sucesso que geravam entre as mulheres: “é bom ter uma grana pra sair com a mina, é bom ter uma moto pra chamar a atenção...”

Na história da juventude brasileira, muitos movimentos sociais eram constituídos pela maioria jovem, como o movimento estudantil na ditadura militar ou mesmo o movimento da Semana de Arte Moderna de 1922 (COSTA, 2004). Existiriam movimentos sociais sem o impulso juvenil para *ir além*, para transgredir? Nessa perspectiva, encontram-se jovens em pleno movimento social, escondendo, através do roubo para a aquisição de bens, a transgressão e ruptura da ordem social:

um movimento juvenil por denúncia, como forma de interditar a normalização da vida pública.

Disse que, por causa de desemprego e da falta de dinheiro para comprar roupa, sair com a namorada, viver sua vida, acabou entrando no mundo do crime. Ele já tinha feito alguns roubos, mas nada muito significativo, até que foi chamado para fazer um seqüestro. Foi dessa vez que se deu mal, foi preso no cativeteiro.

No documentário *Notícias de uma Guerra Particular*²⁹ (1999), João Moreira Salles e Kátia Lund fazem um retrato sobre o tráfico de drogas, o crime, a violência urbana. Depoimentos de policiais, traficantes e moradores, personagens/atores de uma guerra sem vencedores, procuram compreender a atração que o crime exerce e sua força de se manter.

Ele contou que os meninos de lá ficam loucos para ter filhos... mas não pensam nisso! Quando resolveu se amigar, a mãe tinha avisado que as despesas eram muitas... mas ele não quis acreditar. Foi quando ele se viu com aluguel, contas de luz, telefone, gás etc!... Teve que comprar um berço de trezentos reais para a filha, isso sem contar que a mulher queria um de quatrocentos! Ele disse que já tem um trampo na padaria do tio, quando sair. Mas, segundo ele, é complicado: lá ganhava um salário mínimo (R\$ 151,00), no tráfico ganhava 50 reais por noite... A pensão que ganha do pai, vai toda para a mãe dele, ele não quer nada. Disse que o pai já passara pela cadeia e que era bem pior que ele, e queria ficar dando lição de moral. [...] No final, ele me explicou os cuidados que tinha que ter com as drogas para não estragar... São muitos!! Não me lembro agora... mas a cocaína tinha que ser muito bem tratada... em envelopes assim ou assado... com apenas uma camiseta em cima para não empelotar a droga. Falou de um monte!!! É com uma propriedade!!!! É engraçado... é essa experiência e conhecimento que ele tem... fica mais "difícil" trabalhar em outra coisa!!!

As descrições feitas no documentário relatam que o tráfico de drogas oferece um ganho financeiro dez vezes maior do que o salário mínimo, assim apontado pelo diário acima. Com um valor mais digno para pessoas que vivem na miséria, estipula-

²⁹ Tal documentário encontra-se nos extras da versão estrangeira do DVD do longa-metragem *Cidade de Deus*.

se que o tráfico empregue mais de cem mil pessoas na cidade do Rio de Janeiro, número maior do que o de funcionários públicos empregados na prefeitura.

“Sabe, senhora.... eu queria ter medo de morrer.”

Esta “juventude suicida”, como referida no documentário por uma moradora, que constantemente vê pessoas próximas (familiares ou amigos) assassinadas pelo tráfico, apesar disto, insiste em envolver-se nele já que “ninguém quer um salário de miséria”. Entretanto, para além das necessidades básicas da família, o tráfico exerce este poder de atração por também oferecer afirmação, poder, valor, reconhecimento. Ele supre a necessidade de vida com *status* social, possibilitando a aquisição de sonhos de consumo típicos de uma sociedade capitalista/burguesa: vestir roupas de grifes ou tênis de marcas internacionais, andar com a melhor moto...

Pergunte o que faz com o dinheiro que tira de um reule. Ele fala que também não dura muito. Conta como é uma noite balada, acompanhado de uma menina. Começa esclarecendo que ele não deixaria a menina pagar nada... passa a falar desde o lugar que iria passando pelas bebidas comidas “correrias”, e várias outras coisas acabando no motel. Todos juntos fixaram as contas e chegaram a uma cifra não muito baixa. Um deles me pergunta o que acho e responde que estava surpresa com o dinheiro que eles gastem numa noite só. Coloco que feliz ou infelizmente essa não é a minha realidade.

- Então, senhora... agora, tô pensando em ficar de boa mesmo! Só vou cuidar da firma do meu pai!

- Onde seu pai trabalha?

- Na boca, senhora!

- Ué! Mas você não me acabou de dizer que estava pensando em ficar de boa?

- Tô querendo largar da correria... e ficar só de gerente.

- E ficar no tráfico é ficar de boa?

- Ah... não tão de boa... mas... bem mais de boa do que na correria! É mais sossegado... a única coisa que tem que ficar de olho é na boca... o resto... não precisa ficar correndo da polícia! E ainda dá para arrumar um emprego qualquer para passar de trabalhador...

Quando não a prisão ou morte, o tráfico oferece uma carreira “promissora”. Desta forma, na *firma*, como o chamam, há diferentes cargos: aviãozinho³⁰, gerente, patrão entre outros; e como num emprego de vendas, o tráfico oferece aos seus protagonistas um dinheiro fixo, e não o “dinheiro fácil” ganho nas *correrias* do roubo.

“A senhora é da USP?... lá é grande e cheio de árvore!... Eu conheço lá... vendia muito para os boys da USP!” – comenta o adolescente para mim.

Entretanto, como denuncia o documentário: “*Nenhum pobre tem mil reais para gastar em cocaína.*” Financiado pelas classes média e alta, o tráfico oferece ao morro mais justiça social; entrando nos *buracos* deixados pelo Estado, distribui, de remédios a botijões de gás e, até mesmo, o enterro de um morador é financiado. Desta forma, pela contrapartida da *segurança* social oferecida, traficantes são acobertados por moradores e pela própria estrutura labiríntica de morros e favelas.

É nesse cenário de *buracos* que emerge um *poder paralelo* como um *contrato social*. Enriquez (2001d) relata que o poder diz de um mundo vivido e marcado pela injustiça, por relações desiguais, de desprezo e exclusão; diz do mundo da infelicidade, da fatalidade, do conflito sem solução. Desta forma, o poder confronta o trágico da vida, diz de um lado excessivo e desmesurado das relações humanas.

Não havia outra solução: era preciso matá-lo, já que, caso contrário, morreria!

Disse que quando matou o traficante ficou três noites sem dormir, só imaginando a alma dele ali ao seu lado. O pavor era tanto que ele não conseguia nem ficar em casa e nem ir pra rua... também porque temia ser morto pelo irmão do cara. Quando assassinou o policial, porém, ele resolveu que não queria passar por aquele mesmo desespero, e por isso passou três dias na rua consumindo droga atrás de droga... tudo o que ele não podia era ficar lúcido e se dar conta do acontecido!

³⁰ O aviãozinho é o cargo menor, aquele que permanece na vigília e, disfarçado, geralmente, empina a pipa que anunciará a chegada da polícia na boca.

Seriam os *buracos* sociais, descuidados ao longo da história, os grandes malfeitores para a criação de um mundo às avessas, constituinte e constituidor de tal *poder paralelo* circunscrito em um grande *buraco negro*? Seria este o *buraco negro*, o que o ator precisaria encontrar para interpretar Zé Pequeno?

O documentário *Oficina de Atores*³¹ (2002) conta que o ator Leandro Firmino, morador de Cidade de Deus, conhecendo o personagem que deveria protagonizar através de histórias contadas pelo pai, questionava-se como encontrar o ódio para interpretar. Professora de interpretação e preparadora dos atores para *Cidade de Deus*, Fátima Toledo pretendia um Zé Pequeno fundamentalmente humano: frágil e adolescente, quando, por exemplo, convida uma menina para dançar, ao mesmo tempo em que, reiteradamente, manifesta uma desesperada afirmação de sua auto-suficiência. Um homem com um *buraco negro*.

Figueiredo (2004) entrelaça este *buraco negro* de Zé Pequeno com o conceito da astrofísica: “uma região do espaço-tempo dotada de um campo gravitacional de tal modo intenso que dela nada pode fugir”³², para onde tudo é arrastado, com a força centrípeta e a voracidade de uma *fome negra do ódio*. Trata-se “de exclusão, de anulação, de caos e vazio, [...] da capacidade de sucção, atração e sedução que o buraco negro exerce” (p.11).

A força centrípeta do buraco negro talvez possa ser a própria interpretação do *poder paralelo* criado em meio à exclusão. Uma exclusão do modo de conviver com o outro, remetendo a si tudo do mundo e dos outros como única possibilidade de uma auto-suficiência, exclusora da *pertença* ao coletivo própria do homem.

³¹ Dirigido por Ana Braga, o documentário *Oficinas de Atores* relata a escolha do elenco vindo de diversas comunidades do Rio de Janeiro e a preparação dos atores, impactos e experiências vividas, para a construção do filme *Cidade de Deus*. Encontra-se disponível nos *extras* da versão brasileira do DVD desse longa-metragem.

³² ³² Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (<http://houaiss.uol.com.br>, consultado em novembro/2005)

Ele pensou em ir morar com o pai no Rio ou, com outros familiares, na Bahia... A questão é que abandonar as suas "quebradas" ia ser considerado - por ele e pelos outros - praticamente um atestado de covardia e de submissão. E imaginar que o outro acabaria por cima era tudo o que ele não podia suportar... aquilo era uma questão de honra!

Assim é a rede instaurada pelo tráfico: um campo gravitacional que, atraindo tudo para si, exclui a possibilidade de abertura, fazendo de si mesmo um ser impenetrável. Este *Buraco Negro*, com toda sua força de atração e sedução, faz do tráfico uma organização social protetora para os excluídos da *polis*, que deixam de ser reféns da sociedade para submeterem-se às leis frias do tráfico. Instaura-se uma rede social bem trançada, cujo entrelaçar é baseado num contrato implacável com a *firma*, um refúgio social de enorme significância.

Iniciou a conversa dizendo que seu relatório tinha subido naquele dia e que não sabia mais o que fazer, pois o juiz e as assistentes já não queriam mais ele ali. Ele teria que sair, mas não queria. Disse que, na semana passada, morreram dois manos que "faziam um corre" com ele e o resto estava na cadeia. E que queria sair quando todos saírem. Começou, então, a falar da vida do crime e disse que uma vez nela, sempre nela. A pessoa, quando se mete na vida do crime, perde a ingenuidade e uma vez perdida, o mano não pode deixar barato. Se o cara tem uma dívida para cobrar, tem que ir atrás, não pode deixar o outro se divertir às tuas custas, e se ele não pagar, ele é apagado. Tudo muito bem feito, já que eu sou "de maior". A coisa mais fácil que tem é apagar alguém. Você o convida para fumar um, cheirar um pó e apaga sem deixar marcas [...] "Eu é que não vou sair no prejuízo! [...] Eu não posso deixar o cara se divertir com o meu dinheiro".

O *buraco negro* marca a afetabilidade da convivência que, ao mesmo tempo em que suga, encontra sentido de ser no sugar-se. Assim, a impenetrabilidade para desocultamento de si manifesta este vazio no modo de ser, contemplado pela frase: *eu sou eu e a mim me basta meu reconhecimento por mim mesmo*. Um buraco negro

presentificado na FEBEM pelas leis avessas da vida no crime, pela perversa eleição dos destituídos da *polis*.

3. O seguro: uma caricatura de sobreposições de exclusão

A FEBEM, como Cidade de Deus, é uma construção para os destituídos da *polis*. Seu labirinto é constituído por grades e portas de ferro; seus becos são espaços do chamado *seguro*.

É estranho! Eu desconfio de alguns quanto aos que me contam... Será que eu também acho que são pilantras? Outros, acho que têm sérios distúrbios... do tipo de uma psicose mesmo... Doidos vão para o Seguro? Alguns eu tenho medo... Tenho medo da frieza que eles dizem ter de seus comportamentos em uma situação dessa. Não gostaria de ver nunca isso acontecer... É... pásmo!... em alguns eu acredito! Como será que eu distingo? Acho que de alguns eu sinto o sofrimento.... ?... Não sei!... é para se pensar...

No viver instituído, a maneira de gesticular, de vestir ou comunicar, expressa o engessamento do modo como lá ocorrem relações humanas: velada e oculta, denotada por uma mesma linguagem própria e obrigatória, denunciando uma cultura rígida e regida por leis ordenadas e mantidas pelos próprios adolescentes, os mesmos que violaram outras leis - as oficialmente escritas e ratificadas pela *polis*.

Implacável, tal *código de honra* não permite falhas. Movimentos contrários a essas regras, aparentemente incontestáveis, levam adolescentes ou funcionários a rebaixamentos, degradações ou humilhações: os “seguros” “segurados” pelos funcionários, aqueles condenados por violarem regras e leis da convivência socialmente instituída.

Ele me contou de Eric [adolescente], um menino que estava na unidade e, recentemente, foi de bonde pra unidade-seguro. Ele começou me contando que o Eric contava com a maior consideração na unidade, já que fora preso roubando R\$50 pra dar de comer à filha. Quando, porém, descobriram que ele tinha feito “pilantragem”... aí não teve jeito: nem o respeito advindo de sua “boa ação” com relação à filha foi capaz de aplacar a ira e a indignação dos outros meninos... e o seguro foi a única saída encontrada por eles.

Ele disse que tinha vergonha de me contar o que Eric tinha feito... só deu a entender que fora algum ato sexual com outro menino, não sei! Segundo ele, Eric até tentou se justificar, no debate, dizendo que só fizera “aquilo” por causa de uma ameaça de morte que recebera dos cinco ou dez meninos envolvidos na história.

Discuti longamente com ele o caso do Eric. Eu questionava aquela desconsideração que se fazia de todo o resto do “pilantra”: não importava quem era ele, o que pensava, o que tinha feito pra parar ali, qual fora sua motivação, por que fizera a tal “pilantragem”, como se sentira na situação - era como se o menino se reduzisse à atitude reprovável que tivera.

Falou que não é que se esquecia do outro lado do menino - ele continuava sendo respeitado por ter roubado em justa causa - mas a “pilantragem” era o que de fato preponderava. Disse, ainda, que jamais faria aquilo, que manteria seu “não” até o final, mesmo que aquilo representasse sua morte. Ele disse que seria insuportável voltar atrás na sua posição e fazer

o que os outros quisessem só pra salvar a pele - ele não ia agüentar passar por cima da sua dignidade.

A este conjunto de normas e regras, criadas e mantidas em nome da honra e da dignidade daqueles que fazem o mundo do crime, chamam de *sistema*. Dizem respeito a situações como: não usar a linguagem instituída, falar “palavrão”, se masturbar em dia de visita, ir ao banheiro no horário das refeições, para citar apenas algumas. É *seguro* não somente aquele que deixou de cumprir as regras dos próprios internos da FEBEM, mas também, e principalmente, aquele que desonrou o crime, violando suas regras.

“Merece viver quem matou seu próprio sangue?” disse à mim o adolescente.

Esses adolescentes são condenados por leis, que consideram muito graves e sem misericórdia atos como agredir pessoas da própria família, matar sem o resguardo da frase “*era eu ou ele*”, ou ainda a violência sexual, não admitida nem mesmo contra a mulher do traficante inimigo. Segundo um adolescente, “*Você pode esquartejar, estuprar não*”. Tais condutas, muitas vezes, constituem, no próprio espaço do *seguro*, um outro *seguro*: o *seguro* do *seguro*, aqueles que *carregam a maldade* ela mesma.

Aí entra o menino do *seguro* falando o seguinte: “é, aqui ninguém protege ninguém. Lembro-me de quando eu fui pro debate e mesmo quem sabia que eu não tinha feito de propósito e até dividiu a maconha, não me protegeu!... Mas não pega nada!”

Como num sistema judiciário e democrático, tais crimes passam também por um julgamento e votação de sentença: o *debate*. Trata-se de um espaço aberto no grupo de jovens para que o adolescente-réu possa se defender das acusações a que foi exposto; diz de uma situação em que a mínima e qualquer insegurança demonstrada pode ser *a chave* para sua condenação.

“Não há coisa pior do que passar por errado e encarar olhares tortos depois”.

Em tal *debate* não há perdão. Tanto aquele que acusou, como o réu, estarão submetidos a uma avaliação do “júri”. E a absolvição de um implica na condenação do outro. A salvação estará no falar seguro, sem gaguejar, na maneira como gesticula, qualquer demonstração de desconforto pode ser interpretado como nervosismo.

Henrique [adolescente] contou que há algum tempo ocorrera uma encrenca que quase levara o Walter [adolescente] para o seguro. Walter tinha feito algo que dizia estar certo... mas vários meninos diziam que ele estava errado. Depois de se certificar de que o parceiro estava mesmo com a razão, Henrique entrou no debate pra defendê-lo e acabou vencendo. Como havia sido combinado (implícita ou explicitamente), os meninos que estavam errados deviam apanhar. Ao supor um esboço de reação por parte de um dos garotos, Henrique não teve dúvida: deu-lhe logo uma “naifada” pelas costas, justificando-se com o clássico “é ele ou eu”.

Em algumas unidades, adolescentes do *seguro* perdem até mesmo o direito de circular pelo pátio, muitas vezes sendo obrigados a assumirem-se como autores de ocorrência na unidade, responsabilizarem-se pelas tarefas mais pesadas da casa, como a limpeza do pátio, lavar a louça das refeições ou as roupas de outros adolescentes. No extremo de suas obrigações, alguns são submetidos a ter relações sexuais com os demais.

Fernando [adolescente] falou do estupro... a vítima era do seguro... os caras mandaram ele abaixar as calças... e todos fizeram sexo anal nele! Disse que o menino estava sofrendo, que não era homossexual e estava sendo comido contra sua vontade. Fernando se sentiu muito incomodado... não quis nem olhar e diz que não comeu o cara. Depois, os caras do quarto dele amarraram alguma coisa no pescoço desse menino e estavam quase o enforcando... isso era para evitar que ele desse queixa. Fernando os impediu de matarem o cara! Explicou para os outros que era pior um BÓ de homicídio. Depois os caras colocaram a cabeça do menino nas grades da janela... ameaçando pisar e quebrar seu pescoço... até que o cara resolveu que não ia contar nada a ninguém.

Para os adolescentes, manter o espaço do *seguro* na unidade é crucial, pois refere-se não somente a honrar a ética própria como a do mundo do crime. É como se as leis da *polis* dos infratores não diferenciassem aqueles que cometeram delitos pela

inserção neste mundo fronteiro do crime, sobrevivendo através de transgressões como o tráfico e o roubo, daqueles que o fazem como um ato de *loucura*³³. Desta forma, se o sistema judiciário não é capaz de discernir entre essas condutas, sua discriminação, separação e exclusão são exercidas na própria unidade, como responsabilidade dos próprios adolescentes: condenados a condenar.

*São casos escabrosos! Como o crime bizarro daquele menino do seguro (Sim! Sempre o seguro!), preso por estupro. Crime: um dia viu uma menina e a desejou. Levou-a para um canto e a violentou. Depois, com o dinheiro dela, foram a uma padaria e comprou lanches para os dois. Comeram e foram ao metrô, onde a deixaria seguir. Foi quando ela desfaleceu, deixando sua bolsa cair. E quem foi resgatá-la para devolver à dona? Sim! Ele mesmo! Acabou sendo preso pelos seguranças que foram socorrer a menina. Uma história “escabrosa”, que, por misturar agressão e cuidado, confunde-se com ironia tragi-cômica!!! Como? Por quê? Se isso não é loucura o que é então? Cronicamente inviável³⁴!... Isso me faz lembrar o enfermeiro-“amante”, do filme *Fale com Ela*.*

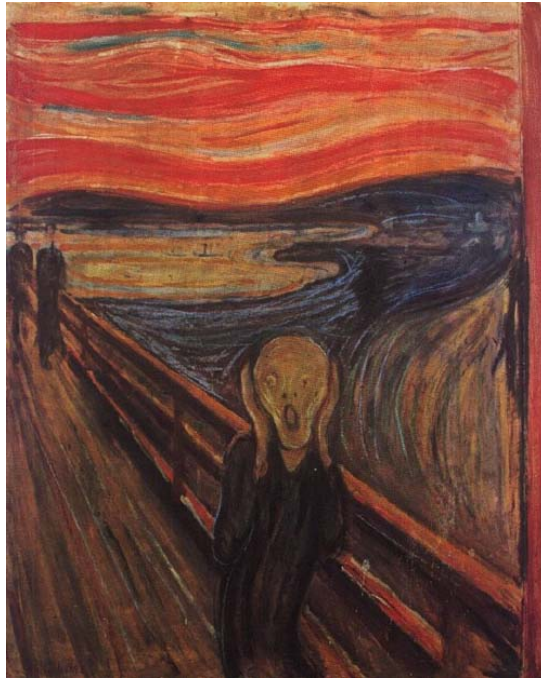
O *seguro* é a própria representação de sobreposições de exclusões: a margem da margem, a exclusão da exclusão. O *seguro* é de tal forma instituído que, em unidades, há quartos destinados ao seguro e na FEBEM, há unidades-seguro.

Há algo muito forte nesta unidade que me incomoda. Desconfio dela. Parece ser traiçoeira, como se eu pudesse ser traída a qualquer momento; ser seduzida pelo pedido de ajuda. Tenho medo.

Dois plantonistas encontraram aquilo que não conseguiam dizer da unidade no quadro “O Grito”. Seria um grito único? A outra, quando entrou em outra unidade, achou os meninos bonitos, saudáveis; viu que a FEBEM não era só como esta. Sim!

³³ Para os adolescentes, a *loucura*, em muitos momentos, mostra-se lado a lado com a maldade humana. Alguns adolescentes, por receberem intervenção medicamentosa, são considerados *loucos* pelos outros internos e, assim, chamados de *gardenal*. Entretanto, *essa loucura* não recebe a conotação de doença, tornando-os vítimas. Há relatos de adolescentes que afirmavam: “Não tenha pena dele não!...Ele está assim, mas já matou muita gente!”

³⁴ Referência ao filme de Sérgio Bianchi *Cronicamente Inviável* (Brasil, 2000).



Esta unidade parece ser suja, feia, deformada, como O Grito: um grito sem palavras, sem som; um grito que quer ser comunicado sem platéia, sem olhares, sem espaço, um dizer sem palavras, sem escuta. O que o Plantão pode fazer com este grito gritamente embotado?

Quando entrei em outras unidades pela primeira vez, os adolescentes, talvez por nos reconhecerem como "soldados" sobreviventes e lutando do outro lado da guerra na sociedade, nos reconhecerem como diferentes, procuravam apresentar a forma de pensar, a ética e a honra do mundo do crime, como que nos situando ao mesmo tempo em que mostrando o sentido daquela vida. Cada menino trazia em sua narrativa o lugar por onde eles partiam, a tal "morada" que como tal tem seus limites, suas leis. Havia leis!

E aí quando se entra numa unidade-seguro (...) Qual a lei do seguro? Qual a lei do pilantra? Eu sabia, nas outras unidades, qual era o direito de matar, como se não fosse ser mau matar por esta ou por aquela razão, como se o matar coubesse em algumas situações. Não há lei no seguro! Nenhuma que ainda (ou já) tenha sido apresentada a mim!

Seriam meninos sem morada? Sem ética? Seria o desalojamento em forma de pessoa? Para que serve o plantão (...). Há aquele que vive sem morada? Se há, como pode viver? Seria este o rosto do Grito, um viver deformado, sujo, feio, descuidado... Como eles vêem isso? Eles se enxergam desta maneira? Daria para fazer plantão desta forma, solto no pátio, desalojado no próprio desalojamento?

Cada um na unidade se mostra demais, mas parece que você vê e não acha. Como se a abertura em se mostrar escondesse mais fortemente um mistério que ronda. Não consigo separar isso da tal da "psicopatia". O que estou tentando buscar quando passo horas na madrugada procurando teorias e conceitos de personalidade anti-social, sociopatia etc?

Em algumas aulas que tive de psicanálise, lembro que era dito que não existia alguém perverso, era sempre um casal perverso; como se um outro tivesse que se fazer de cúmplice para tornar autêntica sua ação. E aí estava a impossibilidade de fazer psicanálise, o analista entraria neste lugar de cúmplice. Somos cúmplices?

É estranho, mas com todo o jogo aparentemente aberto, pareço cúmplice de algo não-dito, deste grito sem palavras, sem vontade de ser comunicado! Como é este grito? Há sofrimento? Não consigo ter pena deles! Deveria? E eles? Sentem pena de alguma coisa? O quanto estou segura numa unidade seguro? Não sei onde me apoiar! E eles sabem? Alguém sabe? Há um lugar onde se apoiar? Sem apoio, posso ser supervisora de campo?

O grito sentido e gritado deste diário é um grito metaforizado que se oferece como possibilidade de expressão da própria afetabilidade da situação. Como metáfora, tal grito denunciado, por plantonistas que passaram por esta *unidade-seguro*, bem poderia ser uma metaforização do próprio *seguro*, para expressar o repúdio dos próprios adolescentes ao retrato da crueldade.

O confronto com algo outro tão diferente de si, ao mesmo tempo em que assusta, revela facetas sombrias do humano que também diz de si mesmo. Talvez, exatamente por essa reflexividade avessa aversiva, aquele que é dito perverso é implacavelmente relacionado à maldade e, assim, moralmente condenado à exclusão; uma forma *per-versa* de manter afastada a própria ambigüidade de cada um de nós: “um seguro”.

As diversas tentativas da ciência, como a Psiquiatria ou a Psicanálise, para compreender o sentido da ação do perverso, revelam como, até hoje, não foi possível ocultar o espanto implicado no ato perverso - provocador constante de inquietações.

Por outro lado, o espaço do *seguro* também desvela a tensão como mediações para equilíbrio do mundo. Nesse sentido, a FEBEM seria o *seguro* social. Diz daqueles que não tão somente preciso separá-lo de mim, mas confiná-lo, para garantir este estranho estrangeiro completamente diferente de mim: “doente de maldade”.

CAPÍTULO V

PLANTÃO PSICOLÓGICO AOS PROTAGONISTAS DO PÁTIO: ESCUTA AO *INTER-DITADO*

Antes a cegueira que o questionamento: esse parece ser o adágio que preside os destinos dos seres que não toleram a ambivalência e a ambigüidade, que experimentam a necessidade da couraça protetora e fechada da instituição, a fim de viver sem angústia. Mas quanta infelicidade pesa sobre eles! (ENRIQUEZ, 2001d, p. 63)

Exclusão e solidão: um conflito sem diálogos. No cotidiano íntimo desta instituição³⁵, a rotina com tensões diárias oferece aos atores, sociais e/ou institucionais, a eterna sensação de luta pela sobrevivência. Em tal isolamento social, funcionários³⁶ e adolescentes, entre o medo e a ameaça, permanecem atentos à explosão sempre iminente.

Doeu ouvir aquilo. Doeu muito. Doeu profundamente... Choramos em silêncio, imersos naquela dor indescritível... Depois de enxugar aquelas lágrimas que não podiam aparecer ali, ele falou que estava se sentindo muito sozinho, pois nem com o pai podia conversar direito na visita - ele temia ser ouvido por algum outro menino.

Vigiados e contidos na dor, *a-riscados* a serem *riscados* do sistema, agentes de proteção e adolescentes formam o quadro humano do pátio da instituição, revelado pela real caricatura da interdição e exclusão. Neste meio inter-ditado, clinicar revela-se possibilidade de dizer. Essa situação real, de onde urge um sofrimento, é, para Barus-Michel (2004), o próprio campo de um trabalho clínico contextualizado.

De acordo com a autora, O clínico é requisitado por um apelo, nem sempre

³⁵ Refiro-me às relações do pátio de uma unidade de internação, que diz de muitas outras, mas mantém sua singularidade.

³⁶ Refiro-me, aqui, aos funcionários de pátio, ou seja, agentes de proteção e coordenadores de turno.

mudo ou incluído na dor, mas um enigma a ser investigado. O apelo dos personagens do pátio revelou-se pela interdição instituída da palavra. No pátio, estavam o desamparo e a solidão dessa organização, alastrados em e por todos os protagonistas, que compartilhavam aquele específico espaço público. Os atores, que nele circulavam, solicitavam um interlocutor externo à aniquilação instituída da “cultura-FEBEM”.

Em nome deste apelo, o Plantão Psicológico, a adolescentes e funcionários de pátio, pretendia uma ação dirigida mais apropriadamente ao que parecia ser solicitado. Isso porque, como prática psicológica, o plantão possibilitaria o que Pagès (2001) compreende como um momento de “socialização da palavra”, tornando-a pública entre o narrar e o ouvir, embora tal publicização do inter-ditado solicitasse o silêncio do sigilo e, desta forma, podendo ser feita apenas por duetos.

O plantão encontrava-se como o sujeito **presente na**, embora **oculto da** instituição. Como “sujeito oculto”, transgredia não apenas a ordem do interditado, mas, também, o próprio modo instituído de como aconteciam relações, na medida em que circulava entre atores “rivais”, questionando um modo cindido de funcionar entre eles.

Na rivalidade do pátio, o plantão era compreendido, por todos, como o cuidado ao sofrimento humano. Mostrava-se como *interlocutor silencioso* que, por um lado, guarda sigilosamente a estória de cada um, enquanto, por outro, sua presença escancarava a dor de *todos*, asilada em máscaras cuidadosamente criadas para sobreviver. Desta forma, para funcionário ou adolescente, *seguro* ou *sangue-bom*, o plantão acontecia a todos no mesmo espaço e tempo, denunciando e publicizando o humano existente para e em cada grupo rival, subvertendo uma ordem instituída. E, de repente, percebíamos relações de cuidado ao outro na direção ao avesso do comum:

Uma agente de educação telefonou e recebemos a notícia da morte de um agente de proteção... foi assassinado com um tiro no

meio da testa... esta é uma marca de queima de arquivo. Não se sabe se teve alguma ligação com a FEBEM, mas... tem como não pensar nisso?? Meninos e funcionários diziam que ele tinha um bom relacionamento com os meninos... tinha? com todos??? ... não dá para saber!! É muita violência... dentro e fora... Eu, minha coordenadora e os plantonistas dos funcionários fomos para a unidade... era um plantão "extra". Estava preocupada com a reação dos meninos, já que estaríamos fazendo "regalias aos funcionários"... mas qual foi a minha surpresa?!... chegando lá, alguns se aproximaram e diziam: "Estão aqui por causa da morte do Sr. K, né?!... Fala lá com os funcionários, senhora, eles estão precisando mais do que a gente".

Aparentemente bem instituídos, aproximavam-se com narração e estória, olhar e postura semelhantes. Era comunicação carregada e fala extremamente explicativa, um dizer cheio de justificativas, para nada dizer ou pensar: "o que" e "como" é comunicado são tão semelhantes, que, num primeiro relance, encontramos um único "quem". Parece uma forma imprópria de falar: discursando o institucional, não há necessidade de compreensão. Este falar, revestido de autoritarismos e verdades, que ninguém interroga, ao mesmo tempo em que os desapropria, os protege, os situa.

Um menino chegou e puxou papo, dizendo que já estava cansado de ficar ali, que estava ficando muito triste, não sabia o que fazer para a tristeza passar. Eu perguntei quais eram os planos dele para quando ele saísse e ele disse que queria estudar e sair dessa vida. Perguntei o que exatamente ele pensava em fazer e ele disse que queria trabalhar em qualquer coisa ("pobre não escolhe não, senhora"). Perguntei se ele achava que voltaria a roubar e ele disse que se tivesse necessidade novamente roubaria. Discutimos que necessidade era essa (de ter um tênis bom, de marca) e eu fui jogando com o que ele estava me dizendo, e ele se contradizia, e reclamava que não sabia responder até que me disse: "A senhora tá me dando uma surra nas idéias!".

Se essa fala, carregada e repetitiva, era uma maneira de alojar-se, o plantão pretendia dar uma "surra nas idéias", o desalojamento para que, voltando a esta falação, o fizesse com mais propriedade e autenticação: abertura a outras

possibilidades de escolhas, um olhar mais ampliado de si e do mundo onde vive e/ou trabalha. Desta forma, a *surra nas idéias* é o desencontro momentâneo com a “idéia” instituída, que não precisa ser compreendida, propondo-se como instrumento para a emergência de um dizer próprio, escancarando sofrimento e desamparo da tamanha ausência de si por um tal pensar instituído.

Remetendo à perda de sentido e desordem das emoções, o sofrimento está, principalmente, na impossibilidade de dizer-se em palavras, podendo, assim, compreender-se e ir adiante frente ao inóspito causticante da vida. É, nesta perspectiva, que sofrimento pode ser a manifestação da perda de sentido (BARUS-MICHEL, 2001). Dizer-se, através da “linguagem poética”, ou seja, aquela que não pretende explicar, mas busca o interlocutor em seu espaço de liberdade, é o modo como o sujeito poderia dedicar-se a esse *sentido*, possibilitando *encontrar-se* em sua própria historicidade, pelo fluxo de experiência como abertura ao que a ele se apresenta nas situações vividas. (POMPÉIA, 2000).

Desta forma, faz-se o que Barus-Michel (2004) nomeia como uma “clínica *do sentido*”. O trabalho clínico tem, no sentido um, fio condutor, “que é transmitido, que muda e desaparece, mas também pelo qual somos apanhados ou do qual nos apoderamos, que criamos ou perdemos, e que escapa a qualquer influência” (p.9). Se o trabalho clínico é contextualizado, a prática acompanha transformações do campo, nas quais o *sentido* coletivo constantemente se perde nos limites das cenas institucionais.

1. Limites da cena institucional: o desmesurado

Conversei com um funcionário, dizendo que é plantão para ele... e que ele não estava na hora da apresentação. “Por mim, não se preocupa se quiser ficar só com os meninos não tem problemas” foi a resposta dele. “Eu não me importo, eu não existe.”

Agentes de proteção são os protagonistas que compartilham o pátio da

instituição. Cada um olha por si, diante do desamparo e pela fragilidade de uma equipe sem suporte dentro do trabalho e da instituição. Aprendem espelhando-se em colegas mais antigos, que, por sua vez, fizeram o mesmo. Existem culpados? Seriam as regras da instituição, o código implacável da cultura do crime ou eles mesmos? Atuam em monólogos, elaborando sua experiência sem testemunhas, mas intensamente comunicada como significativa.

Ele (adolescente) aprontara muito na FEBEM, chegou a esfaquear um pilantra por tê-lo desrespeitado, mas que agora estava sossegado. Mas a FEBEM tinha um problema que a cadeia não tem: é muita mudança de menino. Enquanto na cadeia os antigos continuam antigos e ensinam para os novatos, na FEBEM, os antigos logo saíam e os novatos se tornavam antigos etc. O problema é que os novatos não ligavam em apanhar, coisa que os antigos, que já vivenciaram estas situações, sabiam que entrada de "pirriú" não levaria a nada. "Eles parecem serem movidos a porraça". Contou às cinco horas teriam uma assembléia de meninos para conversar sobre o assunto.

Agentes de proteção e adolescentes são figuras de um pano de fundo muito semelhante também fora da instituição: famílias ditas desestruturadas, condições financeiras desfavorecidas, muitas vezes das mesmas "quebradas", ou seja, dos mesmos bairros. Mas, na FEBEM, atuam em lados opostos.

Um outro funcionário que há 3 semanas nos protegeu para que pudéssemos sair em segurança da unidade, se aproximou brincando comigo com um copo de café. Sentou-se ao meu lado e começou a contar toda sua história. Disse que trabalhar na FEBEM foi o motivo do término de seu primeiro casamento, não apenas pelo horário esdrúxulo de trabalho, mas principalmente pela maneira agressiva que ele tinha de trabalhar, levando isso para casa. Hoje, quando sai, procura esquecer a FEBEM. Entretanto, os vidros de seu carro são quase negros (motivo pelo qual freqüentemente é parado pela polícia), se percebe meio que marcado na vizinhança por seu comportamento distante (perto de sua casa há duas bocas e já fora chamado para explicar qual era a dele, se era policial etc...), há pouco tempo foi reconhecido por um menino no Carrefour.

Contratados para *proteger* a integridade física do adolescente, da unidade, da sociedade, os agentes de proteção são escudo para muitos lados, inclusive para seu próprio grupo: “um sendo os olhos das costas do outro”³⁷. Com eles, aprendemos a tal rede de cuidado através de olhares, tão fundamental para nos sentirmos mais “seguros” no pátio.

Cumpre, ao agente de proteção, não deixar que adolescentes briguem entre si, não deixar que lesem o patrimônio da unidade, não deixar que fujam... De fato a tarefa do agente de proteção é um vigiar rotineiro. Por outro lado, são constantemente vigiados por Direitos Humanos, ONGs e Associações, Corregedoria. Neste contexto, estabelecer vínculos de confiança com esses funcionários era uma tarefa ainda mais complicada; tanto para eles, como para nós.

A esses agentes cabe toda a carga de contenção da instituição e, desta maneira, também *protegendo* os trabalhos sócio-educativos de outros profissionais. Enriquez (2001d) aponta que ao atribuir a um grupo como portador de uma atividade que desestrutura, denegam a ele, os elementos mortíferos existentes em cada um. Neste sentido, como um retrato claro do maniqueísmo, o quadro de funcionários encontrava-se partido entre o “bem” e o “mal”: para que técnicos e agentes de educação (psicólogos, pedagogos, assistentes sociais e outros profissionais) pudessem exercer as funções do “bem”, caberia aos agentes de proteção a responsabilidade do lado “mau” da instituição: a contenção, o limite.

Malvistas pela instituição e sociedade, são, entretanto, aqueles que de fato estão em contato direto e rotineiro com os adolescentes. São aqueles responsáveis por dizer “não” a adolescentes, privados de liberdade pelo “não” dito pela justiça social. Como proteger a si e a outros, na convivência concreta da ameaça, do medo, da raiva?

³⁷ Expressão dita por vários funcionários.

Como não dizer reais ameaças: “vou matar minha namorada quando sair!”, “eu vou te encher de *porrada!*”, “oh, senhor, eu sei onde o senhor mora... vamos nos cruzar lá no mundão... quero ver se lá o senhor se garante!”? A realidade da violência faz do pátio um espaço, no qual o sentimento paranóico mostra-se como um sinal de saúde.

Willian (funcionário) contou que foi separar a briga de dois meninos,... mas um deles possuía temperamento difícil. Quando Willian chamou os dois para uma conversa, este menino ficou olhando-o de cima a baixo... Willian disse que ficou muito bravo... tirou cinta... e lhe deu três cintas. No dia seguinte o menino pediu para ser atendido, mostrou alguns hematomas que estavam em seu corpo e disse que havia sido Willian quem tinha deixado aquelas marcas. Willian foi suspenso por cinco dias e levou uma advertência do diretor da unidade. Conta que não bateu para machucar e sim para mostrar que ele devia respeitá-lo... Acha que o menino pediu para que seus colegas lhe batessem durante a noite... assim, depois ele poderia denunciá-lo. Disse que as cintadas não deixariam marcar como as que foram encontradas.

Toda instituição destinada a adolescentes tem como desafio manter regras, implicando punições e prescrições, Torna-se, então, ainda mais problemático quando se trata de adolescentes em conflito com a lei. Desta forma, agentes de proteção, *protegendo* as regras da instituição são constantemente desafiados por jovens que preferem, por que não, impor a própria lei. Faz-se então um retrato de uma crise constante, e o pátio parece uma luta de forças: disputa rotineira por domínio sobre normas da *casa*. Neste cenário de desgaste humano, o pátio é palco de desmedidas.

Levy (2001) compreende violência como um ato desmesurado e sempre inserido “em um processo psicossocial, particularmente aquele que ocorre em situações de mudança ou de mutação, nas quais tensões e conflitos, mais ou menos agudos, se traduzem por relações, que envolvem as pessoas, os modos de interação, os modos de funcionamento” (p. 83). Quadros de violência na FEBEM são quase que rotineiros, talvez por sua constância de vivenciar mutações: oscila entre a “*casa*

dominada pelos menores” e a “casa zerada”. Vale ressaltar: são duas “casas” bem diferentes!

1.1 Casa zerada

Estava bastante nervosa na hora que entrei. Estava assustada com o que poderíamos encontrar, sem saber se haveria espaço para continuarmos o nosso trabalho. Quando chegamos no pátio foi muito estranho olhar todos os meninos vestidos da mesma forma com as mãos para trás. Foi horrível. Alguns ficavam andando em círculo no centro do pátio. Era a hora de fumar.

Esta instituição, como um jogo de *cabo de guerra*, mantém seu equilíbrio através da tensão de forças opostas. Revelado um desnível de forças, instauram-se medo, violência e as manchetes trágicas na mídia nacional.

Qual seria então o marco zero? Com a *casa zerada*, a instituição impõe todas as regras da unidade. A unidade passa por uma revista³⁸ geral nos quartos, retirando o que encontra: entre roupas, fotos e objetos pessoais, as armas artesanais feitas nos momentos de desordem. Neste sentido, *zerar a casa* seria nivelar o pátio, uma reconquista da ordem. Ordem?

Ficar esperando na gaiola a hora de entrar foi só aumentando a tensão. Não agüentava mais esperar. Recebemos as instruções do coordenador de turno: ficar somente nas áreas iluminadas. Entramos e, senti que nesse momento causamos um certo desequilíbrio na organização da casa. Os meninos queriam chegar para conversar, os funcionários estavam atrapalhados não sabiam o que fazer. Alguns meninos que chegaram para falar com a outra plantonista e começaram a ficar revoltados com o fato de esperar um pouco até que houvesse algum tipo de organização. Um dos funcionários se aproximou e pediu que esperássemos acabar a hora de fumar. Outro pediu que nos organizássemos em grupos e nos dirigíssemos para o pátio próximo ao refeitório. Tudo estava muito confuso. Nessa hora, falei para nossa coordenadora, que tinha ido ao plantão naquele dia, se não era melhor irmos para a gaiola esperar que se decidissem. Logo a supervisora de campo chegou e disse

³⁸ Deveria haver uma revista diária feita pelos funcionários, entretanto, quando a unidade está muito tensa, não há como entrar nos quartos dos adolescentes. Esta revista de *zerar a casa*, geralmente, é feita através de intervenção externa seja por funcionários de outras unidades, ou a segurança externa da FEBEM, seja pela Polícia Militar.

que já estava tudo bem: ficaríamos no lado mais claro do pátio. Apareceram alguns meninos que nunca tinha visto antes... fui para um banco.

A instituição perde o controle da *casa* em um trabalho diário dos adolescentes, buscando as brechas na falta de corpo dos funcionários, que, às vezes, escancaram a insegurança para cumprir as próprias regras, assim como descrito no diário acima.

Falamos sobre o episódio, a revista e o espancamento, apontando o quanto eu me surpreendi com a atitude deles frente ao caso; pensei que eu ia encontrá-los tristes ou até indignados com a atitude dos funcionários. Disseram que estão acostumados com essa situação, que a casa ora pertence a eles e ora, aos funcionários. Um menino acrescentou: “Os novatos é que ficam desesperados com o que vêem, nós não!... Só estamos esperando a poeira sentar para voltarmos à nossa vida.”

Tal perda de controle é inevitável, mas não poderia ser diferente. É que *zerar a casa* é um estado de ordem extremo, no qual as regras não se sustentam pelo excesso, pela desmedida, pela ausência de sentido. São normas como: andar com cabeça baixa e mãos para trás, horários para acordar, para fumar, ir para a escola entre outras. Com a *casa zerada*, a sinfonia do pátio é composta com uma única nota: “Licença, senhor”; “Licença, senhora”.

Todos com a “roupa da xepa”, com as mãos pra trás repetindo a maldita frase: “Licença, Senhora!”... Estava me sentindo muito mal!!! Os adolescentes me pediam licença até quando estava de costas para eles!!!! Pra quê? Ok... a situação estava insustentável... mas... Foi horrível! (...) Mas houve um momento de descontração... quando adolescentes e funcionários soltaram um riso contido ao verem que eu respondia a cada pedido de licença: “Toça!”; “Fique à vontade”...

Entretanto, dentro do conjunto de regras “padrão” de *casa zerada*, ressurge uma ou outra que se revelava necessária e permanecia na unidade. Assim aconteceu

com a *roupa da xepa*, pertinente, expondo-se entre sua face e verso: por um lado, nivelando a todos, a simplicidade da *roupa da xepa* revela punição e humilhação aos adolescentes; por outro, a *roupa do mundão*, trazida pela família, transforma-se em moeda de poder e exclusão, ou seja, uns com as roupas de outros, instigado também pelo constrangimento do adolescente que não recebe visitas³⁹.

Eles pareciam envergonhados vestindo a roupa da xepa... era estranho mesmo... pareciam mais pobres... sofredores talvez... sei lá... pode ser a mudança do clima da casa!

Nesse momento aparece um menino que me cumprimentou, e disse: "Tudo bem? Tirou o gesso! Seu braço está melhor?", e ele me responde: "A senhora está me confundindo! É um outro menino que está com a mão engessada!"

Zé: "É, com essa roupa não dá para diferenciar quem é quem".

Carlos: "Mas eu não sou igual mesmo! Eu sou diferente de todo mundo!!"

Eu: "Isso eu não tenho dúvida! Cada um é igual a si mesmo... ninguém é igual ao outro! Só que você quer se diferenciar desse grupo que está aqui... você está preso como todo mundo aqui... nisso você não é diferente."

Carlos: "Eu sou! Tem gente aqui que está aqui por diversos motivos: tem gente que se faz aqui mas lá fora não faz nada! Estou esperando por eles lá fora... agora estão se achando! Tinha menino que não saia do quarto... hoje, parece que estão com uma melancia na cabeça... se exibindo!"

Para Levy (2001), a regra "justifica-se por sua própria existência. [...] Em si mesmo, as regras não fazem sentido, mas sem elas nenhum sentido poderia emergir."

³⁹ Vale lembrar que, no momento da fuga, é pela *roupa da xepa* que são reconhecidos por policiais.

(p. 150/151) Arbitrárias, na falta de sentido para regras impostas surge a incoerência:

A FEBEM permite a transgressão.

Os meninos começaram a contar a respeito das rebeliões e do dia a dia na FEBEM. Disseram que essa unidade não era das piores... embora a casa já tivesse sido dominada e não fosse mais. Agora "aos poucos a gente vai dominando", como que querendo dizer que estariam controlando as regras na rotina da casa, e assim seria melhor.

As brechas já começam a surgir na quebra das regras que todos sabem temporárias. Entretanto, existir para serem quebradas, além de ser uma ação nada educativa, é, também, um desgaste ao corpo de funcionários sempre desmoralizado.

Conhecemos a abordagem dos adolescentes para quebrar limites. O plantão também era alvo destas constantes tentativas para abrir brechas em nosso grupo: pedindo favores e testam a rigidez da regra imposta pelo outro.

Com um discurso meio sarcástico, contava de um menino que, após sair da FEBEM, tinha assassinado um monitor... Berto [adolescente] descrevia tudo com muito sangue! Pra quê?... E como sabia de tantos detalhes?! Sem querer fazer muitas interpretações... mas com tal sarcasmos... parecia inventar... parecia falar de seu próprio desejo. Perguntei: Por que está me contando isso? Ele parecia não escutar nem a mim, nem a ele mesmo. Falava... simplesmente falava... não parava de falar. Eu apontava algumas coisas para ele, mas em vão... ele não me ouvia! Até que se voltou para mim. E passou a me pedir uma série de coisas. Começou com uma latinha de cerveja e terminou num maço de cigarros. Falava sem parar. Eu explicava que eu tinha um lugar lá dentro, no qual não cabia trazer alguma coisa. Ele dizia que ninguém iria ficar sabendo, que era fácil passar pela revista. Dizia a ele que não seria uma questão de revista ou não revista, eu não iria trazer nada para ninguém. Estava começando a ficar irritada!! Berto chegou até mesmo a perguntar, com o olhar bem fixo: "A senhora é covarde?" "A senhora está com medo? Está com medo?". Na hora, não tive medo, não estava sendo covarde, não era esta a questão. Tentei explicar. Em algum momento, Romeo [adolescente] entrou na conversa também. Até que chegou um momento que parei de explicar, disse a eles que não

*estavam me ouvindo e não iria trazer nada e pronto. Sai de lá...
que saco!*

Situações, como esta, eram tão frequentes, que passei a nomeá-las de *conto da bolacha*. Ou seja, como os adolescentes, com tons, ora como infelizes, ora agressivos⁴⁰, pediam para que trouxéssemos algo de fora: da maconha à bolacha. O tom do “não custa nada” dos adolescentes, na verdade, custa e custa demais! Uma regra quebrada é a brecha encontrada para alojar-se.

Ele disse que acabou ficando com o anel da plantonista... Eu achei estranho! Disse ainda: entrei nas idéias dela!

Neste *entrar nas idéias* do outro, alguns de nossos plantonistas não voltaram. Mas *entrar na idéias* de um funcionário é o início da perda de controle, quando os funcionários passam a não se *garantir*. Com os adolescentes e funcionários conhecemos a importância deste *garantir-se* (por isso, também, não ceder ao *conto da bolacha*). A única maneira de se *garantir* é mantendo um discurso coerente, encarar e não fugir de alguma situação. Como ficaria, então, para nós esta questão do *garantir-se*? Garantir as regras *de dentro* da unidade não era difícil, por sermos *de fora*. Mas, ficam algumas questões: quais eram as nossas regras? Tínhamos alguma? Podíamos nos garantir na escuta, quando o outro vem para lhe testar com histórias macabras de violência? Às vezes fazíamos assim, mas as sensações eram péssimas!

*São duas horas da manhã... estou escrevendo isso como um
enfiar o dedo na garganta... a comida parece estragada... me fez
mal!... me faz mal!!! Não estou agüentando o tamanho de tudo
isso!!! Quero dormir!!!! Mas não posso! Depois de dois anos de
FEBEM... Não sei se quero ficar!... Não sei se quero sair!!!! O que é
isso? É ser humano?... Estou sem chão! O que eu ganhei com isso?
Por que não falam isso para ela (psicóloga que se dizia “mãe” dos
adolescentes)?! Não!!! Não se fala que comeu a bunda de alguém
para a sua mãe!!!! Não!!!! Para a mãe se dá presentes...
chora!! Acho que é isso que preciso fazer!!! Pedir colo e chorar!!!!...
dormir!... Que raio de verdade escrota foi esta que resolvi
conhecer??? Não!... deixe ela ouvir o que ela quer... branca... sem
cicatrices... fria, mas sem insônia... sem olhos inchados!*

⁴⁰ Esta utilização de um discurso para amedrontar o outro, os adolescentes chamam “*dar um psico*” São experientes no assunto: treinados pela própria experiência do *mundo do crime* ou pela convivência entre si na FEBEM.

Sonhei a noite toda com os olhares, com o lugar, com a ambigüidade... com a violência... Como me desligar de tudo? É possível? Será que eles, com toda a palhaçada, se desligaram? Tenho a impressão de que eles só estão lá quando a gente vai, não é possível acordar e dormir num lugar destes....

Basicamente, a “regra” do plantão era aprender, cada um, os limites de sua própria escuta, respeitando-se e não reproduzindo “o ter que *se garantir*” para não ser *seguro*.

O Capixaba [adolescente] começou me perguntando se eu sabia o que tinha acontecido com o Gardenal... ele havia apanhado muito dos meninos e ido parar na a unidade-seguro (“foi feio, senhora!!!”). O motivo é que o cara estava encarando a visita de um outro garoto - e de tal forma que a própria visita se sentira incomodada.

As transferências denunciam a fragilidade da unidade, ou seja, ela não se *garantiu*. Para o adolescente, a mudança de unidade é sentida como punição: não sabem se *casa* destino é “bem-conceituada”, abrigando mais *sangues-bom* do que *pilantras*; estigmatizado como baderneiro, terá ampliado seu tempo de internação; além de ter que submeter novamente a ritos de iniciação. Por outro lado, o “bonde” revela-se, também, como um certificado de que “*a unidade não deu conta de mim*”, ou seja, um certificado de consideração, liderança e poder; ainda mais valorizado se emitido por unidades palco de grandes rebeliões e periculosidade.

Dica [adolescente] me reconheceu da outra unidade. Parecia que não queria que eu me lembrasse da situação dele lá, antes de vir de “bonde”... Não parava de falar... Falava tão rápido que nos deixava tonta! Não me lembro direito... mas ele estava comparando as unidades e pedindo a minha confirmação para tudo que dizia. Sentou-se ao meu lado com mais dois e iniciaram uma série de comparações entre as unidades da FEBEM e a entre a FEBEM e a “cadeia de maior”. Dica parecia querer dar uma de malandro dizendo que na outra unidade eles apanhavam e que tem grade no teto. Ele pedia minha confirmação... pedia para que eu concordasse com a idéia de que lá era muito pior. Respondi a ele que ele conhecia as duas unidades bem melhor do que eu que passava por elas algumas horas por semana. Preferi não entrar nisto.... era uma tentativa para ele se vangloriar dos outros

daqui. Lembrei que Dica, lá, era do “seguro”... e, agora, tinha que se “garantir” aqui dentro!!

Inserido em várias unidades e diferentes complexos, por vezes o plantão deparava-se com situações como essa. As transferências aconteciam, basicamente, em duas situações: quando o adolescente se torna um *líder-negativo*⁴¹ ou um adolescente tão *seguro*, que corre perigo de vida (como o caso do adolescente do diário acima). Numa situação semelhante, funcionários também podem ser transferidos por terem sido ameaçados.

Quando o funcionário, recém chegado na casa, começou a me contar a trajetória dele na FEBEM, logo saquei! Foi o funcionário que saiu espancado pelos adolescentes na outra unidade... Caramba! Não deve ser nada fácil!!! Mas o pior nem é ele ter sido enxotado da unidade... o pior era o motivo... o cara era pirriú! Aqui deve manter isso escondido... funcionário seguro?

Interpelado pela instituição, a prática se revelava nos revelando. De *bonde* da universidade ao campo, o plantão surgia como uma prática psicológica do meio acadêmico à comunidade, marcando sua trajetória entre protagonistas e psicólogos sociais, com todas as dúvidas e medos do instigante encontro com o estranho.

1.2 Casa Dominada

Está uma situação de muito medo!!! Até o coordenador de turno, com aquela brincadeira toda, disse que estava apavorado de alguma coisa acontecer... não conseguiu dormir e... além de tudo, deixaram-no sozinho no plantão de ontem! Um menino do seguro estava com muito medo... falava até em suicídio! Fiquei um tempão junto à parede do seguro conversando com ele... Ele tinha a certeza que ia morrer na segunda-feira, ou seja, hoje!!! Tentei tirá-lo desta situação de presa... mas estava com medo de culpá-lo pela própria situação e complicar ainda mais o estado dele...

⁴¹ O líder é aquele adolescente que exerce poder na casa. O *líder-negativo* é aquele que usa deste poder para liderar a desordem na unidade, já o *líder-positivo*, pretende um entendimento entre funcionários e adolescentes ou, ainda, entre adolescentes.

arrisquei! Inverti o jogo... já que ele dizia ter tido "voz ativa"... disse a ele que estava vivendo um outro lado... o lado do ameaçado. Ele disse que já tinha mandado muito menino para o seguro, mas não tinha matado nenhum! Então, perguntei: "chegou a ameaçar?" e rapidamente ele respondeu: "Claro, senhora!"... Fazendo uma analogia ao crime que tinha cometido, eu disse: "Pois é... você é quem está dentro do porta-malas do carro agora". Depois disso ele mudou bastante de postura. Também conversei muito com um adolescente líder. Ele está bem mal!!... Também tem medo!!!... Disse que, há alguns dias, o "ar do pátio está muito tenso", está "sinistro"!! Como se a cadeia "pesasse" para todos lá dentro e aí eles acabam indo para cima de alguns. Um menino disse que talvez a gente não possa entrar na unidade na próxima terça. Um outro disse que iria sair no final de julho, se não cometesse algum BO... Ou seja, está vindo de todos os lados!...

Nem boa nem má, útil ou supérflua, a violência *esta aí*; pode ser deslocada ou transformada, mas jamais eliminada. Para Levy (2001), quando "exercida por um poder legítimo, baseada no consentimento geral, será sempre necessária para evitar um ciclo de violência se instaure e se perpetue, ou para substituir um ciclo de violências por uma *ordem* fetichizada e rígida, mas por um debate vivo entre pessoas e grupos que se reconheçam mutuamente em suas diferenças e em suas semelhanças."

(p. 87)

Perguntei a Sidney [funcionário] como estava a unidade. Ele disse estar tudo bem... tranqüilo... Mas, quando sentei ao lado dele... então ele disse que a unidade tava uma "merda"!!!!... Pela manhã os meninos mandaram os funcionários "tomarem no cu"... eles não estavam respeitando mais nada... fazem o que querem... não dormem na hora que tem que dormir, não querem acordar!!!! Nesse momento um menino passou e me cumprimentou... Sidney disse "Ta vendo esse patife que acabou de falar com vc?... Então... ele ficou acordado e falando até as cinco da manhã!!!!"

Sidney disse ainda que há uma grande diferença dos funcionários da noite com os dos dia... Os meninos não respeitam os do dia e respeitam os da noite, que são mais antigos na casa, e que eles sabem que "descem o cacete se for preciso"!!... Mas disse que a arma deles é sair da casa... Os meninos sabem que se

eles derem muito problema os funcionários saem da unidade e entram os guardas, os guardas "descem o cacete", pois não tem contato com os meninos ... mas eles (funcionários) não fazem isso porque no dia seguinte têm que voltar pra lá.

No momento em que funcionários perdem o direito "ilegítimo" para ditar as regras da unidade, o medo impera ainda mais no pátio, marcando um "ciclo de violência". *Quando a casa está dominada pelos menores*, vigoram as leis implacáveis dos adolescentes, ou seja, a lei crua do *mundo do crime*.

A inconstância da unidade atuava diretamente no *seguro*. Quando os funcionários estão com as regras da unidade, o *seguro* que volta a conviver com os outros, como por imposição.

Primeiro estavam três adolescentes do seguro. Eu estava muito mais tensa que eles e falei: "Tá difícil!" Eles começaram a rir e falaram: "Pra gente tá ótimo, senhora, maravilhoso!" Percebi que eram seguros.

Entretanto, com a casa *dominada*, a suposta liberdade dos adolescentes permanece submetida às leis implacáveis do *mundo do crime*. Desta forma, o espaço do *seguro* é ainda mais sacrificado e ampliado por novos adolescentes condenados a cada semana.

Perderam a noção... está até ridículo! Mais um pouco e a unidade terá metade da população no "seguro"!!!!

Em tal cenário de horror, tivemos que nos deparar com o plantão à mercê do instituído: interdito ao *seguro*.

Entramos no pátio. Estava vazio. Frio, fazia muito frio. A porta do seguro fechada, dois monitores fazendo a guarda. Um menino veio logo falar comigo, disse que o ar ainda estava bem tenso. Perguntei se eles (seguro) não iriam sair, e me explicou que eles não estavam saindo nunca... e só faltava eles saíssem bem no dia em que nós estamos lá.

Fui até um adolescente do seguro. Ele estava mal. Quando disse que voltaríamos em agosto... ele quase chorou!... lá mesmo... na frente de todos! Trazia uma marca no rosto, havia participado de uma briga. Não podíamos conversar sozinhos! Que irritante!!! Outros três palhaços chegaram intimidando: "Vocês estão conversando algo que a gente não possa ouvir, ou podemos ficar aqui?!" Não consegui dizer não! Ele ficou quieto. Não pude passar a bola para ele.

Sabíamos da violência que rondava a *casa* principalmente no período noturno.

Intervir em momentos como o relatado no diário era, de fato, colocar em risco a vida do adolescente. Assim, deixávamos o outro responsabilizar-se pela decisão de responder ou não, continuar ou não; cuidando de si naquele espaço e situação.

Entretanto, nosso silêncio, de certa forma, apontava para nosso desgosto da situação.

Está tudo muito confuso. Os meninos faziam da gente rainhas e tentavam nos divertir... Pareciam bobos da corte pulando na frente do barraco do seguro, escondendo a merda deles. Se vissemos, talvez não voltássemos. Eles têm uma certa razão. Mesmo com a minha descrição super cautelosa para as meninas, elas não queriam ir.

Por outro lado, responsabilizar o adolescente para cuidar de si na unidade também no momento do plantão, nos colocou em algumas situações embaraçosas. Alguns meninos do *seguro*, algumas vezes colocavam-se, para nós, como aquele que precisava de uma atenção especial e, quando percebíamos, espelhando o funcionamento da unidade, criávamos de um outro novo espaço, um lugar seguro para que o *seguro* pudesse estar no Plantão.

Perguntei se o Gilmar (adolescente seguro) não queria ir para outro lugar. Levantamos e ficamos próximos à grade. Logo, três meninos chegaram... um ficava me perguntando coisas que eu nem imaginava a resposta... questões que ele tinha que fazer para as técnicas. Estava só me distraíndo! Enquanto isso os outros dois ficavam xingando Gilmar de louco etc.

Eu já estava me sentindo bastante incomodada por estar conversando com o Gilmar ou por não conseguir conversar com ele, mas antes dos meninos chegarem. É

horível!! Parecia existir uma barreira! Não havia comunicação!! Era muito angustiante não saber... ou não ter o que dizer por não conseguir perceber sentido no que ele dizia.

Quando os meninos chegaram, eu me descontroliei - e foi exatamente isso que não consegui perdoar depois que saí de lá - e fui pedir para nossa coordenadora se podia ir para algum lugar conversar com ele. Antes perguntei se ele queria e se tinha noção do risco que poderia estar correndo. Aceitou. Entramos na gaiola e a partir daí eu não consegui mais controlar o meu tremor! Tremia por ter tirado ele do pátio... por estar com medo por tê-lo colocado nesta situação (apesar de ter sido uma escolha dele)! Mas depois senti muita raiva!!! Percebi que ele só tinha me usado para conseguir toda a atenção!!!!

O pátio recebia um ar de malandragem, um ambiente de exposição, em que qualquer conduta poderia ser interpretada ao avesso. Assim, o líder da casa arriscava ter seu poder virado contra si, quando interpretado como falta de humildade⁴²; e, inúmeras vezes; adolescentes saíam da liderança para o seguro, no movimento, por alguns, denominado como a “Revolta dos Humildes”.

O menino estava muito mal... começou dizendo do clima péssimo da casa... até chegar no Paródia [um adolescente líder]: “É que... o Paródia é meu parceiro... conheço o cara do “mundão”!!... é parceiro ele!... O problema é que eu tô ouvindo os “caras”, aqui, dizerem que ele não está sendo humilde... e vai “descer o morro” rapidinho!!!! É, senhora, vai rolar a “revolta dos humildes”... e se o Paródia não se garantir... eu não vou deixar o mano no debate... e aí... eu vou pro seguro também!!!”

Tensão aumentada, a ameaça constante fazia um corpo de funcionários amputado pelo aumento do número de licenças médicas, afastamentos e faltas. Ainda mais fragilizados, aqueles que permaneciam deviam cobrir a ausência de outros, passando, por vezes, mais de um dia inteiro na unidade.

Lá fora, um funcionário ficou conversando com a gente, disse para que tomássemos cuidado!... não ficássemos de costas para nenhum menino para que ele não nos pegassem por trás e nos fizessem de refém. Senti que ele estava muito preocupado e com medo... não parecia estar sendo fácil para ele falar aquilo para a

⁴² Humildade era a virtude fundamental de um sangue bom.

gente... Talvez tivesse medo de que sentíssemos aquilo como se ele estivesse impedindo nosso trabalho... Ele parecia estar com medo. Acho que para ele ter vindo nos avisar... a situação parece estar bem complicada!! Ele nos contou o que está acontecendo... da aparente impossibilidade de se conseguir lidar com essa situação! Fiquei com uma certa aflição... Ele passou uma certa angústia... porque nós podemos escolher não ir mais na unidade quando ela se torna complicada...

A casa tornava-se, assim, dominada pelo medo. Com desmedida tensão, ampliada pela fragilidade do funcionário, adolescentes assumem, cada vez mais, o poder da casa imposto pelo pavor.

Havia uma movimentação na casa. [...] Vi que todos os coordenadores estavam indo em fila para o X. Fui até lá.

Na porta trancada, tinha um funcionário que eu nunca tinha visto, acho que eram os primeiros dias dele na casa. Perguntei a ele o que estava acontecendo: era um menino que tinha aprontado e que estava se recusando a ficar no X. Olhos arregalados... o olhar do funcionário era de assustado... ou talvez... assustador. Disse a ele: “Desculpa, eu não te conheço... mas... você não está bem, né?” Ele, segurando o cadeado da porta, responde: “Não!!! Eu só quero ir embora!!”. Nada mais podia ser dito... bem nesta hora, ele teve que abrir a porta!! Uns 6 funcionários saíram!!! Todos os meninos se dirigiram para frente do X. Eu estava entre um amontoado de meninos e a parede. Na hora, para passar por eles... respondi numa ironia nervosa: “Nossa! Platéia aqui!”. Certamente estava tensa!!!! Fiquei mesmo assustada quando um funcionário começou a pedir para o povo dispersar e ninguém saía do lugar!!!!... Era a hora, então, de sair... mais que na hora!!!

Fui chamar os plantonistas. O menino do X começou a bater muito na porta – porta de ferro – um barulho ensurdecedor!!! Uma sonoplastia que deixava aquele momento ainda mais tenso!!!... Quando chamei o resto do povo... não precisei ir até eles, todos já estavam olhando para mim!!! Que alívio!... Assim... não precisei entrar mais ainda no pátio!!!... estava próxima da “gaiola”... da saída... e só esperei por eles. Junto com este alívio veio o medo: medo por mim e por eles, medo de passar medo para eles!!!

Havia dias que o clima era tão pesado na unidade, que parecia ser possível apanhar o ar com uma simples colher. Quando chegava neste estágio de descontrole, não havia como evitar a explosão de um dos lados, revelada pela contenção exacerbada e “repentina” da instituição ou pelos cenários dramáticos das rebeliões dos jovens.

2. Violência: a trágica desmesura humana do homem

Ontem à noite, destruíram tudo. A unidade está queimada e vazia. Soube que os noticiários mostraram meninos em cima do telhado, revoltados por causa de uma revista que acontecera no Domingo. Ameaçavam outro menino... Não vou ver nada. Hoje, estarei o dia todo fora. Acho também que não quero ver!... Como seria ver um menino, que você conhece a história, ameaçar outro que também compartilhou a sua no plantão? Conseguiria ver os rostos? Não. Eles, provavelmente, estavam de "ninja", escondendo os rostos porque, na verdade, não são eles.... é o grupo, um grupo que tem a mesma cara, independente da unidade: a cara da camisa branca escondendo quem quer que esteja debaixo dela.

Sufrimento, sangue e morte... Levy (2001) alerta para imagens da violência que visam terror e medo apontando para a necessidade de manter-nos distante deste *mal*. Em geral, é através da idéia de moralidade que a violência é compreendida: um ato de incivilidade, ou seja, uma ação não civil, de acordo com leis, escritas ou não-escritas, que regem relações sociais. Vista desta forma, a violência inaugura o fundamento para a inserção da normatização, como força tranquilizadora, da criação de leis e regras que visam a repressão de contestações, ao controle em nome de valores que diriam respeito a todos. Desta forma, *casa zerada* ou *dominada* apontam para a violência pela violação de leis.

Provocado horror, condenando seus autores, as imagens para manter a violência distante, para nos prevenir contra nossa tendência natural de sermos dela cúmplices, mas também para mascarar (ou negar) aquela outra violência que, por ser considerada legítima, é vista, simplesmente, como um ato de autoridade, exercício em nome do direito, do bem público. (LEVY, 2001. p.77)

Entretanto, para Nobre e Morato (2004), limitar o sentido de violência à incivilidade, ao *mal* ou à ação causadora de danos e prejuízos, levando a submissão passiva à lei, seria mantê-lo longe da complexidade real das relações humanas e organizações sociais, renunciar “a toda violência que habita em nós próprios e a todos

os outros sentidos que a violência pode comunicar em nossa atual organização social” (p. 13).

O ato violento está nas guerras, numa ação terrorista, na utilização de palavras, no aprisionamento. Neste cenário de horror, Levy (2001) considera que violência é parte da própria existência humana, causadora de mudanças, tensões e conflitos que envolvem relações de força e poder, modos de interação e funcionamento. Violência pode ser interpretada como um ato de ousadia, que ultrapassa a medida, que comporta uma forte carga afetiva como a paixão, o desejo, a criação.

Nascida da desmesura e desmedida, a tragédia toca e diz a respeito do público no público da vida cotidiana (VERNANT e VIDAL-NAQUET, 1991), um espaço feito *de mentira*, para a expressão e desvelamento *de verdade*. A violência, na esteira do trágico, é aquilo que o homem recusa ver e ser: o desmesurado, a desmedida, a *hybris*, mostrando-se na força centrípeta do *buraco negro*.

Figueiredo (2004) propõe a trama de *Cidade de Deus* como *tragédia brasileira*, ampliando no espaço e no tempo: crimes, culpas, dores e castigos. Exaltada e lúcida, a tragédia, assim como também a violência, expõem ao espectador a própria condição humana, limite e finitude. Na dualidade trágica, de um lado, encontra-se o coro, de outro, o protagonista. Em cena, heróis agem em obediência a um mandato destinado e o coro, aquele que nada pode intervir, a não ser através do lamento e lembranças, assiste e comenta.

Com todo o lamento e lembranças, o plantão revelava-se como o coro de muitas tragédias, embora intervindo através de sua compreensão e comunicação das desmesuras testemunhadas, oferecendo-se, como debate, a seus heróis protagonistas. E, assim como o *debate* instituído pelos adolescentes na FEBEM, o plantão condena o herói da tragédia, não como réu, mas como autor de sua própria história. Um debate interno posto ao herói da tragédia, entre a interferência de deuses e a ação humana,

convoca-o ao fundamento de seus atos; responsabilizando-o para além de suas pré-destinações (VERNANT e VIDAL-NAQUET, 1990).

Na tragédia grega *Édipo Rei*, Pompéia (2001) compreende que o herói, mesmo sabendo ser joguete dos deuses, imputa a si o próprio castigo. Édipo matou, para não ser morto, um homem sem saber seu pai e casou-se com uma mulher sem saber sua mãe, pela honra de ter salvado a cidade da esfinge. Seria absolvido em qualquer tribunal, entretanto, justificando-se, assumiria a falta de pertencimento e domínio de sua ação. Desta forma, ostenta sua culpa, recusando-se marionete dos deuses. De fato, a *des-culpa* remete a vitimização, ou seja, uma situação de impotência. Édipo, então, responsabiliza-se, apropriando-se de sua estória através da pena designada por ele mesmo: o exílio. Sai, então, como cego e andarilho com toda sua culpa de pertencimento.

O coro, em sua última expressão, lamenta:

Olhai, habitantes de Tebas, minha pátria. Vede Édipo, esse decifrador de enigmas famosos, que se tornou o primeiro dos humanos. Ninguém em sua cidade podia contemplar seu destino sem inveja. Hoje, em que terrível mar de miséria ele se precipitou! É portanto esse último dia que um mortal deve considerar. Guardemo-nos de chamar um homem feliz, antes que ele tenha transposto de sua vida sem ter conhecido a tristeza. (SOFOCLES, 496aC-406aC. p 104)

Pompéia (2001) compreende a condição trágica do homem como a própria representação de Édipo: andarilho numa realidade que se transforma e pela qual se responsabiliza; não por dominá-la ou controlá-la, mas por ser nesta realidade que são tecidas estórias. A condição humana é estória que se desenrola, fazendo do caminhar a sua própria essência, permanentemente brotando. Loraux (1992) diz dessa condição trágica humana como a própria condição de ser *mortal*; como

Mortal, como era denominado pelos gregos, o homem é em sua condição de *broto*: destinado à morte, inaugura a vida.

Com a morte próxima, o protagonista do *mundo do crime* destina-se à vida curta. Como andarilho desgovernado, tem, na FEBEM, um ponto forçado de parada. Neste sentido, a escuta clínica provoca-o a orientar-se como fundamento de si, encontrando-se em seu desamparo da responsabilidade por *destinar-se*.

CAPÍTULO VI

ATENÇÃO PSICOLÓGICA: *DES-AFIOS* À ATITUDE CLÍNICA

A prática psicológica em instituição diz de demandas variadas, que, de certa forma, perpassavam por uma atenção psicológica. O termo *atenção* começou a ser utilizado pelo laboratório por sua amplitude de sentido/significado⁴³: concentração, zelo, dedicação, disposição, mostrar, alertar, olhar, ouvir, sentir e, sobretudo, cuidado. De origem no latim, *atenção* remete à *aplicação do espírito*, compondo-se por *a* (*para, em direção a*) e *tendere*, com sentido semelhante a clinicar: inclinar-se.

A atenção se fazia clínica para nós através da atitude ou postura de inclinar-se ao outro. Desta forma, desde a entrada no complexo a atenção psicológica se apresentava conosco. Por vezes, alguns de nós permaneciam, já no portão da instituição, com um ou outro segurança da revista de entrada, iniciando como que uma conversa, ressoando ao nosso ouvido como demanda. Assim, fazendo-se escuta

⁴³ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (<http://houaiss.uol.com.br>, consultado em maio/2005)

clínica, a atenção se inaugurava nestes pequenos contatos despreziosos: um modo de ser psicólogo clínico em meio às relações entre sujeitos no cotidiano social.

É, neste sentido, que se encaminha este capítulo final: inserir algumas notas significativas desta atenção psicológica aos personagens da FEBEM. Pretende não apenas compreender a clínica e seus desafios, mas, também, através dela, olhar para este avesso do mundo dos homens, no qual se insere uma instituição para jovens em conflito com a lei, vislumbrando uma possível interpretação para a situação atual de ambas as instituições: cada uma por si mesma e uma articulação entre elas.

1. Rede de cuidado: entre o plantão e o apoio

Segundo Guimarães Rosa (1962), rede são buracos atados por fios, do mesmo modo em que a demolição é a construção de um terreno, em que tecido para remendos são comprados pela cor dos buracos. Quer dizer, o sentido da anedota é comunicado pelo humor, cujo propriedade é de revelar a “graça” que graça na linguagem: a sabedoria de abrir outras perspectivas possíveis para o sentido do real, ao encaminhar-se pela desconstrução do lógico como única verdade⁴⁴. Ver o avesso do avesso, ou seja, ir pelo (*per*) verso pode revelar o inter-ditado inter-dito.

1.1. Plantão Psicológico

O Plantão Psicológico ocorre no encontro do debruçar clínico àquele que solicita cuidado dizendo, através de desconfortos e/ou confusão emergentes (***emergência***), de um clamor silencioso que urge (***urgência***). Em 1999, a emergência de um despreparo profissional para acompanhar adolescentes infratores, dita pela voz

⁴⁴ MORATO, H.T.P. Rede de Apoio em Saúde Mental. *Supervisão como Aprendizagem: articulando novas significações (disciplina de pós-graduação)*. São Paulo: IPUSP, 2002. (comunicação oral).

de apenas um ator institucional, revelou, por essa queixa, brechas que apelavam, ressoando como demanda, para a invenção de um debruçar clínico do LEFE (intervenção).

A invenção cartográfica, entranhando-se no cotidiano da instituição, desenhava o relevo da sintonia de vozes. Escutar um clamor silencioso tornou audível o urgir desamparado dos personagens da instituição, ecoando clinicamente diferente nos espaços internos e externos ao pátio. Enquanto o cenário caricaturado do pátio solicitava o dizer de si no inter-ditado, outros, próximos mas distantes do pátio, demandavam um dizer de si-no-trabalho, ou seja, um inter-dizer.

Desta forma, a prática psicológica em instituições demanda iniciar-se por uma cartografia: ao mesmo tempo em que inventa territórios, amplia seu olhar e intervenção para além do pedido inicial de ajuda, feito apenas por um ator institucional, e em geral ocupando nela um lugar gerencial, abrindo brechas para que essa queixa primeira emerja por entre todos que constituem e são constituídos pela organização social, fazendo-se urgência demandatória de cada sujeito social. Quem poderia imaginar que uma tal reflexão pudesse se apresentar por aqueles que, como cartógrafos, deixaram-se tatuar pelos novos territórios, embarcando rumo à FEBEM, levando, como instrumentos à mão, apenas a discussão de um filme e de um conto? Tal forma de inaugurar a invenção da cartografia dizia, de modo simples, do olhar e do cuidado ao outro e a nós mesmos, fazendo-se uma possível via de acesso à compreensão da atitude clínica para clínicos em formação. Desta forma, o filme *Instinto* e o conto *Laicidade* tornaram-se um “rito de passagem”, criado pelo LEFE a cada entrada de novos estagiários em outros/mesmo campo de trabalho.

Afinal, na investigação em ciências humanas, há uma relação especular, na qual “o clínico não é estranho àquilo que busca compreender e talvez não esteja senão à procura de si mesmo e de se surpreender através do que supõe diferente” (BARUS-

MICHEL, 2004. p. 69). Como sujeito e ator social, o clínico coloca-se como interlocutor estrangeiro a ser afetado pelo campo e também dizer do clamor em suas próprias emergências e urgência, através das relações sempre inaugurais por sua intervenção.

Ainda na perspectiva de relação especular, nossa supervisão era como um jogo de “espelho mágico⁴⁵”, na qual a compreensão do vivido e sentido, através da narrativa da experiência cartográfica e clínica, construía e desconstruía os outros mesmos caminhos da prática. Nossos momentos de supervisão eram possibilidades para emergirem questões a partir de nossos olhares para fora e para dentro. Num entrelaçar de encontros entre o estrangeiro e nativo em nós, a supervisão nos colocava na justa medida de cada um: um viajante⁴⁶ não accidental. Através da ação especular pelo jogo de “espelho mágico”, cada olhar atento a nós mesmos dizia, ele próprio, de próprias nuances institucionais ainda não percebidas por nós em campo.

Por outro lado, quando o incômodo impregnava boa parte das narrativas durante a supervisão, colocando-nos como estranhos estrangeiros no mesmo outro campo e demandando uma interrupção do trabalho, dizia respeito a ir pelo avesso do “espelho mágico”. Afinal, “brincar” com espelhos em uma instituição coberta de ações e relações interditas, solicitava da supervisão um olhar acerca da realidade ainda mais atento às interdições do grupo no próprio grupo. Percebemos que, nessas ocasiões, era como que um clamor não silenciado urgisse em nós, sinalizando que outras cartografias precisavam ser inventadas, demandando uma ação clínica cartográfica para interromper nosso “encantamento”, capturados que estávamos pela instituição. Foi desse modo que o próprio Plantão Psicológico foi se apresentando como ação clínica reveladora da necessidade de cada outra investigação cartográfica

⁴⁵ Supervisão como “espelho mágico” é proposta por Morato *et all* (1999).

⁴⁶ Schmidt (1999) compreende o trabalho em instituição através de um diálogo do filme “O céu que nos protege” que distingue o turista (pensa em voltar assim que chega) e o viajante (pode não voltar).

na mesma instituição, ou seja, ele abria a si mesmo como uma ação clínica cartográfica.

Cuidando de si, o Plantão Psicológico revelava o cuidado na e pela instituição, com respeito e compreensão pelo espaço de cuidado para o outro e para si mesmo. O cuidado para com nossa própria equipe mostrava, através de tais interrupções, o cuidar de ser como fundamental *para ser e estar com*. Espelhando no reverso, o momento do plantão tornava-se também o cuidado da instituição com ela mesma, já que cuidar da privacidade do outro era cuidar também de sua própria intimidade. Instaurava-se, mesmo que momentaneamente, uma rede de cuidado: uma atitude de solicitude entre todos, por todos e por cada um, a marcar-se como experiência vivida, em cada um dos personagens/protagonistas desta prática.

1. 2. Apoio Psicológico

A atenção psicológica às equipes técnicas e pedagógicas⁴⁷, na unidade α , em 2000 e 2001, acontecia através de encontros semanais com cada grupo, para discussão e reflexão do trabalho desses profissionais na instituição. Nestas situações, discutiam-se outras formas de compreensão para a prática no seu cotidiano como possibilidades de ação profissional, muitas vezes sabotada por divergências e/ou contradições tanto dentro de uma mesma equipe de trabalho ou entre equipes.

1.2.1 Do Agente de Educação

Tratava-se de um cargo novo, em uma unidade nova, procurando brechas para existir reconhecidamente numa instituição com histórico de contenção. Desse modo, suas atividades, embora previamente designadas pela organização institucional, eram por eles mantidas como desafios para inventar a própria função. Próximos dos

⁴⁷ O quadro de funcionários da unidade, tal como compreendido por nós, encontra-se em anexo (ANEXO B).

adolescentes, dada a proposta de realização de atividades educativas, os agentes de educação não eram encarregados diretamente quanto ao cumprimento das regras cotidianas, função essa tradicionalmente destinada aos agentes de proteção, nem tampouco cabia-lhes o exercício direto da avaliação dos adolescentes, realizada pela equipe técnica. Desta forma, os agentes de educação eram vistos pelos internos como sendo o lado “bom demais” da instituição, o que, de certa forma, garantia-lhes uma certa “imunidade” ou um lado mais seguro para a realização de trabalho, ou seja, um *seguro* protegido, neste caso, pelos próprios adolescentes.

Queixando-se da desvalorização de sua função pela instituição, denunciavam a possibilidade real para criar e realizar ações sócio-educativas, cuja ausência era imputada, em sua opinião, a uma não capacitação de funcionários para a especificidade de suas tarefas. Necessitando legitimar sua existência organizacional por sua própria criação no cotidiano de trabalho, apresentavam-se como os *bons praticantes* da proposta institucional, escancarando o lado *mau da instituição*: todos os outros. Compreendendo o quadro dos atores institucionais cindidamente marcado por um funcionamento maniqueísta, a supervisão a esses agentes convocava-os a mais uma tarefa: a ação educativa para a própria unidade. Ou seja, do mesmo modo como agiam com os adolescentes, discutindo com eles a necessidade, às vezes nada boa, de regras e limites, eles poderiam tornar-se agentes para anunciar, aos outros, o mal-estar da dicotomia *bem e mal* dentro da instituição, conduzindo todos a se responsabilizarem por suas próprias ações no cotidiano funcional da instituição, tornando a todos, internos e funcionários, parte da avaliação de cada um.

1.2.2 Do Técnico

Com os técnicos, a questão era de outra ordem. Por mais que eles dissessem que a supervisão se constituísse em situação formadora para a realização da função, a

equipe nela não se empenhava. Tendo-lhes sido sugerido pela direção da unidade que aproveitassem de um espaço para supervisão, como havia sido espontaneamente feito pelos agentes de educação, a equipe já se iniciou por uma competição tacitamente imposta, conduzindo o grupo a supervisionar-se como sendo “mais uma tarefa”, mantendo-se estritamente voltado para discutir “o que *deveria ser feito dentro da função*”. Talvez não pudesse mesmo ser diferente. Afinal, os técnicos eram os grandes “mau falados” pelos adolescentes no pátio, que deles reclamavam até mais do que dos funcionários de pátio. A equipe técnica, diferentemente da dos agentes de educação, pouco entrava no pátio, bombardeados que sempre eram por cobranças dos adolescentes. Os técnicos eram vistos como aqueles que tinham o “poder da caneta”, podendo adiantar ou retardar as desinternações: eram os responsáveis pelo relatório técnico reportando ao judiciário a conduta e o desempenho do adolescente durante sua internação na unidade. Esse relatório era peça-chave a liberdade do adolescente ser ou não determinada.

Deste modo, por serem ou psicólogos ou assistentes sociais, os técnicos preferiam manter sua representação de poder avaliador, garantindo-se, por esse exercício de controle e contenção, o respeito da função na organização social de uma instituição ambígua em seus propósitos: sócio-educar com e pela contenção, expressando com isso a compreensão de um agir pela perspectiva do ajustamento social como parâmetro para correção de conduta do sujeito e da sua violência. Não se disponibilizando a serem supervisionados como meio para encontrar outras formas de desempenhar sua função, dela e do plantão se utilizaram, pelo avesso, ou seja, recorrendo a eles para indicar psicoterapia aos adolescentes, transferindo, assim, sua responsabilidade à Psicologia Clínica perante a organização institucional: o papel de avaliar, julgar e condenar, podendo dificultar ou facilitar a desinternação.

Não surpreende que, neste contexto, apoio e plantão psicológico acabassem imbricados. Aos plantonistas coube esclarecer, tanto a funcionários como adolescentes, as várias atribuições da Psicologia e de nosso objetivo com essa proposta: os atendimentos do plantão eram absolutamente sigilosos, não se dispõdo nem a ajudar nem a atrapalhar sua liberdade, pois não considerávamos nosso ofício “tirar ou colocar alguém no crime”. Ao longo dessa prática, diversas foram as vezes que ouvíamos os adolescentes dizerem que nós deveríamos ser técnicos, já que conosco eles podiam e conseguiam falar e serem ouvidos. Nestas ocasiões, enfatizamos que, sendo nossa escuta externa ao relatório, possibilitava seu dizer; caso fôssemos técnicos eles poderiam, ainda assim, se sentirem constrangidos para falar, temendo serem avaliados, pois não se tratava das pessoas que faziam o relatório, mas sim de que a questão de sua liberdade dependeria sempre **de um relatório avaliativo**: ser reconhecido socialmente como tendo aprendido direitos e deveres como sujeito e cidadão que era.

1.2.3 Do Apoio Psicólogo propriamente dito

O encaminhamento das supervisões de apoio a agentes de educação e técnicos, por um lado, e, por outro, o número cada dia maior de solicitações, tanto da equipe técnica de unidades de internação quanto do poder judiciário, para atendimento psicológico específico aos adolescentes, conduziu à criação do Projeto “Apoio Psicológico”, no início de 2002, pela psicóloga Maria de Fátima Marcato⁴⁸. Propunha esse atendimento clínico aos jovens, realizado pelos próprios psicólogos do complexo, fossem eles agentes de educação ou técnicos⁴⁹, como trabalho específico extensivo desses profissionais, tendo pelo LEFE a garantia de supervisão semanal.

Entretanto, aquilo que seria apenas para “tapar o buraco” de uma instituição com poucas possibilidades para encaminhamentos à psicoterapia externos, revelou-se como abertura para resgatar, nestes psicólogos, a atitude clínica, como cuidado e atenção ao outro, perdidamente difusa em meio à sua função meramente institucional. A supervisão do “Apoio Psicológico” ampliava e favorecia a reflexão sobre a atuação do profissional psicólogo numa instituição que, com proposta educativa, por vezes, impedia a ação clínica, se somente compreendida pelo estrito ângulo da saúde mental. Possibilitou-lhes redimensionar seu olhar tanto sobre a instituição como sobre o adolescente interno, muito além dos alcances e limites da própria atuação profissional. Ouvindo narrativas de jovens e seu dizer nos atendimentos e supervisão, os psicólogos experienciaram a atitude clínica própria, desvelando para si mesmos uma outra forma para ser técnico ou agente de educação na FEBEM.

“Ele tem medo de falar... Eu tenho medo de ouvir!!!!”

⁴⁸ Assistente técnica da diretoria do complexo.

⁴⁹ ***Para a não confusão de papéis e intercorrências no próprio atendimento do projeto, o psicólogo de uma unidade atenderia somente adolescentes internados em quaisquer das outras unidades que não a de sua lotação.***

Dita por uma técnica, esta frase escancarava o já conhecido, mas não compreendido: o relatório como impedimento para dizer e ouvir. Como se uma avaliação nesta instituição precisasse ser vista como punição/compensação. Seria apenas para isso que poderia servir um relatório técnico? Ou seria possível ampliar sua atuação?

O relatório, condenado por distanciar os técnicos dos demais companheiros de organização institucional e de sua população, foi sendo desmistificado neste grupo de supervisão, na medida em que foi sendo possível perceber como ele poderia ser usado como um instrumento de atenção psicológica a ser oferecido. E por que não também como um instrumento educativo? O relatório poderia ser realizado juntamente com o adolescente, conduzindo-o a uma situação na qual ele mesmo pudesse se reconhecer e responsabilizar-se pelas suas ações durante a internação e comunicadas através da escritura do próprio relatório: sua própria palavra diante do juiz, apoiado por seus educadores e técnicos.

Deste modo, estes grupos de supervisão abriram-se para criar uma ação do técnico na unidade que se mostrou ser ainda mais rica ao adolescente do que qualquer outra atenção psicológica oferecida por organizações fora da instituição, como por nós. Através desse trabalho, pudemos perceber o quanto, de certa forma, pela atitude distanciadamente arraigada dos técnicos em sua própria supervisão, também compreendíamos seu trabalho como estritamente avaliador na unidade, mal interpretando o necessário sentido do relatório. Sem dúvida, para isso a supervisão dos plantonistas também contribuiu na medida em que, junto aos adolescentes, o sigilo do atendimento fazia-se quase um pacto de confiança, por ser o relatório compreendido como instrumento contra a sua liberdade se baseado apenas no julgamento subjetivo de um profissional. Estávamos errados: na dicotomia propiciada por uma instituição ambígua, a justa medida de nossa atitude clínica como atenção

psicológica se fazia injusta diante de quaisquer dos sujeitos envolvidos nessa ação, inclusive nós mesmos.

O sentido necessário do relatório pode ser resgatado a partir do apoio psicológico, dada a proximidade justamente distanciada entre todos, revelando-o instrumento viável para o exercício da justa medida do poder responsável de cada um, Se a proximidade de todos os funcionários da instituição acontecia no próprio cotidiano vivido pelos adolescentes, ocorrências de cada um podiam ser referidas por cada um e por todos como expressando o real do cotidiano do interno, fazendo-se de tais situações instrumento para o relatório, abrindo possibilidade para que o próprio adolescente pudesse apropriar-se de si e de seus atos, em sua visão e na de funcionários em suas diferentes funções. Estes, por sua vez, reportando o cotidiano do adolescente, podiam compreender sua própria ação no trabalho, permitindo-lhes ver a justa medida de sua atribuição em exercício.

Nestes últimos cinco anos, praticando atenção psicológica em algumas unidades de internação da FEBEM, compreendi que um trabalho, feito em conjunto com a instituição, garante o exercício de suas atribuições próprias, muito além do que realizar atividades para a instituição, considerando somente o pedido inicial feito por ela. Isso porque, por vezes, uma tal entrada profissional externa numa instituição oferece-se como para “tapar buracos” que precisariam ser “remendados” pelos próprios profissionais que poderiam dizer da “cor desses buracos”, parafraseando Guimarães Rosa. Assim, profissionais externos à instituição colaboram para que fazeres sejam atro-fiados.

No trabalho conjunto na instituição, pelo “Apoio Psicológico”, pode desvelar-se o *clínico* na ação de um agente de educação, de proteção ou técnico, ao se criar o traspasse para com dificuldades de tarefa de elaborar relatórios de avaliação, estrategicamente polarizada pela instituição como atribuição de uma função

específica. Lembro-me do dia em que, apresentando o Plantão Psicológico à equipe técnica de umas das unidades, uma psicóloga disse: “*Vocês estão com o filé mignon da FEBEM!*” Sim! Nossa situação era privilegiada, pois nossa escuta não precisava romper interferências: legitimando-se apenas profissionalmente sigilosa, não estava comprometida com nenhuma exigência funcional institucional.

Entretanto, pelo exercício do Plantão e do Apoio Psicológico, pudemos perceber que esse privilégio foi possível por termos nos conduzido por desa-fios: sujeitos sociais como “buracos” atando-se por fios para fazer-se rede interinstitucional de cuidado. Isto remete a que a atenção, como prática psicológica em instituições, demanda autorizar-se como atenção na justa medida em que se faz autorizar por todos os atores institucionais, que possam se autorizar como co-autores para uma ação colaborativa que se pretende política pública.

Pensar a questão da relação entre autorização e privilégio para a ocorrência de atenção como prática psicológica em instituição possibilita, ao final deste trabalho, abrir a perspectiva de que ela se revelou num contexto de uma instituição específica: um outro modo *per-verso* do desvelamento de algo. Apontar alguns outros “buracos”, tornados conhecidos acerca da FEBEM através da atenção como prática, poderiam, talvez, sugerir a possibilidade de outros caminhos a serem trilhados por ela. Afinal, atenção psicológica como prática em instituição apenas começa a ser mostrada, dando a ver a tensão implicada em seu exercício: um espaço de tensão entre lei e não-lei, de fronteiras entre o permitido e o proibido no fazer psicológico, tematização essa da FEBEM mesma.

2. O retrato atual da FEBEM: reflexões pela atenção

A prática psicológica compreendida neste trabalho refere-se a um período de 2000 a 2004. Entretanto, diante dos últimos e recorrentes acontecimentos referentes à FEBEM, ela já se pode mostrar até mesmo desatualizada. Desde o início de 2005, essa instituição vem vivendo o caos⁵⁰ e sofrendo transformações sucessivas e profundas. Não se pretende fazer acusações ou denúncias para tal estado de coisas. Apenas um esboço de análise de tal situação será apresentado, sugerido pela própria experiência de atuação nessa instituição por algum tempo: uma possibilidade crítica⁵¹.

***FEBEM DEMITE TODOS OS 1.751
MONITORES DA SP
(Folha de São Paulo, 18 de fevereiro
de 2005)***

Há alguns anos, os jornais vêm comunicando denúncias de tortura, maus tratos e agressão de funcionários de pátio contra os internos. São acusados, principalmente, aqueles mais antigos que, viciados na cultura de repressão física quando da criação dessa instituição, “contaminavam” com ela os novos funcionários contratados. A FEBEM, então, numa ação radical, espelhando reivindicações da própria sociedade civil e de direitos humanos, demitiu as “laranjas” totalmente podres, meio podres ou pouco podres de seu quadro organizacional de funcionários. Assim, em 17 de fevereiro de 2005, a FEBEM anunciou a demissão de 1.751 monitores⁵², com o

⁵⁰ Segundo o Jornal Folha de São Paulo, até 31 de maio de 2005, foram registradas 1.022 fugas, contra 933 em todo o ano passado, e, até 19 de maio de 2005, 28 rebeliões, já igualando à estatística de 2004.

⁵¹ Assim como no primeiro capítulo deste trabalho, crítica e aqui referente ao que se mostra crise, que em grego, diz respeito à passagem de um lugar a outro, um transitar fronteiro entre o passado e o futuro.

⁵² Monitor: são funcionários de pátio mais antigos da FEBEM.

objetivo de livrar a instituição de supostos agressores, declarando, assim, estar combatendo a tortura e os maus-tratos em sua estrutura de unidades⁵³.

INTERNOS DA FEBEM SE REBELAM HORAS APÓS DEMISSÃO DE AGENTES

(Folha de São Paulo, 18 de fevereiro de 2005)

Entretanto, esta ação macro reviravoltou a rotina de muitas unidades de internação. Contudo, o despreparo de educadores sociais e agentes de segurança, contratados de imediato para substituírem os dispensados em suas funções, desencadeou medo e insegurança nas unidades, abrindo buracos mais que suficientes para a quebra de qualquer disciplina mínima cotidiana. A instituição, desvalorizada e desautorizada, se antes se mantinha pela tensão do jogo de “cabo de guerra”, agora radicalmente, revertia à força do cabo para o lado dos adolescentes. Eles passaram a vencer o jogo com facilidade, revelando o equilíbrio aparente, que a contenção propiciava, e a fragilidade das atividades para execução de medidas sócio-educativas, geralmente conduzidas por parcerias com organizações externas à instituição, desautorizando os atores institucionais por permitir a atrofia de seus saberes de ofício em prol do saber fazer tecnocrata externo.

MAIS UMA REBELIÃO, MAIS 53 FERIDOS NA FEBEM (O Estado de São Paulo, 5 de maio de 2005)

NEM TROPA DE CHOQUE EVITA FUGA NA FEBEM (Folha de São Paulo, 31 de maio de 2005)

Os setores técnico e pedagógico das unidades, atualmente reféns de muitas rebeliões, geralmente, no período pré-caos, também condenavam as repressões, por

⁵³ Em 1999, quando o LEFE foi procurado, a FEBEM também vivia um momento turbulento, com freqüentes de rebeliões, dentre elas, a maior e mais violenta da história da instituição até hoje.

não poderem perceber que a contenção era sempre denegada somente aos funcionários de pátio, dando-os a ver como o lado *mau* da instituição. Na relação entre privilégio e autorização, a ambigüidade que por ela se apresenta não permite articular a permissão dos trabalhos técnicos e pedagógicos na unidade, o lado *bom*, podendo acontecer na medida em que somente se mantiver a denúncia de desresponsabilização educativa do lado *mau* da instituição: os funcionários de pátio ou agentes de proteção. Entretanto, sem respeito a limite algum, não existe a possibilidade de realizar nenhum trabalho educativo ou técnico. Como não haviam percebido que seu trabalho só era possível desde que articulado ao dos agentes de proteção, educadores, antigos e novos, não conseguiam exercitar sua atribuição: educação também é disciplinar.

Sem condução para focalizar propósitos e propostas, os adolescentes perdem-se na “liberdade” suposta pela ausência de limite. Deseducadamente incontidos, chegam até mesmo a desrespeitar até o próprio código de honra criado, imposto e mantido por eles.

EDUCADORA É ESTUPRADA NA FEBEM
(O Estado de São Paulo, 13 de março de 2005)

Na ausência de leis externas, os internos dessa instituição revelam-se ainda adolescentes, embora creiam que, pertencendo ao adulto mundo do crime, seria uma medida de sua legitimação como tal. Não percebem o quanto lhes é conveniente “ser de menor” frente às responsabilidades por suas ações na dimensão da convivência social, mas recorrem a seus direitos legais expondo as agressões físicas a que se dizem submetidos. No entanto, quantas marcas de “tortura”, física e não física, são também produzidas por disputa entre eles mesmos dentro dos “barracos” das unidades.

Entretanto, a atual situação dá a ver à sociedade civil que o objetivo da FEBEM não pode dirigir-se apenas para medidas sócio-educativas. Se nas ações se

julgam adultos, mas reclamam direitos como adolescentes, o que expressam de fato ser ao revelarem compreender liberdade como *laissez faire*, os acontecimentos apontam a necessidade de não ser esquecido o fato de que a FEBEM implica em contenção para adolescentes em conflito com a lei e, assim, privados de liberdade para disciplinarmente serem educados como cidadãos. A conotação de brutalidade maldosa, imputada previamente à contenção por uma visão também maniqueísta, tem inviabilizado uma discussão aberta de interlocução entre disciplina e educação como ações sócio-educativas para esses adolescentes. Há necessidade de debate entre ambos os grupos, para que aquele que, embora designado por todos como *o mau* da FEBEM, por estar *inter-ditado* pela violência manifesta, vive a desmedida agressão cotidiana dos adolescentes. É preciso reconhecer que a dificuldade de tolerar a própria ambivalência e ambigüidade conduz atores institucionais, em determinada função, a manterem um discurso aparentemente assistencialista protetor, mas ideológica e politicamente eficaz por acentuar que *a agressão está no outro*. Enquanto não se fizer possível a cada sujeito social assumir também a própria responsabilidade pelo modo como uma instituição, enquanto criação humana, está se desincumbindo de suas atribuições sociais públicas, enquanto cada ator social de qualquer grupo não puder se apresentar como podendo ouvir qualquer outro grupo da instituição, enquanto não for angustiadamente suportável a tensão entre si mesmo e alteridade, a FEBEM não sairá das manchetes dos jornais. Afinal, por esta leitura, ela foi apropriadamente criada como instituição para disciplinar educadamente e disciplinarmente educar a irreverência invejada de ser na transgressão do dever imposto e sonho de liberdade nem um pouco assistida, para que a responsabilidade pudesse sempre ser transferida *a um outro que não eu*.

Esses adolescentes, como quaisquer outros humanos e não necessariamente adolescentes pela idade, encontram na cultura do homem seu pertencimento como

sujeito social, ainda que estejam submetidos às “leis” caso enveredem por caminhos do crime e/ou da ordem estabelecida pela sociedade. É por esta perspectiva, que autores, cientistas ou técnicos sociais compreendem os jovens da FEBEM como *meninos e meninas em situação de risco*. Mas o que diz tal expressão? A qual risco se referem? Risco de morrer ou risco de matar? Risco para si ou para o outro? O risco de caírem na transgressão? Risco de serem *riscados*, talvez. De fato, em qualquer classe social, independente da cor da pele, sejam meninos ou meninas, o grande medo do adolescente, como talvez de todos nós, é encontrar-se *riscado*, ser *seguro*: entrar no trágico *buraco negro* da exclusão. Num jogo *a-riscado*, entre o perder-se e encontrar-se, transgredir leva a conhecer limites para a existência: como e até onde poder ser e ir adiante? Limites não são somente limitações; diz, ao mesmo tempo, de como abertura para apropriação de si mesmo, ou seja, encontrar-se no mundo com e entre outros.

Mas seria essa também a compreensão de quem estuda esses meninos e meninas? Acaso viver não é apenas situação de risco, mas sim condição de risco para ser? Humanos que somos, adolescentes ou não, risco é condição de viver.

Quando iniciei meu trabalho em unidades de internação, era freqüentemente agredida e criticada por pessoas revoltadas com a criminalidade ou exaltadas pelos olhares assistenciais. Eu era convocada, também fora da instituição, a tomar partido em defesa de um lado, fosse ele qual fosse; o importante era “estar de um lado” para “não estar em qualquer outro”. O trânsito do olhar cartográfico e clínico possibilitou-me viver a ambigüidade e a angústia de circular pelos versos de diversos lados. E, sem dúvida, a FEBEM é de fato uma instituição ao avesso. Abriga o avesso da sociedade, que por sua vez a julga como sendo do avesso do avesso. Eis que acontece o reverso: simultaneamente ao conto sociedade-instituição, mostra-se o contra-conto instituição-sociedade, demandando qualquer deles a marcação de um contra-tempo realmente vivido.

3. Uma marca bem brasileira: o malandro

Eis o malandro na praça outra vez,
Caminhando na ponta dos pés
Como quem pisa nos corações
Que rolaram nos cabarés.
Entre deusas e bofetões,
Entre dados e coronéis,
Entre parangolés e patrões,
O malandro anda assim de viés.
Deixa balançar a maré
E a poeira assentar no chão.
Deixa a praça virar um salão
Que o malandro é o barão da ralé
(Chico Buarque)

Antes de chegar ao terror provocado pelo crime mais organizado, o filme “Cidade de Deus” inicia-se com o jovem malandro, numa época em que o Brasil se reconhecia e orgulhava deste “jeitinho brasileiro de ser”, adolescente ou adulto, mas sempre malandro. Contudo, mesmo na descida do morro, entre a adolescência de classe média esse padrão de ser não é diferente. É otário e triste, sem graça e virgem, franzino de “quatro olhos”, aquele que sempre estuda para a prova. É malandro e feliz, namorador e jovem, aquele que se diverte o ano todo, colando, geralmente do otário, para passar de ano. Talvez seja exatamente o jeito de ser “malandro” um modo mais condizente de viver no mundo atual. Entre o publicitário e o engenheiro, qual a figura mais simpática? A criação, que geralmente surge por uma transgressão, tem conduzido o padrão mundial a se perder, ambigualmente transitando entre estética e ética: entre o ser malandro e o ser otário.

Entre ética e estética transita a questão entre *ser* e *ter*. A humanidade, em sua forma social de conviver, enfatiza o *ter* como mais eficiente do que o *ser*. Eis uma expressão do sofrimento contemporâneo: a angústia de *não se ver como ser*, de *não encontrar sentido para ser*, mas *somente para ter*.

Mais uma vez isso para estes meninos é levado à risca, estão presos pela condição de querer ter. Mesmo na suposta liberdade do *mundo do crime*, há o código de honra e ética misturadamente. Na FEBEM, encontrei talvez mais a honra, pois dizem muito mais de uma estética, da imagem, do que de uma ética, da conduta.

O malandro no Brasil é a marca do mestre-sala das escolas de carnaval... aquele da ginga e que acompanha, quem? Sim... talvez não pudesse ser diferente... aquela que carrega a bandeira. Cazuzza, nosso mestre-sala dos anos 80, já pedia “Brasil, mostra sua cara!!!”, resolvendo queimar a bandeira nacional.

Este é um país que se orgulha de seu carnaval, carnaval financiado por trabalhos e trabalhadores não legais. Mas, é bonito de ver e encontrar-se na avenida o Brasil mestiço das grandes cidades. É quando pode acontecer a catarse anual geral: um *brasil* financiado pelo malandro dinheiro do jogo do bicho, do tráfico; um *brasil* onde a comunidade pobre de um morro qualquer mostra seu samba; um *brasil* onde a classe média paga um preço alto para ter as fantasias e mesclar-se com a comunidade da qual nunca antes chegou tão perto.

Na avenida, entre seios à mostra e um belo batuque, o morro leva, através de um tema, história e cultura para o resto do país: um *brasil* que, por um momento, na platéia, assistindo ao espetáculo de camarote, estão o “famoso” e o turista. Por esse prisma, pode-se dizer que, no instante do desfile pela avenida, é como se as escolas de samba do carnaval carioca fossem a própria representação de inversão deste país!!!!

Mas, na realidade, a mídia nos conduz a todos a “assistir de camarote”, e nem tão de longe, esse espetáculo do desfile de desfiados... Aliás, nesse êxtase catártico, até esquecemos, por um tempo, quão frágil é a estrutura deste nosso camarote que *temos*, apesar dos altos muros e cercas elétricas. Por quê? Embora *tenhamos* seguro, não *estamos* seguros, pois *somos* o *seguro* social, não? Dependendo do ângulo do qual se olha, ou produzimos seguro ou somos seguro... como se estivesse sendo perdido

um lado *bom*, ou inicial ou correto, se é que há, ou algum dia houve, apenas um lado para ser humano...

Pensando em apontar reflexões ampliadas pela atenção, neste final, somente encontro o quanto uma prática pela transgressão da ordem instituída pode desnudar-se como atenção psicológica ao avesso do avesso do avesso do avesso: cuidar por entre muros e grades: proteção ou contenção? Eis outra cartografia possível: separação, seguro, disciplina, educação são apelos ao recuar à serenidade solícita da própria solidão de cuidar de *ser*. Agora, atenção se faz uma prática psicológica em instituições cuidando de ser, estética, ética e policamente, para cuidar de ser demandando atenção para poder ser.

GLOSSÁRIO

Atrasar – 1. Causar o adiamento da internação. O termo pode ser usado como *ele me atrasou* ou ainda *o fato atrasou meu relatório*.

Assistente – 1. Técnico. O nome é decorrente à função do assistente social, embora a equipe técnica seja composta também por psicólogos.

Barraco – 1. Quarto da FEBEM. 2. Casa do *mundão*.

Bonde – 1. Transferência para outras unidades.

Boy – 1. Pessoa com situação financeira favorável. Referem ao *boy*, em geral, jovens com bom poder aquisitivo e família estruturada; o *boy* se difere do *trabalhador* porque não precisa trabalhar, mesmo que o faça.

Cadeia Pesar – 1. Sentir-se acuado por muitos sentimentos, principalmente a saudade; 2. Sentir-se a pressão de vários lados para persuadi-lo.

Cagüeta – 1. Denunciante; delator; dedo-duro; alcoviteiro.

Cagüetar – 2. Delatar; dedurar; informar.

Cantar a liberdade – 1. Receber a autorização judicial autorizando a desinternação.

Casa – 1. Unidade da FEBEM. Este termo também é usado para se referir às casas do *mundão*, apontando para uma incoerência, já que algumas das palavras do vocabulário são usadas exatamente para diferenciar a *FEBEM* do *mundão*.

Castelar – 1. Pensar na vida; refletir; *viajar*. 2. Sonhar; desejar; *viajar*. A provável origem da palavra *castelar* é da expressão *construir castelos*, que se refere a sonhar com o quase inatingível dos contos de fadas.

Chapar – 1. Enlouquecer; pirar.

Coban – 1. Assaltante de bancos. A palavra *coban* é a formação inversa das sílabas da palavra *banco*.

Colar – 1. Chegar perto, aproximar-se.

Correr – 1. Andar junto, ser companheiro. *Fazer um corre* – 1. *Correria*; ação relacionada a crime; *fazer uma fita*. 3. Ajudar alguém; ex: “ele fez um corre para mim”.

Correria; ação relacionada a crime; *fazer uma fita*. 3. Ajudar alguém; ex: “ele fez um corre para mim”.

Correria – 1. Ação relacionada a crime. 2. A vida no crime.

Debate – 1. Julgamento feito por e entre adolescentes internos. 2. Discussão entre pessoas que pensam de forma diferente. 3. Disputa da verdade ou convencimento através do dizer.

Desceu o morro – 1. Foi para o *seguro*.

Desfazer – 1. Menosprezar algo oferecido.

Dominar a casa – 1. Comandar a unidade. O termo *casa dominada*, em geral, é usado para dizer da unidade quando está sob domínio das regras dos adolescentes, mas pode-se dizer “*a casa dominada pelos funcionários*”.

Fazer curva – 1. Mentir. A expressão usada é: *a palavra faz curva*..

Fita – 1. Acontecimento. **Fazer uma fita** – 1. *Fazer um corre*; ação relacionada a crime.

Galinagem – 1. Brincadeira. O termo *galinagem* é usado para diferenciar uma brincadeira de crianças da brincadeira entre *manos*.

Garantir-se – 1. Ganhar um *debate*. 2. Manter-se coerente no discurso ou na ação. 3. Manter-se firme, ou seja, não demonstrar temor, em uma situação de ameaça.

Gardenal – 1. Louco. 2. Pessoa com retardo mental. A palavra tem origem no psicotrópico *Gardenal*.

Globo – 1. Cabeça. A palavra *cabeça* é proibida por remeter à *cabeça do pênis*.

Idéia – 1. Pensamento. O termo pode ser usado em diferentes expressões como: *Dar um nó nas idéias* ou *Surra nas idéias* (confundir-se); *Bolar uma idéia* (conversar).

Jack – 1. Estuprador. A origem da palavra *Jack* é oriunda do criminoso inglês do início do séc XX *Jack, o extirpador*. É *seguro* todo adolescente descoberto *Jack*.

Jega – 1. Cama do *barraco*, local para dormir na FEBEM.

Laranja – 1. Acusado injustamente; aquele que assumiu o boletim de ocorrência de um outro parceiro.

Mano – 1. Adolescente não *boy* nem *sangue-ruim*.

Massa – 1. Mentira. 2. Exagerar no discurso; contar uma história aumentada. Em geral, o termo é utilizado com a expressão *jogar massa*.

Masseiro – 1. Aquele que *joga massa*.

Mundão – 1. O espaço fora da FEBEM; mundo externo à FEBEM.

Naifa – 1. Arma branca artesanal confeccionada na própria cadeia, faca. Termo retirado do inglês *knife* (faca) para o uso aportuguesado, tanto como substantivo *naifa*, como no verbo *naifar*.

Naifar – 1. Golpe com o uso de uma *naifa*.

Nóia – 1. Usuário de drogas; drogado. 2. Estado após o uso de uma droga; drogado.

Pagar a ducha – 1. Tomar banho. O termo é obrigatório nas unidades de internação para marcar a diferença entre estar preso e estar em casa; em casa, ele “toma banho”, já preso, “paga ducha”.

Pé de Pato – 1. Matador; pessoa contratada para matar bandido. É *seguro* todo adolescente descoberto *Pé de Pato*.

Pedrinha – 1. Adolescentes internos mais novos com infrações leves. 2. Nóia; usuário de drogas. Em geral, os *pedrinhas* são crianças e adolescentes que assaltam carros nos semáforos da cidade ou pedestres para comprar *pedras* de craque, daí a origem da palavra.

Peixe – 1. Adolescente informante; relator dos acontecimentos da unidade para os funcionários. O *peixe*, quando descoberto, é excluído pelos outros adolescentes, mas, em geral, são adolescentes já em situação de *seguro*.

Pilantra – 1. Adolescentes que descumpriram leis do crime ou normas da unidade regidas pelos internos; *seguro*.

Pipa – 1. mensagem; carta. Na *boca* de tráfico de drogas, a pipa está no ar indica que a área está segura, ou seja, sem policiais por perto. Quando uma pipa é empinada pode transmitir um recado qualquer, basta deixá-la cair.

Pirriu – 1. Funcionários da FEBEM responsáveis pela segurança externa. O grupo de *pirrius* entram na unidade de internação quando há necessidade de intervenção externa, ou quando é preciso *zerar a casa*.

Praia – 1. Colchão improvisado no chão do *barraco*.

Psico – 1. O uso das palavras para amedrontar. A expressão *dar um psico* significa provocar o medo através apenas de palavras.

Quebrada – 1. Local; região; bairro.

Quebrar as pernas – 1. Deixar o outro confuso em seu próprio discurso. 2. Contradizer o outro, deixando-o sem resposta. Esta expressão refere-se a deixar o outro sem apoio, *sem chão*.

Relatório Desceu – 1. Relatório técnico negado pelo judiciário.

Relatório Subiu – 1. Relatório técnico encaminhado ao judiciário.

Sangue-bom – 1. Pessoa que não é *sangue-ruim*.

Sangue-ruim – 1. Pilantra; pessoa em quem não se pode confiar; pessoa de má índole.

Seguro – 1. Adolescente condenado à exclusão pelos outros, ficando sob a segurança dos funcionários; pilantra (o adolescente é *seguro*; adolescente-seguro). 2. O espaço para adolescentes condenados à exclusão pelos outros (o adolescente está no *seguro*).

Sistema – 1. Conjunto de normas e regras dos adolescentes internos; código de honra.

Trabalhador – 1. Pessoa humilde que trabalha por precisar sustentar a família. *Boy* não é trabalhador.

Trampo – 1. Trabalho. 2. Trabalho manual feito pelos adolescentes na unidade. Refere-se a um “trabalho de cadeia”, transmitido de boca a boca. O *trampo* serve para *ocupar a mente* e não *chapar* durante o período de internação, além de ser presentes para visitas do adolescente.

Treta – 1. Confusão.

Vista – 1. Olhos. A palavra *olhos* é proibida por remeter a ânus, *olho do cu*.

Voz ativa – 1. Adolescente interno com direito de se expressar entre os outros;
sangue-bom.

Xepa – 1. Comida; refeição; almoço ou janta. 2. Tudo que seja de origem da
FEBEM. Ex: *roupa da xepa.*

Xepar – 1. Comer; almoçar; jantar. O termo é obrigatório nas unidades de internação
para marcar a diferença entre estar preso e estar em casa; em casa se come
(janta ou almoça), já preso, se *xepa.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, A.N. e MORATO, H.T.P. *A dimensão ética (e moral) das práticas institucionais*, 2004. 30 p. No prelo.

AMARAL, A.C.L. Sobre a memória em Jacques Derrida. In NACIMENTO, E. e GLENADEL, P. (org) *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 31-43

ARENDT, H. (1954) *Entre o passado e o futuro*. Trad. Maruro Barbosa de Almeida. 5 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. 548 p.

AUGRAS, M. *O Ser da Compreensão*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BARUS-MICHEL, J. Intervir enfrentando os paradoxos da organização. In: ARAUJO, J.N.G. e CARRETEIRO, T.C. (Org.) *Cenários Sociais*. São Paulo: Escuta, 2001. p 171-186

_____. *O Sujeito Social*. Minas Gerais: Edipuc-MG, 2004. 312 p.

BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CIDADE DE DEUS. Direção de Fernando Meirelles Brasil. Produção de Walter Salles. Brasil: Videofilmes / O2 Filmes, 2002. DVD (135 min), son, color.

COSTA, D.I.P. O lugar do jovem na história brasileira. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A JUVENTUDE BRASILEIRA: perspectivas e ações em saúde, educação e cidadania, 2004. Rio de Janeiro. *Anais/Resumos*. Rio de Janeiro: NIPIAC e UFRJ. p. 173

CUPOLILLO et all, Subjetividade e a dialética da inclusão/exclusão em contextos educacionais. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A JUVENTUDE BRASILEIRA: perspectivas e ações em saúde, educação e cidadania, 2004. Rio de Janeiro. *Anais/Resumos*. Rio de Janeiro: NIPIAC e UFRJ. p. 224

ENRIQUEZ, E. (2001a) A interioridade está acabando? In: LEVY, A. et all (Org) *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p 45-60.

_____ (2001b) O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: LEVY, A. et all (Org) *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p 27-44.

_____ (2001c) O Vínculo Grupal. In: LEVY, A. et all (Org) *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p 61-74.

_____ (2001d) Instituições, poder e desconhecimento. In: ARAUJO, J.N.G. e CARRETEIRO, T.C. (Org.) *Cenários Sociais*. São Paulo: Escuta, 2001. p. 49-74

FIGUEIREDO, L. C. Sob o Signo da Multiplicidade. In: *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo, PUCSP, n1, p 86-95, 1993.

_____ *Revisitando as psicologias: da epistemologia à Ética nas práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1995.

- _____ Questões ontológicas (e pré-ontológicas) na pesquisa dos processos de singularização. São Paulo, 1997, 21p. Mimeo
- _____ Temporalidad y Narratividad en los procesos de subjectivación de la clínica psicoanalítica. In: RVALETTI, M. L. (Org.). *Temporalidad. El problema del tiempo en el pensamiento actual*. 1 ed. Buenos Aires, 1998. p. 271-282.
- _____. *Cidade de Deus, tragédia brasileira*. 2004. 24 p. Mimeo
- GOFFMAN, E. (1961) *Manicômios, prisões e conventos*. Trad Dante Moreira Leite. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. 312 p.
- GONÇALVES FILHO, J.M. Humilhação social um problema político em psicologia. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 11-67, 1998.
- GUARA, I.M.F.R. *O crime não compensam, mas não admite falhas – padrões morais dos jovens autores de infração*. 2000. Tese (Doutorado em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2000.
- HEIDEGGER, M. (1927) *Ser e Tempo*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 325 p.
- HOLZER, W. *Paisagem e Lugar: um estudo fenomenológico sobre o Brasil do século XVI*. Tese (Doutorado em Geografia). 1998. 233f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 1998.
- INSTINCT Direção de *Jon Turteltaub*. Produção de Barbara Boyle, Hunt Lowry e Wolfgang Petersen. EUA: 1999. 1 videocassete VHS (127 minutos), son, color.
- JABOR, A. Cidade de Deus desmascara nossa crueldade. In MANTOVANI, B.; MEIRELLES, F.; MÜLLER, A.L. (Org) *Cidade de Deus: o roteiro do filme*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p 208-209.
- LÉVY, A. Violência, Mudança e Desconstrução. In: ARAUJO, J.N.G. e CARRETEIRO, T.C. (Org.) *Cenários Sociais*. São Paulo: Escuta, 2001. p 75-89
- _____ *Ciências Clínicas e Organizações Sociais: sentido e crise do sentido*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 224 p.

- LOURAU, R. *Análise Institucional e Práticas em Pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
- LORAUX, N. A tragédia grega e o humano. In: NOVAES, A. (Org) *Ética*. São Paulo: Editora Schwarc, 1992. p. 17 – 34.
- MERLEAU PONTY, M. (1963) *O Olho e o Espírito*. Trad. Zeljko Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p. 275-301 (Coleção Os Pensadores).
- MORATO, H.T.P. Aconselhamento psicológico: uma passagem para a transdisciplinariedade. In: _____. (Org.) *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p 61-90
- MORATO, H.T.P.; SCHMIDT, M.L.S. Aprendizagem Significativa e Experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. In: MORATO, H.T.P. (Org.) *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 117-130
- MORATO *et all*. Supervisão de Apoio Psicológico: espelho mágico para desenvolvimento de educadores de rua. In: MORATO, H.T.P. (Org.) *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 177-186
- NOTÍCIAS DE UMA GUERRA PARTICULAR. Direção de João Moreira Salles e Kátia Lund. Produção de Raquel Zangrande. Brasil/RJ: Videofilmes, 1999. 35mm (57 min), son, color.
- OFICINA DE ATORES. Direção de Ana Braga. Produção de Bel Berlinck. Brasil/RJ: Videofilmes, 1999. 35mm (57 min), son, color.
- PAGÈS, M. O sistema sociomental hospitalar. In: ARAUJO, J.N.G. e CARRETEIRO, T.C. (Org.) *Cenários Sociais*. São Paulo: Escuta, 2001. p. 245-260.
- POMPEIA, J. A. Uma caracterização da psicoterapia. *Revista da Associação Brasileira de Daseinanalyse*. São Paulo, n. 2000, p. 19-30, 2000

- _____. Fenomenologia em Boss In: MORATO, H.T.P. (Org) *Colóquios das Sextas* São Paulo: Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica e Existencial, 2001. (comunicação oral)
- ROLNIK, S. B. *Cartografia Sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial*. Tese (Doutorado em Psicologia). 1987. 188 f. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 1987.
- ROSA, J.G. (1962) *Primeiras Estórias* 49 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 236p.
- SERRES, M. *Filosofia Mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 190 p.
- SÉVIGNY, R. Abordagem clínica na ciências humanas. In: ARAUJO, J.N.G. e CARRETEIRO, T.C. (Org.) *Cenários Sociais*. São Paulo: Escuta, 2001. p 15-33.
- SILVA, J.S. Juventude e vida urbana: caminhando com (e contra) Sísifo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A JUVENTUDE BRASILEIRA: perspectivas e ações em saúde, educação e cidadania, 2004. Rio de Janeiro. *Anais/Resumos*. Rio de Janeiro: NIPIAC e UFRJ. p. 19-22
- SCHMIDT, M.L.S. *A experiência nos meios de comunicação de massa*. 1990. 212 f. Tese (Doutorado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1990
- SCHMIDT, M.L.S. Aconselhamento Psicológico e Instituição: algumas considerações sobre o serviço de aconselhamento psicológico. In: MORATO, H.T.P. (Org.) *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p.91-106
- SOFOCLES (496aC-406aC). *Édipo Rei*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&M Pocket, 1998. 108 p.
- UNGER, N. M. *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991. 94 p.
- VERNANT, J. e VIDAL-NAQUET, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga* São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.